



DE OMNI RE SCRIBI

MEC - SEC

BIBLIOTECA MÁRIO DE  
ANDRADE

SEÇÃO DE MICROFILME

SÃO PAULO - BRASIL

**PAGINAÇÃO IRREGULAR**

REVISTA FEMININA (1920)

OBSERVAÇÃO:

AS FALHAS LOCALIZADAS APÓS A MICROFILMAGEM DOS ORIGINAIS  
SERÃO INSERIDAS NO FINAL DO ROLO.

FALTA: MARÇO Nº 70

REVISTA FEMININA -SP

JANEIRO 1920 À

DEZEMBRO 1921

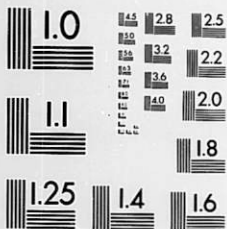
N- 68 À 91

ANNO VII E VIII

1920



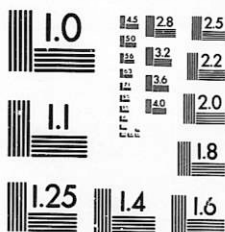
JANEIRO



PHOTOGRAPHIC SCIENCES CORPORATION  
770 BASKET ROAD  
P.O. BOX 338  
WEBSTER, NEW YORK 14580  
(716) 265-1600

GR-

2.5 cm.



PHOTOGRAPHIC SCIENCES CORPORATION  
770 BASKET ROAD  
P.O. BOX 338  
WEBSTER, NEW YORK 14580  
(716) 265-1600

14X

5. cm.

10. cm.



1920

2-23

# Revista Feminina



Anno VII

Preço 1\$200

Num. 68

BIBLIOTHECA PUBLICA DO ESTADO

Registrado sob o n. 30

25 de Outubro de 1920

livro n. \_\_\_\_\_ de Registro

Casa Alemã

FUNDADA

EM 1883

*Avisamos a nossa distincta  
clientela que acabamos de re-  
ceber as*

**Ultimas creações para o Verão**

BLUSAS

VESTIDOS

CHAPÉOS

VESTIDOS-LINGERIE

*Em Voiles, Etamines, Mousselines, Creponés, etc.,  
todas as cores e desenhos da ultima moda, para  
senhoras e filletes, de*

*Rs. 65\$, 85\$, 95\$,*

*110\$ até 190\$*

Rua Direita  
16-18-20

Wagner, Schädlich & C.



Fazendas  
e Modas

Armarinho  
Roupa

Rua Libero Badaró 100-104

São Paulo - Brazil

Casa Lemcke

Fazendas,  
Modas,  
Roupa branca  
Armarinho

**HENRIQUE LEMCKE**

Rua Libero Badaró 100 - 104

TELEPHONE N. 258 - CAIXA POSTAL N. 221

# A' Illuminadora

Rua da Boa Vista N. 47



ARTIGOS PARA ILLUMINAÇÃO EM GERAL. LAMPADAS ELECTRICAS ECONOMICAS. MOTORES PORTATEIS PARA MACHINAS DE COSTURA. SECADORES de CABELLO e outros artigos DOMESTICOS.

Abat-Jours de seda e firmações de arame de qualquer modelo.

— FAZEMOS SOB ENCOMENDA —

## ARTE CULINARIA

**ADALIUS - 3. edição**

Já está exposto á venda, na redacção da «REVISTA FEMININA», rua do Rosario, 12. 2.º andar, o preciosissimo livro «Adalius», especialmente confeccionado para uso das donas de casa. A primeira e segunda edição, que continham poucas paginas, exgotaram-se rapidamente, a despeito da sua avultada tiragem. Esta terceira edição compõe-se de mais de cem paginas e está enriquecida notavelmente de receitas e conselhos culinarios.



Livros sobre cosinha não faltam em portu- guez; mas todos elles se resentem de um grave defeito: as suas receitas ou são obscuras ou não são realisaveis, pelas difficuldades que apresenta a sua execução. Além disao, algumas re-

ceitas que esses livros apresentam, se são reali- saveis, nem sempre obtem exito, porque não foram experimentadas. Ora, as receitas do «Ada- lius» são todas experimentadas, e, o que mais é, estão ao alcance de quem quer que queira experimental-as, tal a clareza com que são es- criptas.

«Adalius» contem mais de quatrocentas receitas. O seu texto é constituído das melhores re- ceitas para lunch, cozinha, doces, de conselhos sobre hygiene, sobre o cuidado e ornamentação da mesa de jantar, de tudo, emfim, que pôde interessar uma dona de casa. E' uma obra de que não deve prescindir nenhuma dona de casa, que o deve lêr constantemente, consultar e conservar como o seu livro predilecto.

Não ha dona de casa que se não queixe da difficuldade ou obscuridade com que são com- postos os livros de arte culinaria.

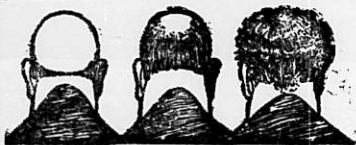
O «Adalius», ao contrario, não traz nenhu- ma receita que não fosse experimentada e cuja confeção se torne difficil. Todo elle, seja qual fór o assumpto de que trate, é absolutamente apro veitavel e util. O seu texto é claro, sim- ples e comprehensivel.

O seu preço é 25000 reis. Esse preço está, como se vê, ao alcance das bolsas mais modes- tas, sendo certo que a «REVISTA FEMININA», que o editou, não aufero nenhum lucro com a venda. O «Adalius», vendido por esse preço, constitue, antes, um beneficio que faz ás suas leitoras e um meio de propagaçãa.

Enviem pois seu endereço e a quantia de dois mil réis em salles do correio, á redacção da «REVISTA FEMININA» - S. Paulo, e immediatamente receberem pelo correio o precioso livro sobre cozinha «Adalius».

ANDAR 13 PRAT. e  
EST. 19. da CRD.

## "O PILOGENIO" serve-lhe em qualquer caso



Se já quasi não tem serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe fará vir cabelo novo e abundante.

Se começa a ter pouco, serve-lhe o PILOGENIO, porque impede que o cabelo continue a cair.

Se ainda tem muito, serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe garante a hygiene do cabelo.

Ainda para a extincção da caspa

Ainda para o tratamento da barba e loção de toilette — O PILOGENIO

SEMPRE O "PILOGENIO"

"PILOGENIO" SEMPRE!

A' venda em todas as pharmacias, drogarias e perfumarias

**LYCETOL**  
GRANULADO  
**GIFFONI**  
DISSOLVÍVEL - EXPELLE  
ACIDO URICO

RECEITADO DIARIAMENTE PELAS SUMMIDADES MEDICAS  
CONTRA  
DIATHESE URICA - COLICAS NEPHRITICAS  
CALCULOS BILIARES  
ARTHRITISMO - RHEUMATISMO  
→ GOTA ←

EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS DO BRAZIL  
DEPOSITO GERAL DROGARIA GIFFONI

FRANCISCO GIFFONI & C.<sup>IA</sup> - RUA 1.<sup>ª</sup> DE MARÇO 17  
RIO DE JANEIRO

## RECEITAS DE BELLEZA PARA COLORIR OS CABELLOS

Desde os tempos mythologicos — com a magica Medea — o homem procura resistir, por meios artificiaes, aos estragos da idade, visando, principalmente os cabelos brancos, que são os primeiros e os mais evidentes signaes da velhice.

Entre as tinturas usadas para tal fim figuram as de saes de ciumbo, de prata, de cobre, de mercúrio, de cal, de bismutho, de estanho, e outras, que produzem sobre o organismo inteiro graves desordens que só muito tarde são percebidas. As tinturas americanas são a base de sulfato de cadmium e sulphidrato de ammoniaco. São menos toxicas, mas irritam o couro cabeludo e provocam a calvice rapida. As tinturas a base de nitrato de prata, tão espalhadas, são de acção toxica lenta e fatal. Ha, porém, alguns productos vegetaes inoffensivos (que infelizmente, dão uma coloração muito fraca e pouco duravel). A unica que se pôde recomendar sem receio e que, da resultados admiraveis é a *Petalina*, com a qual se pôde obter, graduando as doses, todos os tons, do castanho claro ao negro azeviche. Infelizmente este producto é raro em nosso meio, sendo oriundo da Persia, de onde actualmente só pôde vir com grande difficuldade.

A Empresa Feminina Brasileira acaba de receber uma pequena partida.

Podeis obtel-a por intermedio de nossa *Revista*, enviando a importancia de 10\$000 e mais 500 réis para a remessa.



## VINHO BIOGENICO (Vinho que dá vida)

Para uso dos convalescentes, das puerperas, dos neurasthenicos, anemicos, dyspepticos arthriticos. Poderoso tonico e estimulante da "Vitalidade", o VINHO BIOGENICO é o restaurador naturalmente indicado sempre que se tem em vista uma melhora da nutrição, um levantamento geral das forças, da actividade psychica e da energia cardiaca.

É o fortificante preferivel nas convalescenças, nas molestias depressivas e consumptivas, (neurasthenia, anomia, lymphatismo, dyspepsias, adynamia, cachexia, arterio-sclerose), etc. Reconstituinte indispensavel ás senhoras, durante a gravidez e após o parto, assim como ás amas de leite. É um poderoso medicamento bioplastico e lactogenico.

Receitado diariamente pelas summidades medicas

Encontra-se nas boas pharmacias e drogarias. Deposito Geral:  
PHARMACIA E DROGARIA de — FRANCISCO GIFFONI & C.  
Rua 1.<sup>ª</sup> de Março, 17 — Rio de Janeiro



# Companhia Nacional de Tecidos de Juta

*Rua de São Bento  
N.º 29-A*

*Telephone Central, 872  
Caixa Postal, 342*

CODIGOS: Particular  
*Ribeiro.*

*A. B. C. 4.ª e 5.ª edição  
A. I.*

Telegram.: "Juta" S. Paulo

## Fiação e Tecelagem Aniagem e Saccaria

Tapetes, lonas, baixeiros e lençóis para terreiro de café

Saccos para colheita de café com capacidade de 100, 110 e 120 litros.

Saccos especiaes para arroz em casca e beneficiado.

Saccos para cereaes com capacidade de 80 e 100 litros.

Saccos especiaes para cacau.

Lona especial para colchões.

Tapetes para passadeiras de diversos padrões.—Cobertores de juta, de Juta e lã,  
e de lã. Fio de algodão de diversos typos.

Tecidos de algodão etc., etc.

# Companhia Mechanica e Importadora de São Paulo

## SÃO PAULO

N. 36 Rua 15 de Novembro N. 36

## RIO DE JANEIRO

N. 25 Avenida Rio Branco N. 25

## SANTOS

Rua Santo Antonio N. 108 - 110

## LONDRES

Broad Street House  
New Broad Street, E. C.

Codigos em uso: A. B. C. 5.ª edição. A. 1.,  
A. 2., WESTERN-UNION, LIEBER'S e RIBEIRO

Endereço Telegrafico: MECHANICA

Unicos agentes dos  
afamados automoveis

# SPA

A grande marca mundial

Proxima chegada dos  
mais modernos typos

Procuram deste ja  
informações

# SEIOS

Desenvolvidos - Fortificados -  
Afimoseados

Com



## APasta Russa

### Do Dr. G. Ricabal

O unico REMEDIO que em menos de  
dous mezes assegura o desenvolvimen-  
to. a firmeza dos SEIOS, sem causar  
damno algum á saude da Mulher

"Vide os attestados e prospectos que acom-  
panham cada Caixa"

A' venda em todas as PHARMACIAS,  
DROGARIAS E CASAS de PERFUMA-  
RIAS DO BRAZIL.

Deposito em S. Paulo, DROGARIA BARUEL

**Aviso** - Remette-se registado pelo Correio, pa-  
ra qualquer parte do Brazil, mediante a  
quantia de 10\$000, enviada em carta com VALOR DE-  
CLARADO, ao Agente Geral - J. DE CARVALHO  
Rua General Camara, 226, sobrado - (Junto á  
Avenida Passos)  
- CAIXA POSTAL N.º 1724 - Rio de Janeiro.

## Livraria Francisco Alves

Caixa Postal, L  
End. Teleg.: FILIALVES  
Rua Libero Badaró N. 129  
S. PAULO

O Contrasteiro de Dismetias, por Affonso Arinos 1 vol. br.	24000
O Mestre de Campo, por Affonso Arinos 1 vol. br.	24000 enc.
Poeta de Estrada, por Afranio Peixoto 1 vol. br.	34000 enc.
Trovas Brasileiras, celligidas por Afranio Peixoto 1 vol. br.	34000 enc.
Semeadas e Esperanças, por Luiz Guimarães 1 vol. br.	49000
Site de Jezeu pessos, por Osorio Duque Estrada 1. vol. enc.	48000
Tesouro Positico, collectanea das melhores postas nacionaes, por Osorio Duque Estrada 1 vol. enc.	36000
Site de Escraper, theoria do estylo, por Xavier Marques 1 vol. br.	24000 enc.
Diagnostico de Rimas, por Guimarães Passos e Olavo Bilac 1 vol. cart.	43000
Tratado de Versificação, por Guimarães Passos e Olavo Bilac 1 vol. cart.	34000

DR. RODRIGUES GUÃO — Clinica medico-cirurgica, especialmente de partos, molestias das mulheres e crianças.—Consultorio rua de S. Bento, 54 (Palacete Jordão). 1. andar. saia n. 11. Consultas, das 13 ás 15 horas. — Residencia: alameda Barão de Piracemba, 139. — Telephono, 28-35.

## Crianças Pallidas, Lymphaticas, Escrophulosas, Rachiticas ou Anemicas.



O **JUGLANDINO** de GIFFONI é um excellente reconstituinte dos organismos enfraquecidos das crianças, poderoso tônico depurativo e anti-escrophuloso, que nunca falha no tratamento das molestias consumptivas acima apontadas.



É superior ao óleo de fígado de bacalhão e suas emulsões, porque contem em muito maior proporção o *todo vegetalizado* intimamente combinado ao *tannino da noqueira (Juglans regia)* e o *Phosphoro Physiologico* medicamento eminentemente vitalizador, sob uma forma agradável e inteiramente assimilavel.



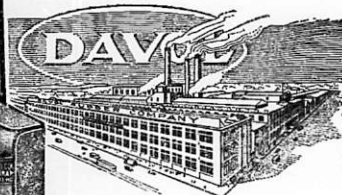
É um xarope saboroso que não perturba o estomago e os intestinos, como frequentemente succede ao óleo e ás emulsões, dahi a preferéncia dada ao **JUGLANDINO** pelos muitos distinctos clinicos, que o receitam diariamente aos seus preciosos filhos. — Para os adultos preparamos o **VINHO IODOTANNICO GLYCERAO-PHOSPHATADO**.

Encontram-se ambos nas boas drogarias e pharmacias desta cidade e dos Estados e no deposito geral:  
**Pharmacia e Drogaria de FRANCISCO GIFFONI & C<sup>a</sup>**  
Rua Primeiro de Março, 17 — Rio de Janeiro

## MENSTROL Unico para as enfermidades da MULHER

O DESENVOLVIMENTO DA MULHER, ATRAZO E IRREGULARIDADE DA MENSTRUACAO, HYSTERISMO, ENFERMIDADES NERVOSAS, TODAS AS JAFFECCOES UTERINAS e DEFEITOS DA CIRCULACAO DO SANGUE

A venda em todas as Drogarias e Pharmacias no Brasil nas Republicas Argentina e da Uruguay



### Bebés Felizes e Saudaveis

são os que tem perfeita digestão

Os Bicos de Mamadeira Davol contra Colicas

conservam os bebês porque são hygienicos e scientificamente perfectos.

A parte superior espherica permite uma boa presa e evita que se engula ar.

Os tres orificios de alimentacao são como os peitos da mãe e evitam que o leite asphitice o bebê.

A parte interior e exterior são lisas, garantindo assim uma perfeita limpeza.

Todos os bicos de mamadeira Davol são de borracha pura. O seu uso é recomendado pelos medicos e hospitais.

**DAVOL RUBBER COMPANY**

Dept. C-5

Fabricantes de artigos finos de borracha,  
Providence, R. I., E. U. A.





**Guilherme Messel**  
**Clichés**  
 Telefone  
 Nº 2001.  
 (Cidade)  
 Rua dos Guapanazes 155.  
 São Paulo.

# Belleza

## das unhas

Um dos peores sestros que se adquirem na infancia é o de reer as unhas. E' um vicio que o individuo difficilmente se corrige. O menor dos seus inconvenientes é o de deformar a ponta dos dedos e trazel-os sempre sangrando. Esse é o menor, porque o maior dos seus inconvenientes é affectar economia geral do organismo.

Corrigir-se alguem desse vicio pela força da vontade é tão penoso, ou mais, como deixar de fumar.

O unico meio, o unico processo é usar a «Onichophagina», que se applica com um pincel debaixo das unhas e se deixa secar. Se se trata de corrigir a creança desse vicio, deve-se renovar a applicação toda vez que ella lavar as mãos.

A «Onichophagina» vende-se a 58000 o frasco, Pedidos na Revista Feminina.

**Casa de moveis GOLDSTEIN**  
 A MAIOR EM SÃO PAULO  
**Jacob Goldstein**  
 Grande sortimento de moveis de todos os estylos, e qualidades. Camas de ferro simples e esmaltadas, colchoaria tapeçaria, louças e utensilios para cozinha e mais artigos concernentes a este ramo. Preços vantajosos. Tenho automovel á disposição dos interessados, sem compromisso de compra, telefonar para 2113 Cid. Vendas só a diaheiro.  
 Rua José Paulino N. 84

Córite e envie sem demóra  
 este coupon á redacção  
 da Revista Feminina

..... de ..... de 191 .....

**SR. JOÃO SALLES** DIRECTOR DA "REVISTA FEMININA"  
 Praça Antonio Prado (Palacete Briccola) - S. Paulo

*Peço-lhe inscrever-me como assignante da Revista Feminina,*  
 por um aãno, a começar em.....  
 de 192 ..... e a terminar em..... de 192 .....

para cujo págamento enconstrará annexa a importancia de Rs. 15\$000  
 caso prefira receber a Revista registrada deveis enviar mais cinco mil réis ou sejam 20\$000 (em dinheiro, cheque, ordem ou sellos).

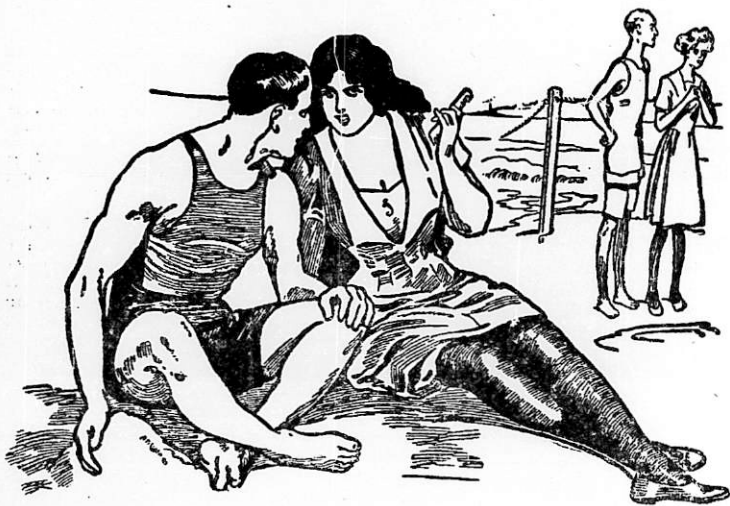
---

As cartas com as importanezas devem vir sob registro e valor declarado

Endereço.....  
 Bogar.....  
 Estado.....  
 Observações.....

# Phosphoro e ferro em abundancia, e ria-se V. S. das doenças

O COMPOSTO RIBOTT é a melhor forma de tomar ferro e phosphoro



Olha para aquelle par de rachilicos: porque não tomardão o COMPOSTO RIBOTT para ganhar forças, vigor, vitalidade e energia ?

Ninguém ignora que são estas duas substancias indispensaveis á boa conservação do nosso organismo, e que a deficiencia das mesmas ou d'algumas dellas produz fatalmente desarranjos prejudiciaes á nossa saúde. Nem todos os organismos, porém, podem assimilar devidamente estas substancias indispensaveis, cuja escassez no systema, traz como resultado infallivel o esgotamento physico, manifestando frequentemente na forma de neurasthenis, debilidade geral, anemia ou pobreza de sangue, rheumatismo, dyspepsia, etc. O COMPOSTO RIBOTT (phosphate-ferruginoso-organico), é o tónico predilecto dos Srs. medicos para supprir a falta destas substancias no organismo. E isto se explica pelo facto de levar o COMPOSTO RIBOTT sua formula integralmente impressa em cada vidio. O medico, o pharmaceutico, o o paciente tem confiança neste acreditado producto porque sabem o que recebem, recommendam ou tomam respectivamente.

Se V. S. estima sua saúde não deverá nunca tomar um remedio secreto, cuja formula desconhece. Quando V. S. toma COMPOSTO RIBOTT, sabe que está fornecendo ferro, na

fôrma mais assimilavel conhecida no seu sangue e phosphoro aos seus nervos.

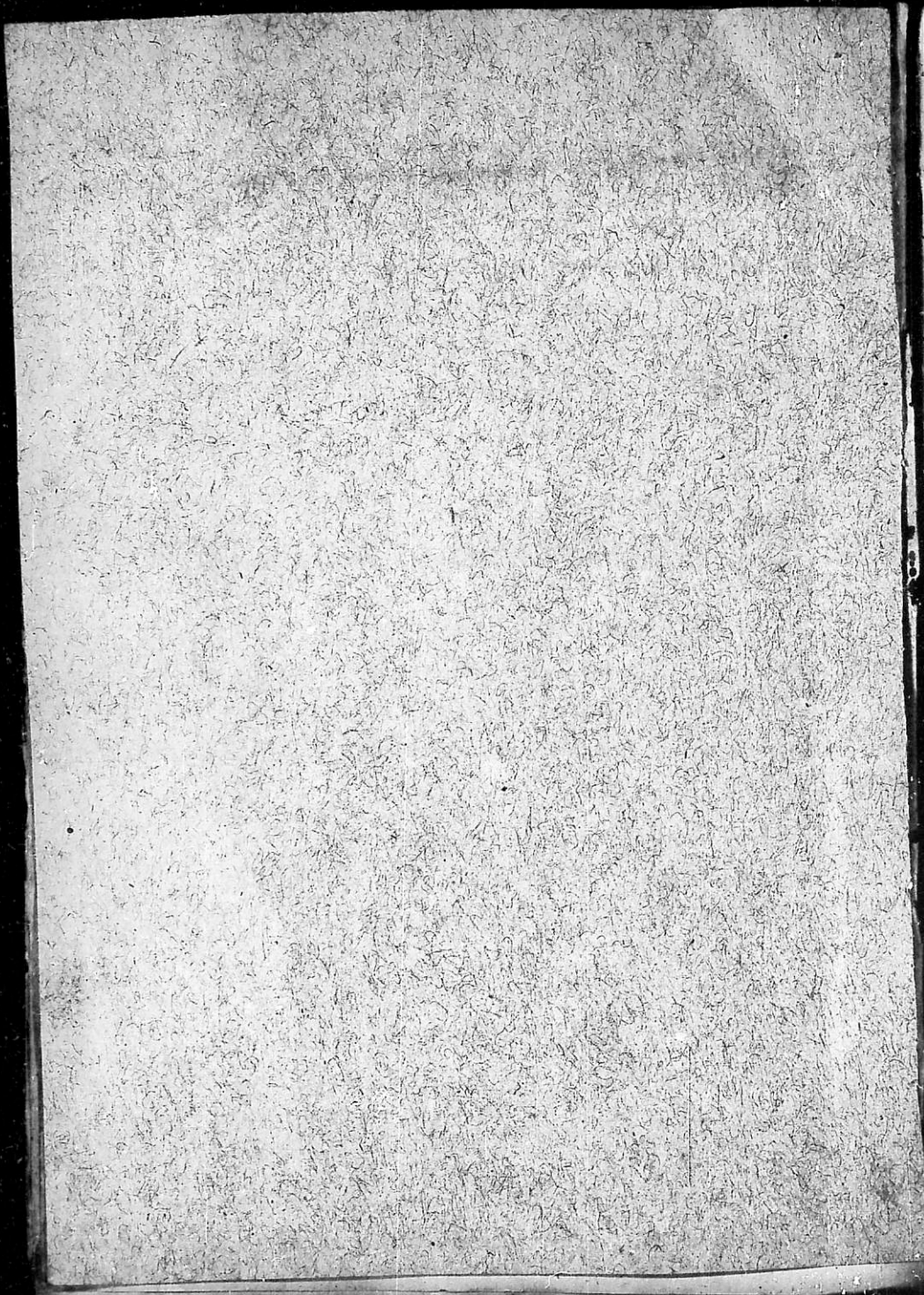
O COMPOSTO RIBOTT é a ultima palavra em therapeutica moderna como tónico recuperador de forças, carnes e energias perdidas; enriquece o sangue com rapidez, assombrosa, alimenta e tonifica os nervos, e corrige os desordens ou desarranjos digestivos.

As pessoas fracas, debéis, nervosas, anemicas e dyspepticas duplicam suas energias e forças de resistencia em poucos dias de tratamento. Se V. S. sente-se cansado, debil, nervoso e abatido, com falta de appetite, e dera frequetes de cabeça, devidas á pobreza do sangue, não perca um minuto e comece a se tratar com o COMPOSTO RIBOTT. Seu proprio medico o recommendará. Vendem-se em todas as drogarias e pharmacias acreditadas. Mandaremos amostra gratis, ás pessoas interessadas que solicitem preços, e remetam 400 réis um sellos do correio para pagar o porte, etc.

Unico depositario no Brasil

**BENIGNO NIEVA - Caixa Postal, 979 - RIO DE JANEIRO**





Assinatura annual para todo o Brasil . . . . . 155000  
Assinatura com registro 205000  
Idem para o estrangeiro 305000

# Revista Feminina

Redacção  
:: PRAÇA ANTONIO PRADD ::  
Palacete Briccola  
Telephone N. 5661 - Central ::

FUNDADA POR VIRGILINA DE SOUZA SALLES

Secretaria: Avelina de Souza Salles

● O Congresso Brasileiro de Jornalistas declarou que a "Revista Feminina" é um modelo digno de imitação.

Sua Eminência o Cardeal Arcovado afirma que a "Revista Feminina" é redigida com elevação de sentimentos e largueza de vistas.

ANNO VII

8

SÃO PAULO, JANEIRO DE 1920

8

NUM. 68

## JANEIRO



**EM** DIA do mez passado, um marido que mata sua mulher, interrogado por um jornalista, declarou-lhe com a flegma com que se relatam os factos normaes: — Ao entrar em casa encontrei minha mulher em flagrante adulterio. Fiz o meu dever: matei-a.

Nem mais, nem menos. E eu, portanto, a moral que, dia a dia, se vai firmando no espirito publico, e nelle se arraigando: Não te conta mais com a justiça. Fez-se eclipse da lei. Justiça summaria e barata: custa o preço de um cachaço de revolver... E ainda pôde o assassino gabar-se de sua façanha: Cumprí o meu dever.

Que dever? No Brasil, na nossa terra, que se pretende civilizada e catholica, matar, assassinar, crucificar, passou a ser um dever. Um dever indeclinavel, inadivél, insubstituível. Quem não espalma as mãos ao publico tintas de sangue assassino é um resignado, do seu covarde. Por uma extranha inversão do senso moral, valente é quem mata uma mulher em condições de se não poder defender; sobre quem abusa de sua força, e, sem dar tempo a uma reacção, entra de improviso para a chacinca, e com superioridade de armas a disposição, mata firmemente; heróico é o typo — muitas vezes desbragado e torpe — que fuzila summariamente uma mulher por ter cometido uma infidelidade contra um pacto que elle, divinismente, espelha...

Antigamente, matava-se ainda com algum pudor. Procuravam-se attenuantes. Essa classe de assassinos appellava para a tubação passional. E' bem verdade que, muitas vezes, para desagravar sua honra de maridos, viam da casa dos amantes, e que eram estes que os instigavam, com intrigas e excitações de brío, a eliminar a importuna. E' bem verdade que muitos delles mantinham a esposa e os filhas num regimen de restricções que produzia sobras para o luxo e a regaleza digestiva da concubinas... E' bem verdade que... Mas, cessemos. O decoreto social olhava tudo aquillo pelo microscópio da hypercritia, e fugia não vêr. Aceitava a deremencia. Agora, porém, progredimos. Já não são precias desculpas. Já não vem a talho esboçar a defesa todo um rosario de criminalistas, e de alienistas. Nem ha mister de afuzar attenuantes. Nem se buscam attenuantes. O assassino tornou-se um dever. Ninguém pôde ser accusado por ter cumprido o seu dever. Ao contrario: merece louvores.

— Cumprí meu dever! — diz o assassino sorridente, prezenteiro, satisfeito comigo mesmo. E dil-o arrogantemente como um soldado que volta do matar pelo dever civico que o conjuga á defesa da patria.

E de facto, todos recebem a sua declaração. Os jovens intectem em normando, caixa alta, e suas phrases lapidarias. Os amigos visitam o assassino. Os conhecidos telegrapham-lhe. Os desconhecidos escrevem-lhe. De toda a parte chovem-lhe felicitações. — Ha mesmo hystericas que lhe mandam cartas de amor. O mercedario da esquina envia-lhe uma caixa de champaña, e apontando á freguesia, cam orgulho, e retrato do criminoso nos jornaes, exclama:

— Honra-me com a sua freguesia... Esse sim, foi homem!

O charuteiro manda-lhe uma caixa de havanas, o livreiro uma ruma de romances, os fornecedores todos, cada qual um mimo.

O parentes e visitas repetem-lhe: — Sim, senhor! Levante tua honra. Podemos apertar-te a mão.

E na sala livre, com todas as regalias de um heróico, e corarde que mata uma mulher indefesa, conta a sua bravata, com minucias de esgador que conta uma caçada, entre applausos e sympathias.

Emquanto isto, a sua desgraçada victima, ora sobre a mesa de um necrotério, ora sobre um catre de ambulancia, abandonada como um animal morto, triste na sua carne exangue, nas suas mãos cruzadas sobre o peito como deus passivos presos que se cochicham desgraças, os olhos cobertos pelo opaco da morte, exposta nua ao commentario da patulice, espera, como a peor das criminosas, que os bisturis das legistas lhe rasquem as carnes.

Epitapha a champaña na cella do heróico... Cogula-se o sangue do assassinato sobre a mesa do necrotério... E' edificadamente torpe como a moral de um povo, como um esterco de almas...

Não procuramos justificar o adulterio, já o distemos uma vez. Nunca! E isto dizemos com a violencia de convicção de quem teve no casamento todas as felicidades, e no seu marido o mais leal dos amigos. O adulterio da mulher não se justifica, mesmo quando ella não tenha encontrado no casamento a realização de suas legitimas esperanças. Ha alguma coisa que devo falar mais alto á sua consciencia do que tudo e' qualquer de seus sentimentos: é a sua honra. A honra é a nossa gloria, a nossa apothese. Devemos ser honradas não pelo nosso marido, que muitas ve-

zes não nos corresponde, mas por nós mesmas. Devemos respeitar nossos corpos, como nossos almas. Adulterar é prostituir-se, é suicidar-se. Si não vale o homem a quem nos confiamos, vale a honra por si mesma, sem outro auxilio, porque nos veste com toda a sua nobreza, nos embalsama a vida e a torna impudescivel. E as que têm filhas, felicidade que Deus não me deu, têm ainda nesta segunda pagina de existencia uma nova vigianda que, devem guardar sem todo o carinho com que seubaram defender-se dozellas.

E si o marido, pela abjeção crescente de seus vicios, chega a tornar-se de convivio insoffrivel, não tem necessidade a mulher de adulterar. Separe-se dentro da lei, recorra ao trabalho, e corajosa e serena como é de seu sexo, continue orgulhosamente rica na sua pobreza com o theouro de sua honra.

Mas porque assim entendemos, e assim o praticamos, não podemos despiadas-nos das pobres infelizes — quantas por mera desgraça! — que, ou como as crianças mal guardadas, ou como as almas mal assistidas, ou como merpitos imprevidentes, dão um dia nesso. Christie arrancau as pedras das mãos da população que contra ella investia. E não é sem revolta que vemos como se vai tornando moente e corrente o julgamento summario, sem defesa, sem processo, dessas desgraçadas, fuziladas como bestas feras. Eliminamos de nosso Codigo a pena de morte para os proeres e mais horriveis crimes, e deixamos-lhe, na mão dos homens, para os desvarios de amor. Não é possível que não se levante uma reacção contra essa horrivel e continuada chacinca, de que é principal culpada a instituição mendaz, escrupulosa, immoral, subornavel, politica, e feita de subjuices e zumbais, que se chama o jury. Mulheres, regei!... Não teis animaes, teis entes humanos. Não seis esga sem terra e sem regei.

E é de medo da vossa reacção, no campo do direito, que certos espiritos masculinos gritam contra a equiparação social dos dois sexos, contra o voto ás mulheres, e apregoam que devemos limitar a nossa actividade a preparar-lhes os botões da roupa, a varrer a casa, a preparar-lhes a sopa, e a esperar, submissamente, suas ordens...

Regei, si não queris morrer. Não vos deixeis despir de vossas prerogativas humanas, e lembre-vos que o direito só é direito quando é força, porque nasce do arbitrio... da maioria.

Anna Rita Malheiros

(Para a Revista Feminina, S. Paulo)

## Terceiro Concurso de Trabalhos Femininos

Como era de esperar, dado o interesse com que as nossas leitoras acompanham todas as nossas iniciativas, estes concursos têm obtido um immenso successo. De norte a sul do paiz, as nossas gentis patricias, estimuladas pelo appello que desta pagina lançámos, deram-se pressa em enviar-nos os seus trabalhos, muito dos quaes, seja dito de passagem, são verdadeiros primores. A commissão julgadora, que se vae reunir para dar o seu veridictum sobre os trabalhos apresentados para o primeiro e segundo concursos, terá, por certo, de agir com a mais criteriosa e rigorosa attenção, porquanto grande parte dos trabalhos apresentados a julgamento são de tão bella factura e de tão perfeito acabamento, que a tarefa dos juizes, que, de resto, são pessoas de comprovada competencia no assumpto, se vae tornar sobremaneira penosa. Seja como fôr, porém, o veridictum será feito; nem de outra fórma podia ser, porque os julgadores, além da sua superperic competencia no que diz respeito a trabalhos femininos, estão inspirados de um alto espirito de justiça.

O prazo para julgamento é bastante longo, para dar tempo ás nossas intelligentes leitoras de confeccionar os seus trabalhos, aperfeiçoal-os e aprimoral-os.

Alguns dos trabalhos apresentados deixam muito a desejar. A alguns falta o gosto, que é uma condição essencial a qualquer obra; a um pequeno numero mingua certos requisitos de graça, que também são indispensaveis: e nem todos são acabados com o rigor que se exige em peças destinadas a concurso. Mas a maior parte das peças constituem, como já dissemos, verdadeiros primores, o que evidencia o bom gosto, a operosidade, a paciência e o senso artistico das nossas patricias.

Este nosso terceiro concurso não deixa de ser, como os dois que o antecederam, interessante. Trata-se de um centro de mesa, de um «chemin de table», executado sobre linho. Essa peça é, geralmente, rectangular. As concorrentes, porém, podem fazel-a da maneira que lhes dictar o capricho, arredondando as extremidades ou dando-lhes a fórma que lhes approuver. Ha inteira liberdade de confecção. Melhor é, para orientar as nossas leitoras, estabelecer, em artigos, as condições do nosso concurso, como já fizemos de outras vezes.

1.a) O objecto do concurso é a confecção de um centro de mesa.

2.a) Serve qualquer dimensão, comtanto que, já se vê, não seja excessivamente escassa, porque um centro de mesa de jantar deve ter pelo menos a terça parte da extensão da mesa. Essa peça é geralmente estreita e longa, o que não obsta a que, para a obtenção de certos ef-

feitos e para forçar a originalidade, ella tenha outra fórma. Não nos compete a nós inspirar gosto ás concorrentes.

3.a) Como já dissemos de outras vezes, não será a riqueza do trabalho e o valor do material empregado que ditarão o criterio da preferéncia.

Mais vale a simplicidade de bom gosto que a riqueza de gosto duvidoso. A novidade da creação, a originalidade, a simplicidade e a belleza é que constituirão as bases para a concessão do premio.

4.a) O jury será composto de tres pessoas, escolhidas dentre as que mais comprovada competencia têm sobre o assumpto.

5.a) As concorrentes não assignarão o seu trabalho, adoptando um pseudonymo. Juntamente com a peça virá uma carta fechada onde declarará o verdadeiro nome e residencia e o pseudonymo adoptado. O pseudonymo deve estar escripto no verso do envelope. Essa medida é de uma utilidade que salta logo aos olhos, porque os julgadores, não conhecendo as concorrentes, podem agir com perfeita isenção de animo.

6.a) Feito o julgamento, verificado o trabalho premiado, será aberto o envelope a elle correspondente para verificar-se o nome da vencedora.

7.a) O trabalho premiado tornar-se-á propriedade da empresa, podendo os restantes ser retirados pelas suas proprietarias mediante recibo passado a esta redacção, caso não prefiram deixal-o na nossa exposição permanente, revertendo o resultado da venda para a sua proprietaria.

8.a) O prazo para a entrega dos trabalhos terminará no dia 15 de Abril do corrente anno, ás 14 horas.

9.a) O jury reunir-se-á no dia 20 do mez do encerramento, para dar o seu parecer.

10.a) O trabalho considerado melhor, dentro das clausulas do concurso, receberá o premio de 100\$000.

Todos os trabalhos devem ser endereçados, sob registro postal, á «Revista Feminina», praça Antonio Prado, Palacete Briccola, S. Paulo.

Permittam-nos as nossas amaveis leitoras, que se interessam por esta secção ou que porventura queiram tomar parte no concurso, uma pequena advertencia, que não é destituída de interesse. Os bordados tanto podem ser feitos á mão como á machina. Ha bordados á machina tão perfeitos, que valem por trabalhos manuaes. Entretanto, entre dois trabalhos igualmente bellos e originaes, um feito á mão e outro executado á machina, a preferéncia dos juizes recahirá, por certo, sobre o primeiro.

Premio 100\$

Centro de mesa

Condições  
do  
concurso

# A mulher e a escola

*Da brilhante conferência pronunciada pelo prof. João de Camargo na Escola Normal de S. Rita do Sapucahy, Minas Geraes, por occasião da colloção de grau das novas normalistas, extrahimos o seguinte e formoso trecho, que trata de "mulher e a escola".*

— Agora, dir-me-eis, estaremos aptas para exercer tão importante missão na terra? Teremos os conhecimentos necessários, a força necessária para o cabal desempenho de tarefa assim tão importante?

— Com o cabedal de conhecimentos que vos deram vossos mestres, com os dotes que vos eram e distinguem, com essas preciosas qualidades de dedicação e de sacrificio, que são o mais precioso apanagem da mulher, tudo faréis, se o firerdes de todo o vosso coração.

— O vosso amor tudo transformará, como desde o Eden vem transformada a face do mundo.

— Derrubar imperios; quebrar o sceptro dos tyrannos; levantar a alma de um povo; guiar o homem através da terra, do mar e do espaço; fazel-os heróes ou bandidos, foi tarefa fácil nas mimosas mãos das que se chamavam Esther, Athalia, Cleopatra, Lucrecia, Helena, Sítis, Aspasia ou Laïs, Roland ou Pompador.

— Que brame Schopenhauer as suas iras contra a mulher; que contra ella legalem os povos decida Rema e Grecia até nestos dias; mais poderosa ella surge e nos momentos mais decisivos para o futuro da humanidade.

— No laboratorio do stbio, na mesa dos legisladores, ao lado de todos os obreiros do futuro, nos campos cobertos da cadaveres, nos hospitais onde estertora e moribundo, em todo o scenario em que se decide a marcha do progresso humano, fulgura a mulher como a divindade bemfazeja, que parece com a sua suggestão e belleza unir e cêu á terra e aproximar o homem de Deus.

— Inspiradora das artes, ella foi artista com Tintoretta, Fontana e Gauthier; guia do sabbio, substituiu e no laboratorio e na cathedra com Curie e Elance, e de Castella; compaesinha do obreiro, tomou-lhe o arado e o macho, o leme do barco, o freio da locomotiva; cospañeira, mãe e esposa de guerreros, ellas se chamaram a mãe dos Gracchos e das Mascabaus, Jeanne D'Arc, Theophila e Felicidade, Amata Garibaldi, Miss Cavel, inflamando com a sua alma e os seus actos a alma de muitos homems, indifferentes á ruína e á destruição de seus lares e de sua Patria.

— Ninguém, porém, como a mulher, soube ser mestra e guia da humanidade.

— Penso que, mais do que outra, de ordem social ou economica, é esta a razão que move os governos a entregar-lhe a nobre e difficil tarefa de preparar a alma e a intelligencia da infancia, como as mães guiam os primeiros passos de seus extremecidos filhinhos.

— Methodos para instruir e educar, descobre facilmente a mulher; parece tel-os em profusão no mais recôndito de suas almas, como o melhor thesouro de todo o seu ser.

— Não a surpreendam as doutrinas de Sócrates, de Lycurgo e de Solon; parecem-lhe naturaes as transformações da Renascença,

as idéas de Rousseau, da Enciclopedia, de D'Alembert ou Diderot; acha que não podiam ser de outro modo as escolas de Bedales, Des Roches, de Albotsholma; as que se espelham nos lagos da Suíça e as que enchem de belleza e de vida as avenidas de Charlottenburg.

— Mais inspirada do que Froebel e Pestalozzi, com menos ruído e mais amor, reúne Maria Montessori milhares de creanças ao redor de si, desde as que apenas começam a engatinhar e a sorrir, e forma e cria essa divina "etel bambini" que é a mais bella casa da pedagogia moderna.

— Uma mestra conheci eu que não tinha muitos livros e que não tivera muitos mestres. Na repa, ao começar a sua aula, rica de vinte filhos de camponeses, num portão humido e frio, todo escuro e feio, ella, tuda astutada e contrafeita aquelle insolito escenderio, como ave encarcerada, facilmente procurou a estreita porta e atirou-se com a sua petizada a correr pelo descampado fóra, até que, com lousas e livros, pousaram á sombra de uma arvore frondosa e bemfazeja. Era uma paineira em tempos de Primavera. Nas suas annosas raizes, um tanto fóra da terra, sentaram-se mestre e alunas, todos como inebriados da alegria e da liberdade inesperadas, mais bellos pelas rosas que lhes purpuravam nas faces sadias.

— Deus começou a lição. Foi a sua mais bella que jamais eu tinha visto, onde eu não sabia o que mais admirar se a inspiração da mestra ou a intelligencia dos alumnos.

— Do alto da paineira, então toda florida, cahiam petalas de flores, fiores inteiras, dessas que não tem pela sua fragancia rivais o jardim; e o chão ficava todo dellas tomado, e o ar de seu perfume todo se impregnava, e sobre as cabeças da mestra e alumnos cahia um chuva de petalas sedosas, envolvendo aquella classe num torvelinho de flores.

— Outra tambem eu conheci, que tomava o pesado encargo de dirigir um Grupo Escolar de um estado vizinho, sem quasi nada perceber do assumpto.

— Não leu livros, não consultou pedagogos; pez-se logo de todo o coração ao trabalho.

— Antes mesmo de abrir a matricula dos seus futuros alumnos, aproximou-os de si, convidando-os para uma original festa campestre, onde se reunia a melhor sociedade do logar.

— Foi-lhe facil despertar a bondade e os bons sentimentos do povo e em breve tempo a mestra comprou fardos e fardos de fazenda, que ino justando no seu salão de trabalho. Convidar umas amiguinhas para rematar a obra de dedicação e de carinho; fazer com todo aquelle panne nada menos de quinhentos uniformes para a petizada, foi tarefa que ella fez sorrindo como ave trefaga a cantar. Da poeira, do jardim, do horto, o pateo de jogos, as pequenas officinas, o viveiro, e aquario, o pequeno musu escolar... que não faria ella com aquella grandeza do energia e coração? ... Festas civicas; outras, consagrando a arvore,

a sementeira, a ave e a flor; tudo ella in fazendo sem decorar regulamentos ou regras da pedagogia. Ranchos de escoteiros, batalhões disciplinados, fanfarras alacres e festivas, tudo ella organizou para a maior alegria e felicidade de seus queridos alumnos. Animava-a um amor sem limite ás suas fragens creancinhas. Davalhes de sua economia a merenda diaria, a assistencia medica, e hygienica mais do que tudo, o amparo estremoído de seu grande coração.

— Nem tanto fizeram os discipulos de Froebel ou Pestalozzi, ou as que foram guias do espirito brilhante ou o dollar yodreosto dos miliardarios Yankee.

— Não sei se offendendo a modestia de algumas professoras aqui presentes, que não poderiam passar a vida sobre os livros para serem mestras e mestras excellentes.

Tomando a seu cuidado dezenas e dezenas de creanças, no Grupo Escolar, na Escola Normal, quantos shi dão exemplo de uma paciencia, de uma bondade, de uma intelligencia e de perseverança, que não poderão ser por outra ultrapassadas!

— Haes que se comprazem em chamar para perto de si as mais humildes e os pequisanos. Outra recebe em sua classe o surmual, o surdo, o gago, o quasi cegoinha, e, com a paciencia e a abnegação de uma santa, falas pronunciar uma a uma as palavras de nossa lingua.

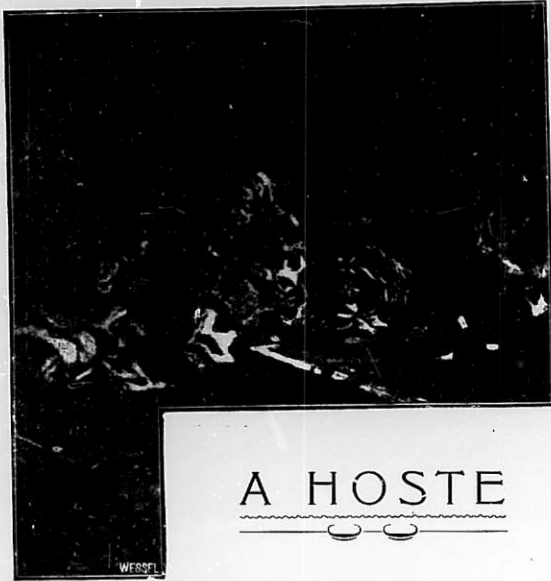
— Parece querer emprestar-lhe todo o seu ser para a formação daquello ser que ella deseja crear novamente.

— Será somente o salario, essa pobre e chorada paga que lhe dá o Governo ou o particular, que essa mestra entra na sua cruzada sacrosanta? Quantas tu conheço que o distribuem aos pobres, não querendo para si não ser o desigualvel prazer de ter cumprido o seu dever, contribuindo com todas as suas forças para a felicidade e progresso da Escola.

— Tambem as animam sentimentos e idéas pouco comuns.

— Não as incita o egoismo, nem o ferocidade, nem a vaidade, seu cumprimento do dever.

— Como aquelles operarios da edade media que, de geração a geração, curvados ao trabalho, erguam as columnas, as paredes e as torres de suas magnificas cathedras; manejando o cinzel, a lima e o martello, iam fazendo, creando esses fines labores de architectura e de estatuaría, orgulho e riqueza dos povos de sua raça, gozando intimamente o prazer da realizção futura desse ideal supremo de magestade e de belleza, assim as mestras de nossos dias visio uma a uma se rezevando nessa obra immensa, fecunda e laboriosa de erguer o nosso Templo nacional da educação e ensino, sem deixarem nelle a mais leve impressão de seus nomes, sem um epithio merecerem sobre as tumbas usparas pelo tódo da Patria, cahindo uma após outra, pobres, ignoradas, as mais das vezes pouco comprehendidas, tranquilas, serenas e perseverantes no seu posto de trabalho e de sacrificio.



## A HOSTE

Inverno. Após um dia curto, chuvoso e triste, a noite é clara e enlurada; scintillam, na planura, lençóis de água crystallina, entre os charcos; na ladeira mais hispida do caminho ouvem-se os latidos dos lobos famintos. Dentro daquelle casebre, as achas de pinho derramam uma luz tibia e espalham um calor agradável e o gluglu da panela nas brasas confora o estomago, com uma promessa de saciedade.

Longe da aldeia, separada della pelas ramas de castanheiros, junto da igreja do cemiterio, a velha alfurja da senhora Claudia, aliás *Cometerra*, — assim alcunhada por causa de uma das suas manias, — também sente o bem-estar proveniente do fogo. Durante o dia todo, molhando-se até aos ossos, trabalha seu neto Caridade, carregando lenha humida e pastoreando a bezerrinha nova. Não pergunteis onde... Quem não tem pastagens proprias só tem o recurso de penetrar nas dos visinhos. Quem arrendaria um pedaço de terra ao miseravel filho de um prediário morto em Ceuta? O colono precisa offerecer boas garantias, ser casado e provir de boa casta... Na aldeia já andavam prevenidos contra Caridade. Que leve-se a bezerra ao pasto do visinho, vá! Mas que leve-se sua sudacia a desraizar batatas já sazoadas, vagens postas para secar ao sól amigo, era muito...

Caridade, porém, continuava a sua vida de ladrunculo. Naquelle dia gorda era a maquia: castanhas maduras, algumas fructas e, — presa de arromba! — alguns ovos frescos... Quando a sorte o favorecia, na sua caçada aos viveres, a avó pagava-o com fatura de historietas e bons conselhos. *Cometerra*, enquanto que com as

mãos magras e tremulas descascava batatas, rosnavava, com sua voz dolente, coisas inverosímels, entretechoando-as das mnls cynicadas mentiras.

Caridade não conhecia outro prazer que esse de ouvir lorotas. As historias da avó eram, a esse tempo, sua unica escola e seu unico theatro; cahiam esses contos no seu cerebro, como sementes em terra apta e fecunda e, na sua ignorancia, confundia as creações phantasticas da velha com a realidade...

Talvez, naquelle enfermicho e precoce desenvolvimento de imaginação, influisse o afastamento a que o obrigavam os seus proprios latrocínios e a tragica sorte do pae, morto no exilio. O que é certo é que em todas essas historias Caridade cria cegamente, irracionalmente, chegando a ver coisas bizarras e sobrenaturaes.

O mundo triste e agolrento da velha mythologia cigana o envolvia a todo o instante. O medo do desconhecido enchia-lhe a alma, e o gelo do temor paralytava-lhe o sangue nas veias, atirando-o, entretanto, essa fascinação extranha, chamando-o,

para o ignoto. Temia e contemporaneamente desejava a aparição sobrenatural e, enquanto mechanicamente suas mãos furtavam o alheio, seu espirito sentia os calafrios do mundo invisivel, desse mundo enigmatico que nos rodeia e cujo claro imponderavel se percebe no murmurio dos bosques e no pranto fugitivo das aguas em rebujo.

Nesta noite de inverno, em vespera do dia de Finados, *Cometerra* explica a seu neto o que é a *Hoste*. Trata-se de uma legião de mortos que, deixando suas sepulturas, erguendo, cada um, na mão escarnada, um cirio fumegante, cruza a montanha, quasi imponderavel na sua fluida e diaphana encarnação. Al de quem vê a *Hoste*! Al do que pise a terra em que sua sombra se projecta. Se não morre immediatamente está marcado pelo destino. Alquebrado, sem forças, tomado por um mal para o qual não ha remedios, irá pouco a pouco para a cóva, porque é assim que a *Hoste* recruta os que encontra pelo caminho, alistando-os nas suas filas e augmentando sempre o exercito pavoroso dos espectros. Infeliz de quem a vê! Desgraçado!

No seu pobre e frio leito de palhas de milho Caridade revolve-se pensando na procição funebre. As labaredas do fogão extinguíram-se; a avó ronca, a uns passos; fóra só se ouvem os ladridos dos lobos e os lamentos quasi humanos dos morcegos e curiangos... A tentação é demasiado forte... Certamente a esta hora desfilia pela montanha, em dupla fila de tochas, as visões do outro mundo. Ah! a tentação de vel-as! Caridade não se lembra que vel-as é morrer! Que importa! Elle é creança e o amor á vida não nasce tão

cedo; a arvorezinha sem raizes não se agarra muito á terra arida e secca... O terror, em Caridade, é como um espasmo: sua alma estremece, teme e deseja ao mesmo tempo. E, de gatinhas, deslizando da sua cama, tacteia pela treva, alcança a porta, entreabre-a, contempla...

A lua, até então clara, está velada por nuvens tragicas; os objectos, negrissimos, parecem confundir-se; as manchas dos arvoredos se perdem entre a indecisão grés das distancias.

Caridade, tiritando, põe-se a andar em direcção á igreja. Sem saber porque, imagina que a *Hoste* ronda por detrás das tapas do cemiterio. O singular é que, indo á procura da procição das almas, o pequerrucho treme, seus dentes se entrechocham, suas pupillas se dilatam, seu sangue se coalha nas veias, seu coração, por momentos, cessa de pulsar. E, apesar de tudo anda, anda, fascinado, ancioso, pisando a escarpa hispida com os pés descalços, friorentos e rigidos.

Lá, onde se eleva o muro do cemiterio, uma claridade diffusa, uns lampejos de luz phosphorea piscam, como fluctuações de mortalhas ao vento e laivos bruxoleantes de chammas de cirios. Ah! E' certamente a *Hoste*!

E Caridade, desvaivado, crê vel-a, vel-a distinctamente, e até escutava soluços estrangulados, gritos perdidos e vagos que se podem confundir com a ironia de gargalhadas brutaeas...

Sem tempo para gritar: «Jesus!», para chamar sua mãe, como chamam os feridos de morte, Caridade despenha-se do alto da escarpa.

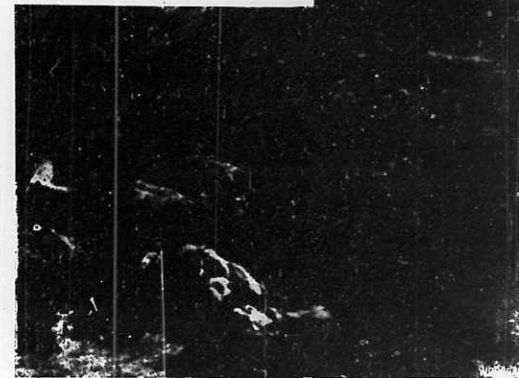
A cabeça está-lhe, fendida, na ponta de uma pedra; uma lasca de rocha, aguçada como uma lamina, rasga-lhe as carnes da garganta, de-

golando-o... O sangue, gargarejando, salta das arterias e coagula-se em torno da cabeça do cadaver.

Quando, pela manhã, os visinhos encontraram Caridade morto, no fundo abysmo, murmuraram, serios — porque apesar de tudo jamais teriam desejado ao ladrunculo essa sorte:

— Pobre pequeno... Desta vez jáz escarmentado para sempre e nunca mais levará o seu gado ao pasto dos visinhos...

Emilia Pardo Bazan



## A INFANCIA DESPROTEGIDA

Seja-me permissão, queridas leitoras, penetrar nos vossos lares e falar-vos com palavras de carinho. Ha numerosos e complexos problemas a resolver; ha sinais que palpam no vosso lado, junto de vós e que necessitam do vosso apoio. Negar-lhes o calor do vosso affecto e o abrigo da vossa protecção, é faltar ao mais sagrado dos deveres humanos.

Dado muito tempo que observo que em não poucos lares ha meninas de tenra idade que desempenham tarefas que só podem ser desempenhadas por pessoas adultas. Muitas dellas, ou melhor, a maior parte dellas não conheceram affecção nem ternuras; sem saber onde nasceram, levam a vida silenciosa e recolhida de quem jamais provou a doçura de um carinho. Outras foram retiradas da casa dos expostos, sob a delidada promessa de se tornarem, mais tarde, mulheres aptas para a vida, esquecendo, nas alegrias que essas promessas envolvem, a vergonha amargurada do seu nascimento.

Estas meninas trabalham em algumas casas mais do que as suas forças infantis o permitem. Algumas recebem o seu magro salario de creanças; outras, nem isso. E umas e outras são tratadas, quando com brutalidade, ao menos com indifferença, o que é igualmente doloroso. Ao vel-as com suas roupinhas surradas, as mãos calejadas do trabalho por excesso de trabalho e com os olhos muito abertos, como se estivessem sob a luminancia de ralhos e censuras, não ha coração sensivel que se não confanja, mas o

que é lastimavel é que essa sensibilidade não tenha outras manifestações exteriores mais efficazes.

Quando contemplamos as creanças, que se sentem felizes de viver, que são exuberantes de graça e de alegria, que brincam ao sol, que riem, que se divertem, sentimos ainda mais fun lamete, pelo effeito do contraste, a orphanidade daquelles pobres seres, que, além do martyrio de que são oriundos, soffrem a espezvidão de um trabalho pesado, a que estão accorrentados através da vida e do qual nunca se libertarão senão quando da propria vida se libertarem. Passam a infancia sem infancia, envelhecem sem mocidade e succumbem prematuramente, vendidos pela injustiça e egoismo humanos.

Vós, ó queridas leitoras, vós, que amais aos vossos filhos e vos sentis felizes por vel-os alegres, deveis pensar tambem naquelles que, porque não tiveram mãos, mais necessitadas estão de carinho, do calor desse affecto que não conhecem mas que intimamente reclamam. Pensei nasas creanças, ó boas e sensiveis leitoras, e das-lhes algum conforto. Pensei que muitas dessas creanças possuem o germem de grandes virtudes, e que é um dever individual de ternuridade e de piedade favorecer-lhes o desenvolvimento, preparar-lhes a alma, afinar-lhes as asperidades do instinto. Outras, ao contrario, levam os estigmas dos grandes males da miseria e da ignorancia. Tudo isso, todos esses males, embora fataes nas suas manifestações, podem ser modificados pela vossa solicitude.

É de uma gloria para vós saber que vos sentis queridas por vossos filhos, não es-

questes que esse amor se fará mais intenso se vós subardes amadas por aquellos que vieram ao mundo orphãos do carinho e de ternura.

É muito doloroso ver que neste seculo, onde tanto se trabalha para melhorar a raça, preparar as creanças de modo a poderem affrontar a vida com mais força e coragem, onde a puercultura vem sendo a preocupação de todos os homens adiantados, existem pequenas escravas que não conhecem a vida senão pelo seu aspecto rude, e para as quaes o unico delite é a eterna uniformidade do trabalho aspero, que mata os encantos em flor da infancia ainda mal desbrochada.

É necessario que todos nós aprendamos a ler nestes semblantes, marcados de tristeza, como se fossem os de nossos proprios filhos. A cada que essas creanças carregam, desde a infancia, já é passada, e isso torna ainda mais cruel a carga de mãos tratos que ainda lhes inflingimos.

Ajudar a mulher é o ideal que anima as almas rectas, que comprehendem a importancia deste trabalho. Mas esta ajuda é muitas vezes infructifera quando a infancia foi desolada e o germem do mal tomou uma forma tal, que é superior ás forças que anhelam pela sua redempção. Estas meninas, queridas leitoras, reclamam vossa ternura. Das-lhes um pouco desse amor calmo com que rodeais os vossos filhos. Lembrae os seus coração; até aos vossos.

CARMEN



# MINHA MÃE

*Fronte pendida, olhar tristonho, desvirado,  
fita um ponto qualquer, a esmo, indiferente,  
como que a procurar nas brumas do Passado,  
um lampejo de vida extinta lentamente.*

*De quando em quando um ai tristissimo, dolente,  
rasga-lhe o coração exausto e lacerado;  
Vive como se a Dor, inexoravelmente,  
no sudario da morte a tenha amortalhado.*

*Sob a aureola de cans o rosto macilento  
tem a viva expressão do longo soffrimento,  
das saudades letaes da vida consumada;*

*no entanto, muita vez ouvi—que foi outr'ora  
um sorriso de estrella, um rosicler de aurora,  
—ella, a martyr do Tempo—a minha mae, coitada!*

Emiliana Delminda

# Se crescessem os insectos...

Se os insectos, em vez do exiguo tamanho que têm, alcançassem a estatura de um elephante, quando nada de um boi, o homem teria nelles melhores exemplares que entre os irracionaes.

De facto, em proporção, um elephante ou um boi são meros pygmeus, sem força alguma, junto d'uma pulga ou d'um escaraveo.



O escaraveo de guerra

far crescer os insectos. Assim, os menores bichinhos augmentam até tomar as proporções de um cavallo.

Se tal facto se realizasse, a mosca caseira, que actualmente tanto nos aborrece, se tivesse o tamanho de um burro, serviria para transportar perpendicularmente, ao longo das paredes, pesos bem consideraveis. Isto significa a supressão dos andaimes e quem sabe até das escadas.. Um par de moscas, préviamente adestradas, poderiam conduzir um elevador, até ao ultimo andar de uma casa.

A domesticação de determinados insectos, dado tivessem elles um tamanho vistoso, daria os melhores resultados na navegação aerea, e com isso resolver-se-iam muitos e variados problemas insolúveis até hoje. Supponhamos um escaraveo hercules, augmentado até ás proporções de um elephante e voando pelos ares, entre filas de soldados combatentes. A guerra seria assim quasi toda aerea.

Os tegmentos periphericos dos colleopteros, augmentando-se-lhes a espessura na proporção do tamanho, seriam invulneráveis á percussão de qualquer projectil, com a blindagem de um couraçado moderno.

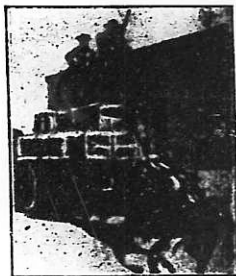
Outros insectos poderiam servir para arrastar a artilharia e os hydroplanos e mais vehiculos aquaticos; poderiam bem rebocar sub-marinos e cruzadores...

O naturalista belga M. Plateau mediu as forças de tracção de certos insectos por meio de um apparelho formado por uma colleira, com a qual, e mediante um fio, o animal arrasta uma pequena prancha onde se collocam pesos. Dahi verificou o naturalista que o escaraveo commum, guardadas as proporções, é muito mais forte do que um cavallo. De facto, o cavallo póde arrastar mais cinco vezes o seu proprio peso, enquanto o escaraveo arrasta sem esforço quatorze vezes o seu.

Claro é que, se todos os insectos tivessem o tamanho dos quadrupedes, nem todos teriam a mesma utilidade. Muitos delles, ao contrario, tornar-se-iam feras perigosas que ocasionariam graves damnos á humanidade.

Imagine o leitor se um desses gafanhotos que devoram em alguns instantes uma folha tivesse o tamanho de um rhinoceronte: em pouco tempo era capaz de devorar uma floresta!

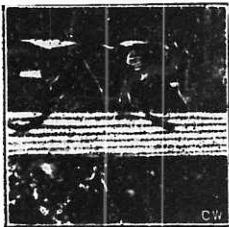
Um mosquito mesmo, que tivesse o tamanho de um coelho, produziria uma bem desagradavel impressão assentando-se-nos na aba do chapéu e nada accrescentamos o que poderia ser uma das suas terribes picaduras. Entretanto, nada o homem teria a temer destes monstros, pois a experiencia demonstra que quanto maior é a fera, mais facil é seu exterminio. Demais, quanto maior é o animal, menor sua descendencia. Se o mosquito fosse da mesma extractura de um coelho, não poria o numero de ovos que póde agora.



O escaraveo, animal de tiro

A proposito de veneno, ha tambem uma coisa interessante a observar, se, por acaso, os insectos crescessem.

A abelha commum secreta um liquido que nos dóe inoculado na pelle, mas que não nos faz mal. Se fosse augmentada a dose desse liquido vinte vezes mais, a sua toxidez seria notavelmente maior que a da propria cobra cascavel. O liquido do ferrão posterior da vespa, augmentado vinte vezes, inoculado nas arterias, mataria um homem em poucos minutos.



A mosca jooanta pesos enormes

# CASO OU NÃO CASO?

R diminuição dos casamentos facilmente se explica. Qual é o rapaz honesto que aceitará para noiva a lambisgoia, que elle já tem visto fingir noivar com meio mundo no tango e no remelexo do maxixe, ou uma dessas siriemas qua andam pela Avenida exhibindo ao respeitavel publico 3/4 partes do seu corpo?

(AUGUSTO LIMA, da Academia de Letras)

«Casar... Eis um gravissimo problema», dizia a sisuda e titubeante philosophia do Conselheiro Accacio. A hesitação do mazorro personagem de Eça generalisou-se: o casamento, hoje em dia, como a Esphinge egypcia, é um enygma sem oedipio.

Quando se pensa nas gravissimas definições que ao casamento deram os juriconsultos romanos: «conjuncção do homem e da mulher, commungando dos direitos divinos e humanos», e outras coisas com equal cheiro de fatalidade, o nosso espirito se refranze, intimidado, como uma sensitiva á percussão de um objecto extranho.

Casar é, afinal, uma coisa scrrissima! Alguem, voltairiano e perfido, o definiu: «galés perpetuas a que se condema a individual liberdade».

Quando esse carcere é feito de amor e carinho, põe-se na vida um pouco de céu. Quando porém...

Vamos por partes. De que depende a felicidade do consorcio? Do temperamento dos nubentes, da sua saúde, da sua educação...

O temperamento conhece-se durante o noivado, que é, por assim dizer, um noivado completo, organizado pelo Código para que os noivos se estudem reciprocamente. A saúde verifica-se com um attestado medico. E a educação?

*Hic est basília...* Antigamente, nos bellos tempos do feudalismo colonial, nossas vovós eram umas santarronas, ingenuas e boas, que mal assomavam á janella e que sabiam, como ninguém, preparar quitutes quasi divinos. Não serelepeavam nos asphaltos, irriqueitas e serigaitas; não sahiam sósinhas, affrontando os galanteios dos chichibéos, não se apaixonavam por Georges Walsh no *éctan* do cinema nem se desarticulavam nos regamboleios do tango e do maxixe.

O maxixe! Deus nos livre falar nisso nos bons tempos em que se lia a «Menina e Moça» e a «Grasiella». Nem o calão vulgar era tão offensivo ao pudor como esse termo irreverente. O maxixe era a suprema degradação moral organizada em figura choreographica.

Como se vê, essas velhas vovós, de anquinhas e faces rosadas sem *rouge*, tinham carradas de razão.

Hoje em dia as coisas estão mudadas. As liberdades bolchevistas revolucionaram a ethica e as modas. As saias actuaes escalam o jeilho, na ancia de se evadirem da *toilette*. Os decotes descem ás costas e ao ventre e em materia de mangas ha a simples illusão de terem outrora existido... Por ultimo, um decreto das modistas aboliu ás meias. Nesse andar, brevemente Moema e Paraguassú ditarão a moda e em vez de saias curtas, sem blusa, teremos a tanga estylizada...

Se assim vae o mundo quanto á indumentaria, não menos perigoso roia elle quanto á leitura. Milie, não se delicia mais com os «Tres Mosqueteiros» de Dumas ou a «Innocencia» deliciosa e ingenua de Tannay. Prefere a psychologia complexa de Bourget, as *gaulesitas* de autores rebarbativos e esbagaxados, temperando as emoções com a pimenta da perversidade e com a gengibre incandescente do peccado e da devassidão...

«Casou ou não casou?». Deante disso, eis o dilemma que arrepta a espinha do celibatario.

Os moços, com razão andam ariscos e as estatisticas civis accusam uma sensivel diminuição de casamentos. E' claro que um rapaz moderno, conhecendo bem a psychologia das nossas actuaes *maldiosas*, não arrisque tão levanemente a sua liberdade. Elle não sabe a lei Ulpiano nem Triphonino, mas sabe que o casamento é um contracto civil com caracteristicos perfeltos e ineludiveis de indissolubilidade. A valvula escandalosa do divorcio só agrava o erro commetido. Nada mais justo, pois, que tema um sacramento tão serio, quando nelle vae jogar com a propria felicidade.

Será justo que um moço trabalhador e honrado entregue seu nome nas mãos de uma cabecinha lull e doidivanas, que só pensa em fazer *foolings* applaudir determinados *players* no foot-ball e guardar ás escondidas, no seu *ressort*, entre o espelhinho e o pó de arroz, o retrato de um ridiculo actor de cinema?

Se não se reformarem um pouco os actuaes costumes, a estatística, como uma columna mercurial durante o inverno, accusará um forte arrefecimento nos ardores matrimoniaes da nossa mocidade. O mal social que daí resulta póde aquitar-se pelas preoccupações constantes que têm os estadistas em fomentar os matrimonios, como causas efficientes da riqueza social.

Pensando bem, a culpa desses males, que tanto affligem o nosso meio, não cabe ás cabecitas frivolas dessas moças serigaitas, senão á indulgencia das mães. Ouso dizer mais: muitas vezes são ellas mesmas cumplices desse estado de coisas, entendendo que, estimulando nas filhas o coquetismo, preparam-nas melhor para a caça ao marido...

Eis o erro! O grande erro! Offerecer assim a mercadoria é o mesmo que espantar o comprador. Lá diz o adagio: «laranja lá beira da estrada ou é azeda ou tem marimbondo!». Moça muito esbagxada, muito decotada, muito passeadeira é como essas fructas que se deperduram á margem dos caminhos, que todos desejam, mas ninguém colhe...

Aos paes, incisivo e urgente, o problema da educação das filhas se impõe. E' verdade que não estamos mais nos tempos d'antanho, quando o pudor obrigava a mulher a ficar encerrada em casa, no seu quarto, como um passaro captivo. Bellas aves que são, as mulheres, precisam de ar e luz, alegria e movimento. O tempo das claustrophilias esfumou-se na caligem da idade media. Entretanto, esse ar e essa luz não é mister que entrem pelos decotes arrejados, pelas saias curtissimas, e nos logares onde o vicio campêla. Ha mil maneiras de se viver e gosar a vida sem se atravessar a dishonestidade.

Uma educação sobria e casta valorisa a mulher e estimula o casamento, que afinal é uma necessidade da especie e uma fatalidade social necessaria. Dando-se ás meninas de hoje uma orientação pudica e segura, o problema «casou ou não casou?» acabará pela mais humana das hypotheses e como todos os romances sensacionais, termina pelo festivo epilogo do... casamento!

Menotti Del Pochia

# O GAROTO

(Episodio de carnaval)

— Decididamente não podemos aqui conservar as portas fechadas, disse-me o guarda do galpão, narrendo-me o caso. Por mais terminantes que sejam as ordens que se dem, por mais feia que se faça a carranca, por mais severas que sejam as instruções, basta um segundo de distração para aqui entrar todo o mundo, como Perico em sua casa. Entram os curiosos por todos os lados. São todos incommodos, e os mais incommodos são os que demoram mais. Atrazam os serviços, desorganizam o trabalho, aproveitam-se de qualquer distração. Um aborrecimento.

O caso deu-se assim. Estávamos construindo, em nosso barracão, um carro de carnaval. Era uma alegoria, uma phantasia linda. A alegoria representava um enorme legarto, inteiramente feito de palmas verdes, com o pescoço, os olhos e a língua de cravos vermelhos. A armação interna era de sarrafos e estopa. O desenho era o que podia haver de mais artístico, ou, pelo menos, de mais original. O carro desapparecia completamente sob o imenso corpo do saurio. Só as rodas é que eram visíveis. Lindas, as rodas. Eram deouradas de purpura. O monstro estava destinado a grande successo.

De todos os pontos mais remotos da cidade, dos suburbios mais afastados viam exames de curiosos a admirar a obra d'arte. Não havia meio de fechar-lhes a porta. Um, porque era sobrinho de carpinteiro Fulano; outro, porque coahcia o empregado Si-crano; este, porque era filho do ferreiro a quem se encomendaram as ferragens; aquelle outro, porque a sua mãe, a vendedora de fructas da esquina, era «freguesia de sr. fiscal... Uma balburdia. Em pouco tempo aquillo se tornou numa reunião concorridissima, e as que prendiam as palmas, os que dispunham os cravos vermelhos, os que martelavam as pregas da plataforma não conseguiam trabalhar livremente, não podiam mexer-se, apertados naquelle enxame. Os curiosos estavam por cima, por baixo, de todos os lados e sempre solícitos para prestar serviços imaginarios.

— Quer que vá buscar alfinetes?

— Prefere tazas de cabeça chata?

Entre estes auxiliares expantanos o mais desembaraçado era um gretelhão, conhecido no bairro por Mecco, corrupção de Miguel, seu verdadeiro nome. Onde havia um resado a levar, uma porta a abrir, erguer um objecto do chão, alli estava Mecco, com sua carinha pallida e suja, sua roupa remendada e morrihenta, seu riso constante e seus dentes admiravelmente brancos. Estava sempre de bom humor. A cada faccía que lhe dirigiam, respondia com uma caretta engra-

çada. Assim como não ha meio de evitar que o vento entre pelas frestas, assim não havia meio de evitar que Mecco entrasse onde não era chamado. Não se sabe porque artes, Mecco sabia onde se reunia gente, e nunca ficava á porta. Se vinte vezes o despediam, outras tantas voltava, com a tenacidade da mosca impertinente que teima em pousar no mesmo sitio eu no mesmo torção de assucar.

Aconteceu o que era de prever: acabámos por aceitar o Mecco como uma imposição do destino, como uma dessas fatalidades irremediáveis, e sem perguntas quem era, donde vinha, quem eram seus paes e se era lícito o seu meio de vida. Elle se nos impoz de tal maneira, que nos seria penoso passar sem elle. Afizemo-nos á sua presença, como coiza familiar em nossa vida.

Emquanto se iam aca-mando as palmas, para fingir de pello do monstro, que em seu dorso devia levar um grupo de lindas mocinhas vestidas de Loucuras — «phantasia» bem appropriada ás moças — Mecco, como de costume, alli estava, assistindo aos ultimos retoques. Quando veio a noite e se fechou o barracão, ninguém notou que Mecco tinha desapparecido. A ninguém occorreu que elle podia ter-se escondido num cantinho. Se algum peneu no Mecco foi para suppor que elle andava pelas ruas, sua morada habitual.

Reitiraram-se os pintores, os operarios, os curiosos, ficando apenas no barracão, que já estava escuro, o enorme saurio verde e outras figuras do carnaval. Antes de retirar-se o pessoal do serviço, foi detido alli, ao lado do carro, um grande cesto de vime onde se amontoavam balos, fambres, metaldas, presuntos, todas as variedades de frias, doces, bombas, garrafas de vinho, champagne, licôres e cervejas. Todas essas coisas eram destinadas para obsequiar o grupo das «Loucuras», as mais lindas mocinhas do bairro. Como ellas tinham de sair cedo para o carro, adiantou-se esta precaução.

Logo que o barracão ficou silencioso, sahii Mecco do seu esconderijo. A obscuridade não era tão completa, que, pelas janellas abertas para ventilar o recinto, não entrasse uma luz diffusa á qual os seus olhos se habituaram em seguida. Olhou em torno. Encostado á parede, viu uns figurões formidaveis. Eram gigantes com turbante ou corôa e feisimos aões sem roupeiras caprichosas. Havia um, armado de uma lança tão pesada, que se não sabia como podia elle maneja-la. Estava alli um typo gordalhudo, de cara risenha, montado num asno. Era Sancho Pança, de ceste. Havia um inglez, de typo classico, com roupas de xadrez, suizas loursas e chapéo de buxa, e um cigano armado de chicote e pandeireta. Estes bonecos



da papello permaneciam immoveis e a expressão das suas caras era exaggeradamente caricatural. O rapazite já estava familiarizado com aquellos boncos. Muitas vezes, elle proprio ajudara a molhar o papel para lhes construir o arcabouço. Aquelles gigantes, aquelles anões, toda aquella gente monstruosa e horrenda, que se immobilizava na sombra, era gente corcheida, era gente amiga. Mas, áquella hora, na solidão fechada daquelle recinto, aquella penumbra dividida, aquelles éteres de papello adquiriram uma vida de phantomas. Meco sentiu um suor frio ao longo da espinha. Vendido o medo, o carote ficou os olhos na cesta de provisões, da qual, de resto, se desprendia um cheiro a coisas saboreas. Elle passara o dia todo sem comer.

Naquella cesta, pois, ia elle encontrar, não só o prazer soahado, mas tambem a caragem que lhe faltava. Abriu-a. Suas mãos tactearam coisas macias e gordurosas. Sua bocca encheu-se de humidade. Quanta riqueza alli estava accumulada! Nunca as suas mãos, afeitas a segurar o pão duro, palpavam, com uma delicia gulosa em cada dedo, taes maravilhas. As linguis frias trufadas estimularam-lhe o appetite e acordaram-lhe a fome. O presunto, já cortado em laminas finas para se abrigar entre duas folhas de pão, tinha um olor indizível. Junto á parede da cesta, empilhados, estavam os doces, os ladrilhos de marmelada e as garrafas, que continham tantas promessas...

Meco resolveu tomar de cada provisão um bocadinho. Dentre tantas garrifas tentadas, decidiu-se por duas, uma de vinho do Porto, outra de champagne. Ninguém, per certo, descobria o seu furto. Os despejos do seu jantar os escaudaria elle atraz de Sancho Pausa. Ninguém daria pela coisa. Para abrir as garrifas, alli estava, em vez de sacacolhas, o martelo do carpinteiro. Uma pancada no gargalo, zaz-traz, e o liquido rubro cuspiu para fóra. Emborrou a garrafa. Que coisa delicia! Haverá no mundo nada melhor que o Porto depois de uma bucha de sandwiches? E aquelle vinho que fazia espuma, pondo cózegas debeize da lingua? E as metadelas, e as doces de calda, e os ladrilhos de marmelada, e aquelles bombons com surpresas de lieño no beje de chocolate? Ai! Deus! quanta degura! Sobretudo aquelle vinho, que trahidor que era! Meco devorou, devorou, bebeu, bebeu, alterando cada bocadinho com um traço. Era preciso esconder os vestigios do seu delicto. Occultou os papeis, os destropes dos gregales, as migas de pão no bejo do lagarto, e, cae aqui, cae acolá, espalhou a terra com o proprio pé sobre os restos que ficavam espalhados. Um somno invencível o invadiu. Tinha desejo de deitar-se fiar alli mesmo, no chão, e dormir. Um intervalo de razão illuminou-lhe o limbo do cerebro. Precuroso refugio no proprio ventre de monstre. Penetrou no oce do surrio, e encolheu-se todo, deliziado e feliz, sobre as folhas de palma e myrtilas que o forravam. Um torpor profundo poderou-se delle. Fechou os olhos e dormiu um somno de pedra.

Foi tão de pedra o seu somno, que, no dia seguinte, ao amanhecer, não sentiu que o monstre estremeça. Eram os carpinteiros que estavam fixando a plataforma e preparando os assentos que deveriam ser occupados pelas «Loucuras». Não perceberam que o monstre edou sobre as rodas floridas, tirados por quatro cavallos empenna-

chados, que o grupo de moças tomou assento sobre o dorso verde de lagarto, rindo e garrulando, enquanto ascudiam os guios de fells. E o monstre rodou pesadamente no asphalito da cidade, rodou toda a manhã, entre os comentarios da multidão, por praças e ruas, recolhendo orações em cada rua e perdendo palmas e flores em cada volta de roda.

Meco, por fim, ao cabo de tanto selvaco, despertou. Sentiu dores horripitantes no ventre e no estomago. Queris guitar, chamar por alguém que o tirasse daquelle fogo e não se atrevia. Tinha medo de ser preso, apanhado pucadas. Demais, faltavam-lhe as forças. Sentia-se mal, muito mal. Naquelle prisão não havia ar bastante, suffocava... As «Loucuras» davam patadas, que lhe resoavam no cerebro.

— Mãme! gemeu o misero, que nunca conhecera mãe.

A tarde, enquanto o immenso lagarto percorria a cidade, já meio desflorado, já meio despejado das «Loucuras» — porque duas ou tres dellas tinham desertado, fugido para não sei onde, — o garoto, ardendo em febre, teve um accessão de delirio. Viu os anões de papello, convertidos em séres reaes, avançar para elle de lança alta e dar-lhe espetadas dolorosas em pleno peito. O proprio lagarto, abrindo a guela sangrenta, devorava-o. Deu um grito. Os conductores dos carros e as proprias «Loucuras» entreolharam-se espantados.

— Pareca que ha um demónio aqui dentro...

Já estavam em caminho do galpão. Alli desprezaram a plataforma e tiraram do bojo aquelle andrêjo de humanidade. Meco, congestionado, delirava grotescamente, envolto em ramos de myrtilas...

Foi chamada a ambulancia. Os medicos felaram e m intoxicação, febre muito alta.

No hospital, onde esteve poucos dias, sobreviveu-lhe uma infecção gástrica, de caracter, grave.

— E agora?

que é feito delle, perguntei com interesse.

— Bah! respondeu o homem. Se faz questão de saber, vá indagar. Nunca mais tive noticia della. Só sei que Meco nunca mais appareceu por ahi...

Só então é que me occureu que Meco me era muito familiar. Verdade é que podia ser outro de equal nome.

Indaguei então: — Era um menino louro, saradito, de olhos azues muito arregalados?

— Exactamente. Andava sempre com os olhos pasmados. Aquelle expressão «olhos pasmados», retratava-o, fixando-o, como num instantaneo photographico. Elle era bem isto. Todo o seu typo desapparecia sob a expressão, quasi violenta, dos olhos. Todos os demais traços se apagavam, se tornavam indetectivos, porque o brilho excessivo dos olhos e a expressão original de seu olhar punham na penumbra os outros traços da sua physionomia.

O Meco! Tinha-o bem presente agora. Conheci-o como vendedor de jornas, apregando as gazetas com seu falsete desahado. Vi-o ainda, mais tarde, com sua caixa de engraxador ás costas, batendo matraca com a escova e esganando o seu pregão:

— Esgraxa, frequz!

Ora, o Meco! Nunca mais pensara nelle. E agora, repentinamente, tinha-o presente na imaginação, tal como elle fóra, magrissimo e sujo, e tão sympathico, que nunca, so vel-o, deixava de demorar os olhos nelle com um affecto que nunca lha confessari e que elle nunca adivinhara.

CLARA CAMARRA.



## Cabellos de ouro e cabelos de treva



*Somno ligeio e tranquillo, velado pelos cabelos.*

Todos os poetas, todos os artistas, em todos os tempos e em todos os paizes sempre procuraram definir o encanto indefinível de uma cabelleira feminina.

Quer sejam scumbrias como a noite, quer louros como um dia de sol, sempre as tranças de uma mulher têm uma fascinação extranha.

À côr, entretanto, das madeixas, parece ter uma ligação íntima com o caracter de quem as possui.

As morenas e as loiras formam duas categorias bem distinctas e parece que a cada nuance da coloração da cabelleira, corresponde uma subtil nuance de alma. Uma alma escura poderá ser comparada a um ceu tempestuoso e uma alma loira á clara alegria de um trival maduro.

Ha nisso muita phantasia, incontestavelmente, entretanto a experiencia tem demonstrado que nisso ha um fundo de verdade.

Mesmo na mythologia sente-se essa instinctiva differença: Ceres, a deusa das searas, é loira; Aphrodite, a deusa do mar, solta, entre as borrascas, como um veu, a ampla cabelleira jalde, e Phrinéa, perante os juizes, desfralda sobre o seu corpo divino, o pendão de ouro dos seus cabelos maravilhosos.

As literaturas universaes tambem attestam os valores moraes que se têm dado aos caracteres animicos das loiras e das morenas. A umas se empresta uma alegria franca e garrula; a outras o espirito sinistro da tragedia.

**Cabellos negros e cabelos louros** — Octave Uzanne dá á mulher de cabelleira corvina mais magestade do que graça. Assim os poetas destinaram essa côr de cabelo ás Dallilas e ás Medéas, sinistras e tentadoras.

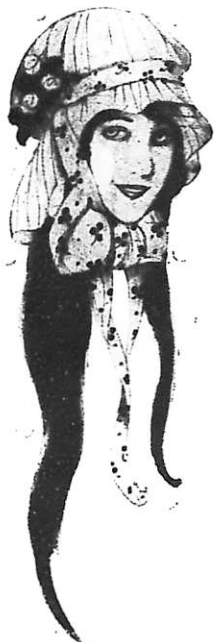
A's loiras reservou-se um lyrismo mais suave e madrigalesco. Entretanto, a variedade de cor nesta classe, traz diversas differenciações de caracter, desde o louro canario, frivolo e alacre, até o **ouro-foncé** descambando para a tragedia.

Pierre Louys pinta magistralmente a côr da coma de Chrysis: «Não eram os cabelos lisos das syriacas da côrte, nem os cabelos escuros ou negros das filhas do Egypto. Eram das da raça aryana, das Galliléas, dessas que vivem para lá dos desertos...»

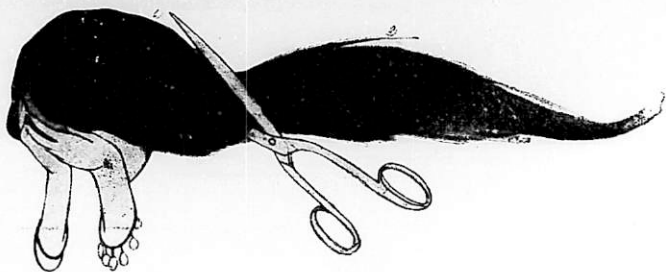
E linda e negra era a cabelleira da divina Salammbô, a filha de Hamílcar, a amada de Mathô. E fascinadora a de Méli-sande, a querida de Pelleas, engendrada pelo genio profundo de Maeterlinck.

E assim cantaram, na prosa ductil e bella, as lindas madeixas femininas, Rodembach, na sua *Bruges-la-Morte*, Georges d'Eperbés, na *Legende de l'aigle* e tantos outros.

E os poetas, os eternos namorados da belleza, tambem tangeram suas lyras em honra desse adorno soberbo da mulher. Baude-laire, o sentio e Cyrano, poeta do satanismo mystico, cautou-os.



Mimi Pinson  
*As toucas e os cabelos negros cantados por Alfredo de Musset*



Os cabelos de ebano da hespanhola, que vloeem sob a ameaça das tesouras climentes e vingativas.  
D'Espéris cantou-os na «Legende de l'Aigle».

Cheveux bleus, papillon de tenebres tendues,  
Vous me rendez l'azur du ciel immense et rond!

Samain, o delicioso lyrico do «Jardin de l'Infante», immortalisou a cabelleira de Tsilla:

... le soleil avait au baiser de ses flammes,  
Changé ses cheveux noir en un grand fleuve d'or,  
Et c'est pourquoi Tsilla, fille de Sem Nacor,  
Fut blonde, la première, entre toutes les femmes.

E Mistral, o grande poeta da Provença, na sua immortal *Mireille*, cantou a gloria das tranças pretas.

\* \* \*

No Brasil, nossos artistas têm divinizado incondicionalmente a graça das comas femininas. Vicente de Carvalho, Bilac, Alberto de Oliveira, Martins Fontes, Luiz Murat, Guilherme de Almeida, Olegario Mariano, Menotti Del Picchia, Amadeu Amaral, todos os nossos grandes artistas têm, nas suas obras, algum madrigal á graça venusina das tranças das mulheres. E as comparações têm sido tantas e tão variadas, as imagens têm sido tão originaes e bizarras, que o assumpto parece exgotado...

Entretanto, uma bella cabelleira, ainda inspira, ao mais esteril dos nossos

bardos, um violento dictyrambo; porque, como disse Saint-Beuve:

... sur un front de quinze ans, la chevelure est belle  
Elle est, de l'arbre en fleurs la grace naturelle,  
Le luxe du printemps et son premier amour.

Infelizmente, em nossos dias, as cabelleiras, as fartas e sumptuosas cabelleiras já se não usam. Os artistas *coiffeurs* aconselham ás suas clientes, que ainda as possuem, cortal-as no comprimento e desbastal-as na espessura, sem o que nunca conseguirão realizar um penteado rigorosamente elegante e com os rudimentares principios de hygiene.



# RAPHAEL SANZIO

## O artista da Uncção e da Graça

Raphael Sanzio, o divino pintor das madonas que ficarão eternas nos annaes da arte, que, indistinctamente com Miguel Angelo ou Leonardo, deu seu nome ao seu seculo, nasceu em Urbino em 14 de Março de 1483.

Filho de um pintor de fama, seu paee collocou-o nas fabricas de porcellana onde pintava coisas extraordinarias nessas peças artisticas.

Vendo seu paee a rara capacidade e intelligencia do filho, o seu profundo gosto pela pintura e a sua admiravel sensibilidade, decidiu tiralo de um mister todo secundario e entregal-o aos cuidados de Pietro de Perugia, que então era o pintor mais afamado do seu tempo.

Mas, mesmo ao lado do grande mestre, a arte de Raphael, precoce e genial, começava a singularisar-se de tal fórma que logo os seus trabalhos superaram as melhores telas do seu admiravel mestre.

Sahindo de Perugia e dirigindo-se a Florença, teve occasião de admirar os trabalhos do formidavel Leonardo da Vinci e o



*A Virgem da casa de Alba — Quadro de Raphael*

realismo gigantesco de Miguel Angelo Buonarrotti. A sua intelligencia de eleito entre viu um campo de arte mais grandioso e, por conselhos de Baccio della Porta, tentou uma arte mais pessoal e grandiosa. Nessa occasião Purrecchio, um dos artistas mais celebres do tempo, achava-o com capacidade para executar os cartões da sacristia do Duomo de Siena.



*Agustín de Beazzano — Quadro de Raphael, que se conserva no Museo do Prado.*

Aos 17 annos apenas, já pintára S. Nicola Tolentino, e outras figuras estupendas, onde, quer pelo contorno, quer pelo colorido, levavam de vencida todos os trabalhos dos seus mestres.

Em Florença, relacionando-se com frei Bartholomeu della Porta, adquiriu, definitivamente, a suprema perfeição do colorido.

Por esse tempo o papa Julio II fazia pintar o Vaticano. Para a execução dessa obra eram chamados os maiores artistas da Italia. Foi então chamado Raphael, e qual executou uma das suas obras primas: «A Escola de Athenas». Esse quadro deslumbrou Roma.



Santa Margarida — Quadro de Raphael



Santa Cecilia — Quadro de Raphael

Começou então o seu prestígio, realizando em pouquíssimos annos os mais extraordinarios trabalhos que tenham produzido os genios pintoraes de todo o mundo.

Sua technica pode-se dividir em tres periodos : a *perugina*, inicial e mais fraca ; a *florentina*, adquirida em Florença, onde sua arte é mais grandiosa ; e a *romana*, que é o apogêo da sua arte, a apothose miraculosa do seu espirito.

Seu pincel culminou na "Transfiguração", em S. Pedro (Montorio). Ahi toda a sua virtuosidade fulgura no esplendor maximo do seu genio sem emulos.

Talvez Tiziano e Corregio lhe levassem al-

guma vantagem na vivacidade do colorido. Nennhum, entretanto, como Raphael, deu ás suas telas essa unção mystica, religiosa, extra terrena, que faz das suas virgens verdadeiras aparições divinas.

Morreu aos 37 annos. A sua morte foi pranteada em Roma como uma calamidade publica. Junto do seu feretro collocaram o quadro «Transfiguração», a cuja vista os circumstantes choravam copiosas lagrimas.

Os quadros que reproduzimos são dos mais bellos do immortal pintor das coisas sublimes. E o seu coração e a sua belleza, como a sua arte, ficaram immorredouras na memoria de todos que amam um pouco do que é Puro e do que é Bello.

#### Conselhos medicos

O alcatrão, desde os tempos mais remotos, tem sido indicado para um grande numero de enfermidades, como as das vias respiratorias, as do aparelho urinario, as do aparelho gastro-intestinal e as da pelle. Os povos antigos, e principalmente os gregos e romanos, obtido o alcatrão vegetal do pinheiro silvestre, mergulhavam-na na agua. Essa agua, a despeito das suas inegaveis virtudes curativas, era intragavel. A chimica pharmaceutica, pois, no interesse de aprovaritar esse precioso medicamento, tem erado diversos processos de modo a tornal-o mais accetito pelo estomago.

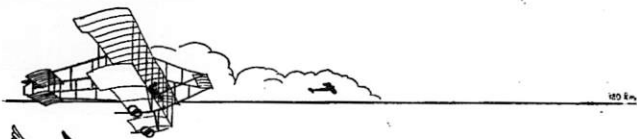
A agua de alcatrão é muito acida e, como te disse, desagradavel ao paladar. Mais tarde prepararam-se os hydrofios acidos, que, apesar da sua bonita cor de ouro e do seu sabor toleravel, eram inteiramente innocuos, porque os principios activos, que deviam conter, eram quasi nullos.

Outras tentativas foram feitas. Por fim, ao cabo de numerosas experiencias, foi encontrada a verdadeira fórmula, que é a de sultulo alcalino concentrado, conhecido em nossas pharmacias pelo nome de «Alcatrão Giffoni». Nesse preparado estão aprovitados todos os elementos soluveis, balsamicos e antisepticos do verdadeiro alcatrão. Esse não só é e mais effi-

caz, como tambem o mais agradável á vista, ao paladar e ao olfacto.

O «Alcatrão Giffoni» vem demonstrando, desde muito tempo, a sua extraordinaria efficacia, graças ás suas propriedades diureticas, antisepticas e anti-catarraes. E' indicado nas molestias das vias respiratorias, como bronchites, laryngites, catarrho broncho-pulmonar chronico, tosse rebeldes, tuberculose pulmonar, etc.; nas molestias de aparelho urinario, como caturba de bexiga, cystite, prostatite, urethrites e outras mais; nas de aparelho do estomago e do intestino, gastroenterites, etc.; e para muitas molestias da pelle, como eczemas, dartros, cecirras, empingens, etc.

## OS PRODIGIOS DA VELOCIDADE



Velocidades relativas por hora do aeroplano, do pomba correto, do automovel, da motocicleta, do dirigivel, da locomotiva, do galgo, da lebre, do ciclista, do cavallo, e do andarilho, computadas em seu grão maximo e sem obstaculos retardatorios.

Sabe-se, sobejamente, que nada no universo está em repouso absoluto: tudo roda, vibra, se agita vertiginosamente! O movimento dos mundos cósmicos é curvilíneo e rectilíneo, isto é, enquanto se projectam no espaço, gyram sobre si mesmos, na inquietude eterna e maravilhosa das forças que equilibram o creado.

Isto supposto, não poderemos deixar de reconhecer que, em rigor scientifico, nem o trem sobre os trilhos, nem os navios sobre as aguas, nem o aeroplano nos ares, nem as andorinhas nas suas nigracões, nem os pombos-correios

nassuas mensagens, fazem uma trajetoria mathematicamente rectilinea, uma vez que a terra é arredondada como as laranjas e os espheroides...

Porém, como tudo é relativo no universo, á nossa percepção sensorial ha sempre a illusão de que existam coisas immoveis e coisas em movimento, independentes do continuo agitar-se de universo em conjunto, e, quando esses corpos se movem no nosso mundo, sua trajetoria pôde parecer-nos rectilinea, ainda que em absoluto não o seja.

Isto posto, todos sabem que nem todos os corpos se transladam no mesmo tempo de um ponto ao outro. D'ahi surge a idéa de *velocidade*. *Velocidade* é, pois, a relação entre o espaço, (caminho percorrido por um corpo), e o tempo empregado em percorrel-o. Para se medir a velocidade é mister especificar o tempo e o espaço.

Quando, pois, se diz que um aeroplano com 180 kilometros, subentende-se a medida fixa de tempo: uma hora. D'ahi a phrase: fazer tantos kilometros *per hora*.

D'ahi é claro que se intere que tanto *maior* é a velocidade quanto *menor* é o tempo que um corpo gasta para se transportar de um ponto do espaço a outro.

A sciencia conseguiu determinar a velocidade de varias forças: electricidade, magnetismo, calor, som, etc. Acreditou-se ser a velocidade o agente mais veloz de quantos auxiliam o homem no seu trabalho. Porém, desde que a experimentação psychologica demonstrou que tambem o pensamento é uma energia transmissivel, reconheceu-se que nenhuma outra se lhe avanta em velocidade, porquanto a propria luz, que tão celeremente se expande, passaria a ser uma leorda tartaruga comparada ao pensamento.

A luz, como é sabido, demora para descer do sol á terra 8 minutos e 18 segundos; o pensamento faz esse trajecto *instantaneamente!*

E' impossivel, graphicamente, demonstrar a velocidade da electricidade, até hoje não medida, e da luz, que percorre 300.000 kilometros por segundo, isto é, 882.000 vezes mais rapida que o som.

Apesar do homem ter inventado aparelhos para voar, não venceu ainda, em velocidade, as andorinhas que correm 200 kilometros por hora. Os aeroplanos ficaramnos



Velocidade maxima do vôo das andorinhas (200 kilometros por hora)

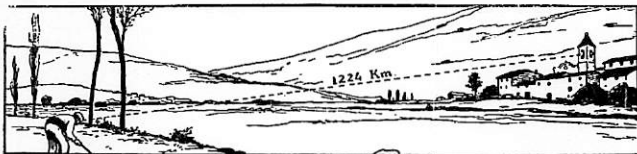
180. Os automoveis avançam, em pista, 200 K., mas a sua velocidade natural, util, é de 140 K. O trem de ferro, que ha meio seculo parecia de velocidade insuperavel, deixa muito a desejar hoje em dia. Suas velocidades são pautadas assim: 90 K. em terrenos planos, 60 e 25, conforme a configuração topographica do terreno. A bicicleta e a motocicleta alcançam 35 e 120 K. por hora. São, porém, veículos incommodos e pouco praticos

Se as andorinhas são, entre as aves, as rainhas dos ares, entre os quadrupedes vencem na carreira o gal-



go, a lebre e o cavallo. Como, entretanto, são organismos vivos, estão sujeitos ás leis fataes da physica, o que quer dizer que não conservam, no tempo, a velocidade inicial. Pudesse isto dar-se com o cavallo, elle emparelharia com o trem de ferro.

Por fim vem o homem. Este, infelizmente, muito deixa a desejar... 10 kilometros apenas, os mais levipedes... E' pouco! E' pouco, porém, é mister ponderar que, nos ceus, com o aeroplano que fabrica, percorre 180 K. por hora e na terra 140, refestelado commodamente nas almofadas de um automovel. Que mais pôde elle desejar?



Representação convencional da velocidade do sem. (1.224 kilometros por hora).

## EMFIM...

À meu esposo

Emfim, eis-me a teu lado, caro amigo,  
Em doce enleio, em perennal ventura.  
Já me não segue aquella desventura  
Que outr'ora caminhava, a par, commigo.

E' boa a vida assim; eu à bemdigo;  
E bemdigo esse amor, essa ternura  
Que de minh'alma a triste noite escura  
Baniram de uma vez. No doce abrigo

De nosso lar ditoso, onde vivemos,  
Não temos tédio nem tristeza temos  
Que nos tornem a vida aborrecida.

Alô! que eterno me seja esse viver,  
E a meu lado te possa sempre ter,  
Amado companheiro, alma querida!

Odette Donah.

Pedra Branca, Minas, 17 - 1 - 920.

## Introspectivo

Deixa que o sol descambe e a noite, após, se estenda,  
Repleta de illusões e de mysterios cheia,  
Ou que o genio do mal, que por além vagueia,  
Venha erguer sobre a terra a sua negra tenda.

Nem de leve te assombre a renhida contenda  
Pelo amor, pelo bem, onde o fogo se ateia  
Do espirito, immortal, que entre abrólhos campeia.  
Nem tua alma espartana a tal pavôr se renda.

Deixa livre a carreira ao tempo e aos elementos:  
Has de luzir, talvez, carvão feito brilhante,  
Ou, estrella cadente, acabarás na tréva.

Mas... que possas sentir, nos ultimos momentos,  
O conchejo lustral de um coração amante,  
Qual o anjo de luz que para o céu nos leva!

ED. CERQUEIRA.



Neuza Cysneros, filha do sr. Helderio Cysneros — Parahyba do Norte.

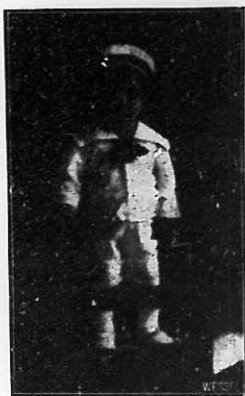
Nem sempre podemos publicar os retratos de crianças, que nos são enviados, acompanhados de lisonjeiras dedicatórias. Só podemos, de vez em quando, estampar quatro ou cinco photographias, o necessario para completar uma pagina. Os amáveis leitores da

## NOVA SEIVA

Ahi vão os bellos rebentos da mocidade brasileira, forte e nova seiva que prepara a gloria da florada d'amanhã.

Nessa bella juventude é que estão depositadas as melhores esperanças da nossa patria.

Todos os *clichés* que publicamos são de antigas e gentilissimas admiradoras da nossa «Revista», em longinquos rincões da terra brasileira.



Fernando Cysneros, filho do sr. Helderio Cysneros.



Euridice, Maria e Josefina Ribeiro de Vasconcellos.

«Revista Feminina», que nos têm enviado retratos dos seus lindos bebês, desculparão o proposito que adoptamos. Nem de outra forma podíamos proceder, porque se, em gratidão a tão numerosas e expontaneas sympathias que se nos offerecem, fossemos illustrar as nossas paginas com os retra-



Lygia e Florize, filhas do sr. Octavio Salviano Martins. — Cassia — Minas

Estamos certos de que os nossos leitores nos relevarão essa falta, se é que se póde chamar falta a um proposito que adoptamos e mantemos.



Noemy Guimarães e Santa Oliveira

## A lebre encantada



O caso passou-se numa capital de Estado. Ricardo, zeloso funcionario publico, havia dado hospedagem fidalga a seu amigo Sousa.

Em primeiro logar apresentou-lhe a esposa, em seguida a Mimi, o cachorrinho sem cerimonia nem etiquetas, e logo após, levou-o a percorrer a casa, mostrando-lhe uma colleção encadeada das Aventuras de *Nick Carter*. O Sousa seria que elle tambem se dava ás boas leituras. Levou a sua gazelleza ao ponto de se achar mais gordo; convidou-o a jantar e, por ultimo, dignou-se acompanhá-lo ao Casino, ao ruido das bolas de bilhar e das fichas do dominó. Ricardo afirmou, com verdadeira emoção, que seu amigo tinha «bastante» talento.

Uma noite, porém, desolado porque Sousa não sabia jogar a bica, Ricardo retirou-se da sala de jantar — onde amistosamente confabulavam junto á mesa, a fazer bolinhas de pão — e voltou, d'ahi a pouco, com uma coisa comprida, mysteriosa, dentro de uma sacola verde, igualmente comprida.

— Que é que ha? — perguntou Sousa.

Ricardo, sorrindo maliciosamente, desamarrou a sacola e d'ella tirou dois pedacinhos, de ago reluzente um, de madeira o outro e ajustando-os com dextreza maravilhosa, mostrou uma espingarda.

— E gestos d'isto? — indagou.

— Homem... conforme, replicou o outro sollicito. Parece-me, porém, uma coisa mais innocua que o gramophone.

Ah! pois sabes que tambem temes cá um gramophone?

— E isto não me preoccupa. Como vivo sempre entre livros... A sciencia, algumas vezes, se engana, do mesmo modo que a Natureza. O boteão e o bandolim são, sem duvida alguma, ordens mil cumpridas ou lamentaveis descuidos de acres privilegiados. O gramophone, por exemplo, não me parece um invento; creio tratarse antes de uma distracção.

O funcionario obsequiou Sousa com uma gargalhada e mirando sua esposa, continuou:

— Ótimo!... Mas a caça é um sport estupendo! Não te agrada o campo?

— Muito.

— Bravos! Nalguma coisa haviamos de estar de accordo.

Queres vir comigo matar umas lebres?

— Quando? — perguntou o escriptor empallidecido.

— Amanha.

Hesitou um momento. Aquelle homem acabava de julgar ridiculo o gramophone. Ricardo o tinha. Além do mais, convidara-o para jantar. E muito bem, por certo. A esposa esperava de Souza um vereditum favoravel. O caso da espingarda, negro e rigido, apontava para a fatalidade. Sousa, homem da alta sociedade, vivendo entre livros e revistas, não era, lá para que digamos, um andarilho, mas reconhecia ter sido sempre a tolerancia dom de um homem medianamente culto...

— Está bem; irei contigo.

E acrescentou:

— De muito boa vontade.

Em pleno monte gozaram a ventura de ver surgir a manhá. Durante uma hora, subiram e desceram; durante outra desceram e subiram. Secou e rocio das flores. As cepas das arvores abriam circulos de sombra pelo caminho. Baixinho, passava, ás vezes um passaro. E Ricardo, com a espingarda apoiada ao braço esquerdo, avançava silenciosamente, esquadrihando as capociras com o olhar. O silencio daquellas paragens arrancava-lhes phrases banes.

— Está suando?

— Qual! nem por isso...

— Que bella campina, acolá, hein?

— E' verdade.

— Espera! Silencio! E' agora!

Pum!... Fumurada de polvora; uma ave, ao longe, que levanta o vôo; o cão que corre; expectação; sol; fragancia de flores redolentes...

O certo é que Ricardo, o cachorro e Souza exploram inutilmente. O que teria sido? Perdiz ou coelho. Ricardo com fleugma, fleugma excepcional, murmura:



— Que leve a breca! Está ferido e foge. E' a primeira vez que me escapa um.

Sousa não falla, fumando socredamente. As suas reflexões são de profano. Mas, não o contraria a idéa de que esse coelho ferido seja logo encontrado por algum camponez em qualquer vallo e coma, sem espingarda e com tomate?

— Estás caçado?

— Não.

— Vês aquelle monte? Que belleza! Domingo passado matei lá cinco lebres... Houve caça que era um nunca mais acabar.

E os dois amigos continuam a avançar. A cidade com o casario branco, lá se vêe ficando ao longe...

Pela terceira vez comprimentam ao guarda-caça.

— Bom dia, sr. Ricardo. Como va a familia? Então... viu's passar?

— Estamos á procura.

— Home! hontem ella passou por aquellas landas!

— Muito obrigado.

— Vão com Deus.

E tece para a frente. Mas, debalde procuram.

D'ahi a pouco, novo encontro com um sitante, lencico, tímido.

— Bom dia.

— Olá, sr. André!

— Inda agoinha passou por alli... pertinho... Até á vista.

— Passe bem.

E continú a caminhada, num sobe e desce incessante, a vadejar corregos e chapinhar em brejaes.

Que dia soberbo!

Ricardo falla pouco e Sousa repara aquelle mutismo. Algumas vezes toma de conta e bebe com avidéz.

A quem se referem as phrases d'aquelles campones? Quem é ella?

Será que em vez de irrem á caça, os dois amigos correm [para aventuras amorosas? Que correm tanto para matar uma simples perdiz, quando a Souza lhe lembra haver muitas, appetitosas e facilmente, já depennadas no mercado?

E... E...

De repente, seu amigo lança um grito:

— Olha! Alli!... está alli!

Mette a espingarda á casa e pum! pum! dois estrondos horribissimos atrem os vés. A paisagem oscilla. Setas reflecte. Apre!

Com estes dois tiros se dá muita inoportancia a uma lebre...

O cachorro vê. Ricardo aperta o passo. Sousa experimenta sensações extranhas e tropiça a cada momento, e tanto que enfia os pés em uma *panella*.

— Cahiu? — perguntou ella.

— Miseravel! — regongou Ricardo.

— Escapou. Mas tambem te juro que ficou com uma perna espatifada. Não a viste?

O outro, szarrazado, responde que não.

— Como não? Si estava a dez passos de nós! Não sei como o demonio pôde escapar! Elle passou... Eu sei... Não sei o que tenho hoje... Estou com a pouteria má... Deve ser por causa do calor... Estás suando...

— Um poucoinho...

E olhando o relógio:

— Ups! Tres e meia! Vamos comer... Como o tempo passa assim na caça!

— Vês! — exclamou Sousa philosophicamente. E pensou de si para si: — E não ha espingarda, nem de fogo central, que a mate. Mas como os sançóviches e o vinho estão sabrosos, Sousa, sob aquelle céu resplandecente, se resigna...

O perdigueiro com a lingua de fóra e os olhos como que enternecidos, explora as cercanias infructuosamente. A' distancia, ouvem-se detonações inoladas, solemes, que accentuam a calma da paisagem.

Ricardo come, satisfeito, obsequiando fraternalmente o cachorro. Nas aventuras cypergeticas e aneddotas triviaes de negocios. O cão e elle trocam olhares de intelligencia. Sousa insulsa a paisagem, tão seductora, bocejando.

São outra detenção... Teria, por fim, sido morta a fementida lebre? Puerilmente, reconvém...

Já noite, ternam á casa, cobertos de pó, silenciosos.

E que poderiam dizer?

Ricardo não caçou perdizes, e nem, muito menos, a celeberrima e appetecida lebre. Mas, de cambio, correu varios coelhos, na louvavel intenção de não desacreditar a caça e no intuito de ser agradável á sua esposa, — comquanto pareça ao Sousa não haver por aquellas bandas sino pedras, barrocas e muito espinho.

A mulher, radiante, ouve a narrativa cypergetica. E sorr vendo os coelhos caçados... ao vender, e desfaz-se em elogios fallando do campo.

— Devia de estar, bellissimo! não?



— Nem falles !...

Ricardo descalça as botas e dispõe sobre a mesa todo o material de caça. Está épico. Monte, não com cynismo, mas com convicção. Souza tem impulsos de abraçar-o. Na repartição, até o próximo domingo, sentir-se-á feliz, repellido, tartarinosamente, as suas fagunhas.

O par e seu amigo jantam com excellent appetite.

Ricardo é tão apaixonadamente caçador que chega a acreditar cegamente nos embustes que acaba de ouvir. Souza reforça as guias melancolicamente e contempla o funcionario optimista e palrador.

— Onde está a verdade? — pensa o publicista. — Nem nos livros nem nos campos. Esss lebre phantasma...

— Como gostas do campo !

— Com delirio. Talvez urbanizando-o um pouco... Porque são mui pedregosos, — observa Souza.

— Ora ! ora !

— Mas, confesso que me diverti muito.

— Hansem, — acrescenta o caçador — o essencial é fazer exercicio. Os taboas, perpetuamente entre livros... Pois, olha, mesmo que não o creias, tens melhor côr. E jantaste bem.

— E' verdade, — diz a mulher. Ricardo dá-se muito bem com os ares do campo !

Ouvindo estas palavras misericordiosas, Ricardo vai ao auge do enthusiasmo.

— Nada, nada; domingo voltarás conmigo á caça. Precisas deixar esse molo, rapaz. E' preciso descansar os miolos.

E enquanto a mulher se um instante, diz baixinho:

— Garante-te que dentro de oito dias a lebre cáe. Olé, si cáe

\* \* \*

Souza é de parecer que ella não cahirá; mas, delicadamente, abstém-se de o declarar a seu amigo. Ha certos amigos que nunca devem morrer. E um delles é aquella lebre gorda, veloz e amavel.

Ella sózinha trabalha em favor do campo mais fructuosamente do que a tuberculose pulmonar e os poetas bucolicos.

Enxergada por guardas e caçadores — funcionarios publicos, a sua missão consiste em saltar eternamente do outeiro ao braxace e do furo do cachorro ao matagal.

Assim, jamais alcançada pelos perdigueiros, muitos Ricardos são venturosos comprando todos os apetrechos venatorios, ternos de kaki e perneiras, e esperando com deliciosas inquietude o domingo.

Salve, agulhinha roedora ! O bemaventurado S. Alberto a pretege. Out'ora, nas historietas de palacios encantados que nos contava a avózinha, havia sempre um duende. Agora, ao contrario, em todos os contos de caça, ha uma lebre para que os Ricardos sejam felizes : uma lebre maravilhosa que nunca deixa de correr.

Angelo Ramires

## PELO FEMINISMO

*A brilhante jornalista patricia Lia da Fonseca, filha do illustre general Pedro Paulo da Fonseca, visitou S. Paulo e deixou á "Revista Feminina" o bello artigo que abaixo transcrevemos.*

*Lia da Fonseca, cujos trabalhos têm sido apreçados nas folhas mais importantes do Rio, é da redacção de "La Noche", jornal brasinopólio, que se publica no Uruguay.*

Contam as antigas legendas do Egypto, que quando os estrangeiros visitavam um templo de seu culto, apparecia sempre um sacerdote, que, com passo lento, ademanos, solemnnes e palavras mysteriosas acompanhava o visitante á mostrar-lhe o Deus de seus altares. Chegado a este, correndo uma cortina de purpura e ouro, deixava ver, com grande assombro do visitante, um crocodilo, uma serpente ou outra besta feroz, que dormia o peso de sua tristeza de prisioneiro, sob e sobre as riquezas de uma religião phantastica.

Durante muito tempo, os homens com o seu egoismo e as mulheres com sua fraqueza, apresentaram aos olhos dos que os miravam, o aspecto extranho da legenda egypcia. Sacerdotes

de palavras intelegiveis, elles conservaram seus idolos sobre os altares resplandecentes de luzos de ouro, de perfumes; servidas, aduladas, adoradas mesmo, porém ni dellas, prisioneiras, vendo de longe a vida real, cercadas por uma atmosphera de sonho.

Com a recente guerra europeia, a mulher encontrou-se de repente deante da vida e se viu forçada a lutar com ella.

Foi repetindo o poeta, a lucta de um gigante nú, contra um gigante de aço.

Energica e calma, dotada de sangue frio e de tenacidade com a força de uma machina gigantesca e a delicadeza de uma mão que acaricia, a mulher avançou, domando os proprios nervos, an-

jos lindos e bons, conquistou seu inimigo, venceu-o, dominou-o.

Amiga do homem, solidaria com elle na lucta pela felicidade humana, sua companheira, sua igual, eu invoquei a lembrança de uma religião antiga, para desejar que depois desta victoria do feminismo, ao correr no futuro os véus de purpura e ouro que sempre hão de nos involver, não se encontre mais o idolo vivente do preconceito e da rutina de uma religião morta, e sim o altar resplandecente da sciencia e do trabalho.

Deixemos que os deuses e os sacerdotes de um culto extincto chorem seu fracasso, dando passo ao novo idolo que se levanta com a força inexoravel das leis da natureza.

Lia da Fonseca

# A mulher brasileira com o direito de voto!

O senador Justo Chermont, com o alto descortino de seu espirito de escol, formado na escola da mais pura democracia, apresentou ao Senado Brasileiro o seguinte projecto :

«O Congresso Nacional decreta :

Artigo unico.—São extensivas ás mulheres maiores de 21 annos as disposições das leis n. 3.139, de 2 de agosto de 1916, e n. 3.208, de 27 de dezembro de 1916, revogada a legislação em contrario.

Sala das sessões, em dezembro de 1919. — *Justo Chermont.*»

Justificação—Prestando a devida homenagem á principal missão da mulher sobre a terra — os misteres da maternidade — penso que elles não são incompatíveis com os seus deveres sociaes e com os direitos politicos que o regimen democratico lhes deve garantir.

E' verdade que a crueldade dos costumes primitivos praticou injustiça, rebaixando a sua posição no seio da humanidade. No direito antigo, a mulher era considerada «escrava» do homem, e nem a pureza da moral do Christianismo e a sabedoria da jurisprudencia romana modificaram completamente essa idéa errada, esse tratamento barbaro, que predominou durante muitos seculos. A mulher continuou a ser uma «interdicta» em contradicção ao direito natural, que a proclama egual ao seu semelhante.

A legislação republicana brasileira protestou contra essa iniqua Jesequaldade, dando-lhe o patrio poder.

E' preciso completar essa conquista de civilização e de humanidade, outorgando-lhe o direito politico.

As nações civilisadas estão adoptando em suas leis essa egualdade de direitos. Não deverá o Brasil imitalas, satisfazendo uma aspiração que se justifica quanto á mulher pelas provas dadas de capacidade, de aptidão, de coragem e de patriotismo ?

Qual foi a virtude civica de que ella não se mostrou capaz, durante os ultimos annos, os mais difficeis que a humanidade tem atravessado ?

—o—

Quem vive em sociedade está sujeito a encargos, aos quaes devem corresponder direitos. Ninguém deve pagar impostos, sem que directamente ou por delegação intervenha na sua decretação.

A mulher paga impostos : por que prohibir a sua participação em regulal-os ?

—o—

O voto da mulher será um estímulo para o homem, que, em geral, abstém-se de exercel-o, mostra-se indif-

ferente a esse direito, desinteressando-se na escolha dos delegados que têm de decidir dos destinos do paiz.

E' de entristecer os corações patrióticos a indifferença do grosso da população brasileira, nos dias de eleições. Deixa a uma diminuta minoria essa função tão importante da vida publica, não intervém no pleito até mesmo quando se vão resolver questões palpitantes e de futuro.

Dando o voto politico á mulher, á mãe, á esposa, á filha, ella se interessará directa e apaixonadamente pelos negocios publicos, chamará o marido, o filho, o pae ao caminho do dever, e nós teremos a nação governando-se a si mesma, o povo rehabilitado com o exemplo das que nos são mais caras na vida.

—o—

O projecto é um gesto de reparação de uma injustiça muitas vezes secular : é mesmo uma revindicação ; é um estímulo ao exercicio do direito do voto (que até já pensam em tornar-o obrigatorio, tão necessario é elle á vida de uma nação) é um incentivo á nossa regeneração politica.

A *Revista Feminina*, que vê na justificação do brilhante projecto, o enunciado de grande cópia dos argumentos que em nossas columnas temos expellido pela emancipação politica da mulher brasileira, enviou o seguinte telegramma ao senador Chermont:

«Enthusiasticos vibrantes applausos liberal justissimo projecto mulher brasileira saberá agradecer como abolição escravatura politica e civil a que vive sujeita esperamos influencia moral feminina unica que nos resta da moral avoenga possa melhorar costumes politicalha nacional saudações».

E esperamos, de facto, que a san e pura moral religiosa que preside ao espirito da mulher brasileira possa vir purificar o ambiente putrido em que se dissolvem as energias nacionaes ao sopro da ambição e de todas as paixões inferiores.

—o—

A attitude do sr. Justo Chermont, apresentando ao Senado Brasileiro o memoravel projecto, deve ser louvado por quantos encaram esta questão com o espirito libertado de velhos e odiosos preconceitos contra a mulher. Aos paes de familia, por exemplo, deverá parecer chocante o facto de vér que o seu cozinheiro ou copeiro têm o direito de deitar nas urnas a livre manifestação do seu direito politico e que esse direito não o posee a sua esposa nem o possuem as suas filhas. Basta esse facto, entre outros igualmente eloquentes, para mostrar quanto é retrograda a opinião daquelles que ainda teimam em negar á mulher o direito de voto.



Justo Chermont

A' sombra de um pinhal, junto a uma fonte silenciosa, que flue o seu fio de agua, brilhante como um fio de luz, e que é, talvez, um fio de espelho de uma dryada, um velho poeta de mellenas brancas, olhos tranquilllos como o infinito e alma de creença, contou-me uma lenda. As aguas da fonte corriam clarissimas. Ambos nós, sjelhados á margem, bebemos daquella agua; e apogada a sede do corpo, começamos a sentir, mais vivaz e avassaladora, a sede da alma.

Perguntei ao velho barde se era propicia aquella occasião para contar-me a sua lenda. Elle, fitando o céu, onde o facho de sol parecia incendiar as nuvens, e mostrando nos olhos o reflexo daquelle incendio, respondeu:

— Vês aquellas nuvens vermelhas que parecem que estão a reproduzir o incendio de Phaetonte? Pois alli, naquelle cahos de fogo vi escripta, com caracteres igneos, a lenda que te vou contar. Escuta-a e grava-a em tua alma. Ainda é um menino, o é possível que a narração viva de exemplo para ti. E quando fares hemem, escreva-a, canta-a a teus filhas e a todos aquelles que sonham viver na Ilusão, e que, de rosto voltado para cima, a olhar as estrellas de sên, tropeçam a cada passo nos pedregoucos asperos da vida.

Dizpuz-me a escutar, mais com a minha alma do que com os meus ouvidos, o pobre sonhador, cujas barbas brancas tremiam como os seus dedos. A sua voz de ouro falou assim:

— «Em que época se deu esse facto! Ah! Lembra-me agora! foi naquella época em que a Poesia, mãe de todos e mãe até dos que a renegam, era rainha e senhora de mundo. Essa foi a época. Mas em que lugar do universo? Ah! Lembra-me agora! foi no largo e interminavel Caminho da Vida, que começa na eternidade inconsequível do berço e acaba em outra eternidade ainda mais desconhecida, o tumulo, as duz entre as quozes Deus poz o hemem como um ponte onde pudesse concentrar a dor...

«O Caminho da Vida era longo, interminavel, Ahi viviam dois corações juvenis, generosos, abertos, cheios de sonhos e avidos de commoções.

«Ella, sentada no ramo de uma arvore verde e ramalhuda, ia deverando, com um appetite de creença, os lindos pomos que tinha á mão. Sobre a cabeça della, nos ramos mais altos, gorgiejavam os passaros, passaros de toda côr e de todo feitio. uns pequeninos e esguios como libélulas, outros de immensa cauda resgante.

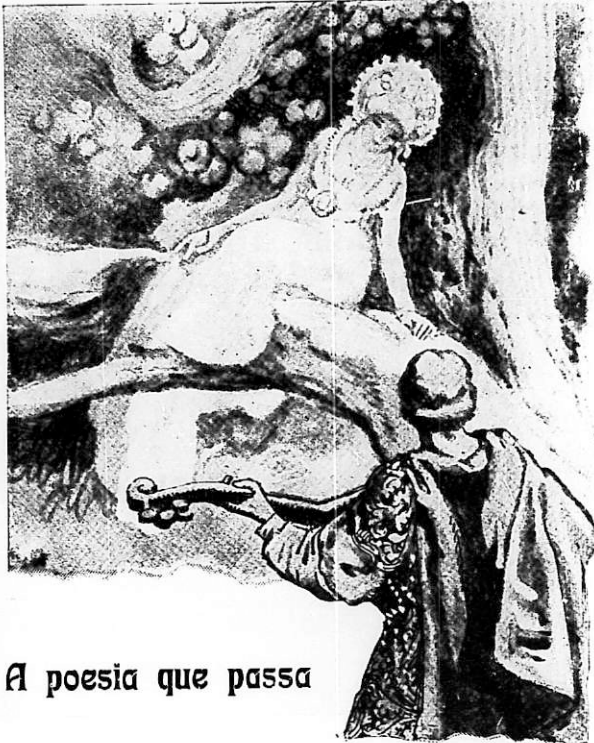
«Elle passou lendo o seu salúde de ouro recitando tenozas estrophes de um poema immortal. Deleve-se debaixo da rama em que descansava aquella divina mulher, encantado pela sua belleza. Ella parecia em extase, encantada por aquelle canto.

«— E' tu, pois! Sabia que te havia de encontrar em meu caminho!

«Ella respondeu, como num sonho, semicerrando as palpebras: «— E' tu, e eu te esperava!

«Desceu da arvore de aureos frutos e acercou-se do trovador. Este, sjelhando-se, beijou-lhe a orelha recamada da longa tunica que o vestia. Ella, pondo a mão branca sobre as mellenas ruivas do poeta, falou-lhe, como se gorgeiasse:

«— Levanta-te! Tu és o Amor e a Poesia, e eu esperava-te para palmilhar contigo o Caminho da Vida. Eu sou tambem a Poesia e o Amor. Antes da tua chegada, eu ia-me deixando viver, sem envelhecer nunca, escondida entre as ramas da arvore de pomos



## A poesia que passa

de ouro, esperando-te uma eternidade de seculos. Porque ha seculos que te espero!

«O poeta enlaçou com seus braços a cintura da drusa. Accordes estavam as suas almas, como arcades estavam o seu pensamento, as suas idéas e palavras. Ambos tinham abertos os seus olhos, como se vissem a nreza luz eu, quiza, os crepusculos da mesma treva. Apoiaram-se um no outro e foram-se juntos pelo Caminho da Vida, lançado ao vento a eterna copla do Amor e da Poesia, entoadá pela Juventude.

«E assim, juntos os seus corpos e as suas almas, correram a sua Vida, a mulher de voz angelica e o homem de alúde de ouro.

«Caminharam longos annos, seculos infundáveis, por sendas áridas e gândaras sexzites, por florestas e bosques, cruzaram mares de emeraldas, montanhas e planícies, sob sórs causticantes e sobre estepes alvissimas, sem sentir jamais o ardor dos sórs, o flagello das nevadas, o seúde dos espinheiros e os pedregoucos do caminho, e sem notar, aquelles pobres e innocentes orelhas do Ideal, que iam deixando pelas saças espinhozas os retalhos da sua tunica e o anque do seu corpo.

«Passaram eternidades, cantando, aquellas duz almas errantes as mais rublimes estrophes do hymno do Amor, os mais commovidos cantos da Poesia. A Humanidade inclinava a fronte á sua passagem e molando no pó o vestigio dos seus passos. Mas, apress passavam, a Humanidade esquecia-as. A neve que branqueava a cume das collinas tambem sobre as suas cabeças, embranqueando-lhes os cabellos, e elles, embudidos no seu Ideal, não o notavam. Toda vez que se olhavam, não o faziam com os olhos do

roste, mas com os olhos da alma, e porisso viam-se sempre jovens e brillos, tães como se viram no primeiro momento.

«E seguiram o seu caminho sem desfallecer, illudidos, contentes e senhadores, atraz do ideal que viam escripto, em caracteres de fogo, nas nuvens vermelhas de todos os occisos.

«Um dia, porém, deliraram-se em acção de uma esteppa, que extendia o seu lençol branco e sobre a qual corriam os ventos frigidissimos. O acaso ou o ideal se tinha quido aquellas paragens de onde toda a vida parecia ter-se suscitado e onde o silencio e a taente pareciam ter morado.

«Pela primeira vez, ellelhar-se com os olhos do roste. Olharam-se e ficaram horrotrissados. Ainda sentiam, porventura, no coração a ansia, a saudade e o fogo da Juventude, mas as suas azes, depennadas, gotejavam sangue; seus olhos, tragicamente bellos, macilentos, desenhando a caveira em cada aresta, tinha um aspecto de velhice millenar; seus olhos brillavam, mas com um brilho de febre delirante... E fallaram assim:

«— Demos por terminada a nossa peregrinação? Chegámos ao fim da nossa Vida?

«— Não, respondeu-lhe, descaçando, por momentos, o alaiide de ouro, nós somos immortaes. Nós conhecemos principio nem fim em nossa existencia. Nós somos eternos, como a Vida.

«— Qual foi a nossa vida?

«— A da alma, a da poesia, a do amar impercível, que é o que se alimenta de sonho e não de realidades.

«— Sim, Vivemos e cantar. Não firmamos outra coisa senão cantar. Mas isto será, realmente, a Vida?

«— Não, mas é, "idealmente", a Vida.

«— Vivemos, pois, a cantar. Ao nosso canto, abriram-se as jaellas, apuraram-se os ouvidos, pararam na estrada os viajeres. E nunca ninguém se lembrou de dar um pedço de pão á nossa fome, uma picara d'agua á nossa sede, um abrigo ao nosso frio, um retalho de la a nossa nudez...

«— E eis-nos aqui, pobres, velhos, rotos, e peor que tudo: esquecidos!

«— Mas ainda sedentes de Gloria e sequiores de Ideal...

«— E que vale o ideal sem um pedço de pão? Muitas vezes notei que homens e mulheres, ao ouvir-nos cantar, levavam as mãos aos olhos para reter as lagrimas que os nossos cantos provocavam.

«— E muitos levavam as mãos ao peito para conter o coração.

«— Mas ninguém á bolta para lançar um punhadão de ouro ao nosso repço.

«— Como haviam elles de dar o seu ouro ao trovador de alaiide de ouro e á borboleta de azes douradas? Quem possui um alaiide tão rico e azes tão bellas, não tem necessidades: se reclama um pedço de pão e amor é para além dos verdadeiros mendigos. Nós, só com nosour e Amor á Poesia, já possuímos o bastante. Não era isso que cantavamos? Não foi sempre o assumpto das tuas canções? Que muito ha, pois, que o novo, dando credito ao que contas, nos deixe passar dizendo: — «E' a Poesia que passa! Fecha a bolta! Poesia que não sofre fome, não é poesia! Se o Amor não se contenta apenas de Amar, não é Amor!» — Assim dizia o povo, e guardava o seu ouro para si ou para os que realmente precisavam

delle. Como querias tu que nos dessem moedas, si nós temos o orgulho de chamar vil ao metal de que as moedas se fazem?

«— Teas razão. Mas... e agora? perquistou, indiciã, a deusa de azes douradas. Voltar atraz é impossivel. E' um erro desandar o caminho andado.

«— Podemos renascer, recomeçar a vida...

«— Podemos antes aprender outras canções que valham o ouro real e não o lauro ficticio das nossas glorias?

«— Não, não! exclamã: com voz sonora o velho bardo. Muitas estrophes serão sempre as mesmas: a Poesia de Amor e a Amor da Poesia! Não cantarei senão a essencia da vida, e nunca as seus accidentes, nem as glorias e bens terrenos, nem o material e percível. Cantarei a essencia, o intangivel, o suprasensivel, o ideal!

«— Não te quizes, pois, si, ao recomeçarmos o nosso caminho, as gentes, que nos vejã passar, se comoviam apenas num instante se ouvir o nosso canto, não nos dêem um pedço de pão e nos esqueçam logo que valtem ás suas casas, porque a Poesia é causa esphemera, vã, que passa, que passa sem deixar rasto, como nós não deixamos rasto no caminho percorrido.

«— Esse é o nosso destino. L' força que e compramos de novo. Eu sou a Poesia, e a Poesia é o Absoluto, o Eterno, e Imortal, é aquillo que não vive a vida grosseira da materia, senão a subtil e delicada vida do espirito.

«— E tu sou o Amor, e o Amor não se alimenta senão de si mesmo, isto é, da sua propria immaterialidade.

«— Vamos pois!

«— Vamos!

«E ambos, aquelle velho de alma de creança e aquelle, velho de alma de snjo, fundiam-se, sobre as esteppes, em duas gotas de luz... Submergiam-se outra vez no Cahos. Foi um momento sublime. Um esforço titanico do fluido vital, inconsciente, que move a Natureza, condensou as duas gotas de luz em dois novos séres, que se reencarnaram outra vez num homem e numa mulher, reasacando, como duas phenix, não das proprias cinzas, mas da propria luz que tinham espalhado... E tornou ella a cantar e a esperar, repossada num tronco da arvore verde e ramalhuda cujos pomos fulguravam ao sol, e tornou elle a passar com sua saúde de ouro, e a perguntar-lhe como antes:

«— E' tu?

«— E dando se as mãos, começaram de novo a percorrer eternamente o Caminho da Vida, cantando a eterna copia de Amor e da Poesia, sem olhar para traz, sem estender a mão aos pedrosos, que, attentos, diziam ao veloz passar:

«— Ora! E' a poesia que passa...»

Calou-se o velho poeta... Fizeo o olhar nos seus olhos, e não sei se foi por effeito daquelle fulgurante incendio do accoso ou se foi illusão, mas eu juraria que se terminas as ultimas palavras da sua leada, em seus olhos brillava uma lagrima vermelha, argentea, como opaco e transparente rubi, como facetada gota de luz, capaz de condensar em cada uma das suas facetas toda a vida de um genio, tãis a historia sublimis da Poesia e do Amor...

Laura Vaz.

## CONTRASTES

O acolhimento que vai sendo dispensado ás idéas femininas parece o presagio da realisação dos direitos da mulher. A muitos pensadores tem interessado essa questão. Uns, depois da analys' precisa, louvaram a autonomia da mulher. Outros, não podendo admitir o seu valor intellectual e moral, repetem a velha phrase: que ellas têm os cabellos longos e as idéas curtas.

Mas ha muitas que os não têm compridos... Ao menos a estas não ficará o direito de desenvolver o intellecto?

Anda ha outras opiniões. Estas agoras, mais delicadas, cheias de termos adocados, deixam o argumento propulor das idéas positivas e energicas. Também são destituídas do humorismo que a tudo fere, de baixo da critica deliciosa.

Admiram na mulher essa personalidade toda feita de tenuras, que a faz viver de illuões. Erradamente acreditam inaneisvel a que se instruiu, cujas idéas se baseiam na observação dos factos e da experiencia.

Para combaterem o feminismo, fazem phrases bonitas, cheias de gazes, perfunas, flores... Com effeito, é assim que as creaturas se dividiram, tornando-se verdadeiras vírgens celestias!

Num romanticismo fastidioso, fazem ponderações. Resuscitam as figuras dos velhos romances, moças pallidas, nervosas, franzinas. Ellas desmolvam ao cahir de uma flor; os versos sentimentaes, traduzindo os soffri-

mentos de misera alma perdida de amores, as faziam chorar. Iguaes effeitos produziam as serenatas em noites cançadas de lauz...

Não olher antiquavam a vida de um cavalheiro. Também podiam morrer de amores. E o ether se evaporava, acurdido ligeiro, ás crises puz nervos fartos de abalos.

Depois vinham as olheiras de um mystico encanto; a pallidez obrigatoriamente comparada com um lycio branco, talvez, por não existirem aquillo tempo, por ironia, os lycios amarellos.

Mas a inepcia dessas creaturinhas excessivamente sensíveis se foi pateandoando. Enfastiam os homens, e o proprio espirito feminino.

O criterio sentimental é hoje mais raro. Já nem todos os homens pretendem que a mulher seja eternamente inconsciente, contentando-se com frioleiras que elles sabem dizer e escrever. Tudo isso como se a realidade das cousas não viesse advectar que são phantasias ou, melhor, tollices.

Agora que se procura dar á mulher sua independencia, é necessario que ella saiba excluir o que for prejudicial. Não será oportuno o momento para se falar das modas?

Sem rigores de moralidade, os seus caprichos se desenvolvem numa rapidez admiravel. Os artigos para o «maquillage» vão se aperfeiçoando nas perfumarias parisienses, ao mesmo tempo que o criterio feminino se amesquinha na tola preocupação das falsas apparencias.

Pensadores serios, senhoras sensatas.

não poujam censuras ao abuso das pinturas e ex-ggeros dos figurinos. Mas, a despeito dessa censura, o poderio da moda é maior.

Será difficilissimo dar um limite á moda; ha mulheres que só comprehendem a vida a través de gazes e filões. Exaltam-se diante do fascinar das joias; muito mais ainda, quando o espelho repete suas figuras enfeitadissimas, cujo rosto, graças ao milagre do reflectivo, fez rapida transformação.

A moda não se restringe a modificar physiognomias, exaggarar vestidos: erés tambem andar, gestos bonitos, faz ainda uma infinidade de innovações.

Todavia, não se pretende abolir a moda, que deve haver, para o devido cuidado da toilette, conforto e atracção das vivendas.

Actualmente se procura dar á mulher um espirito culto, severo criterio. Isto ao lado daquellas inaniidades, não será um verdadeiro contraste?

Poderão essas creaturinhas, que em seus arrebuques têm toda a sua attenção, comprehender os deveres da mulher, com a reorganisação que ora se prepara?

Já se fala no direito ao voto. Justas reclamações vão sendo feitas por muitas mulheres, que procuram argumentar com sen-

Seria ridiculo se, depois de effectuadas essas aspirações, a collectividade se mostrasse alheia ás boas normas sociais.

bozês habilit.

## A educação feminina de hoje

Quando se falla de educação, tomam todos os rostos expressões graves e indecisas. Compreende-se logo que a palavra educação é letra morta no Brasil. Debalde, cerebros fortes ou simples almas especuladoras têm tentado escrever livros pesados e cheios de complicações sobre essa matéria. Ninguém até agora decifrou ainda o verdadeiro sentido da palavra educação. Ainda entre os rapazes, ha os cursos, os gymnasios, que misturam á instrução um pouco da educação. Mas para as mulheres, coitadas! Nem instrução, nem educação existem ainda no Brasil, infelizmente! E no entanto, falla-se em dar-lhes e é urgente que se lhes dêem, direitos e prerogativas. Como receberão, porém, ellas, assim mal preparadas, esses direitos e essas prerogativas? Nem sequer possuem a simples instrução que ensinava a ter ideias, a manter um objectivo, a interessar-se pelo grande e pelo bem. De educação, esse muito de limpeza moral, de elevação espirital, de repugnancia pelo que é immoral e indigno, ellas são completamente isentas.

No Brasil dá-se, ha alguns annos para cá, uma revolução social tremenda e que seria apavorante, se a reacção não viesse ahi já, cortar-lhe as azas que se alargam demasiado. Esse anelo muito meritorio, aliás, da mulher moderna pela cultura da sua independencia e pelo desenvolvimento da sua personalidade, fez gerar nas outras mulheres menos elevadas, o lamentavel e pernicioso desejo de cultivar simplesmente a sua liberdade. E sem instrução e sem educação, nós podemos ter uma pequena ideia até onde irá essa liberdade que nenhum pudor limita, que nenhum recelo combate. Na nossa patria adorada, sempre um facto me impressionou e feriu; todas as qualidades, ás vezes apparentes, que se cuidam nas meninas e nas raparigas, todas as occasiões de as instruir que se lhes proporcionam, instrução superficial e enganosa, tem sempre por objecto o casamento. Desde que na menina se principia a formar a mulher, o marido é lhe apontado como unica razão de tudo e por isso é lhe ensinado o canto, a dansa e o máu francez! Do resto ninguém cogita. Da educação fina de moral, da instrução solida que talvez lhe sirva um dia para ganhar a sua vida honestamente, a mãe moderna não quer saber para a sua filha modernissima. De que lhe servirá tal talento e tal qualidade, se ella não é apreciada pelo homem, unico arbitro do seu destino?

Assim ensinem-lhe simplesmente a vestir-se com graça, a maquilhar-se com habilidade, a remecher-se no tango e ella encontrará marido com mais rapidez do que se, modesta, instruida e educada, ella tivesse o encanto sereno da verdadeira donzella.

E depois, quando essa menina, assim mal educada e pouco cultivada, degenera numa *coquette* frivola e sem alma, numa esposa sem escrupulos e numa mãe sem entranhas, grita-se, clama-se contra ella. A culpa é somente das mães modernas, que, sem a comprehensão exacta dos seus deveres, educam mal as suas filhas, expõem-nas aos perigos e ás tentações do mundo, sem um guia, sem um preservativo, sem uma educação vigorosa e san. Ostr'óra, quando, pelo pensamento, evocavamos diante de nós a personagem materna, quando pronunciavamos essa palavra de mãe, repentinamente todas as lembranças do seu exemplo grandioso, das suas acções benéficas e magnificas, do seu esforço physico e moral, e da sua dedicação immensa, vinham á mente

aureoladas de purpura brilhante e radiosa. Na nossa epocha, a mãe e a filha usam quasi as mesmas *toilettes*, manejam os mesmos ingredientes de *maquillage* e caminham no mesmo andar vagaroso e balanceado. Na antiguidade, a mãe era o unico Deus do descrente; nos nossos dias, ella é uma irmam mais velha, mais atrazada, mais feia. O respeito da filha pela mãe desapareceu e a elle succedeu o desdém.

Sem instrução e com essa especie de educação, que pôde ser da menina moderna? Por seu turno, ignorante e desorganizada, ella creará desse mesmo modo a sua filha e, como uma molestia, a má educação oassará de mãe á filha, numa lastimavel hereditariedade.

Os progressos e as reformas na evolução feminina causaram muitos males a certos cerebros de mulher. Convencidos de uma intelligencia que realmente não possuem, de uma robusta moral de que são completamente desprovidos, alguns desses espiritos enganaram-se a respeito de si mesmos e lançaram-se ao acaso pelos rudes caminhos das luctas. Sem bussola e sem defeza, porém, submergitam-se ou enlamearam-se definitivamente.

Eu julgo, no meu modesto pensar, que o intervalo decorrido entre a mulher de outr'ora e a de hoje, foi curto e mal aproveitado.

Entre a mulher da Biblia, que não tinha o direito de trabalhar nos ornamentos da Igreja, a mulher que Moysés declarara não ser obrigada a cumprir um juramento por ser mulher, isto é, um ente falho, inútil e sem personalidade, a mulher de ha quarenta annos, que, na ausencia do esposo, encerrava-se num convento ou num aylo e a de hoje, liberrima, desnuda e audaciosa, a diferença é colossal e eloquente. E' como se um abysmo se cavasse entre todas essas especies de creaturas do meu sexo, tornando-as completamente diversas pelo traje, pelas modas e pelo pensar. Do que a brasileira precisa sobretudo para poder gritar bem alto o seu direito de ente pessoal e civilizado, não é de elegancia nem de dansas, mas sim de instrução e de educação. As mães de hoje que se capacitam de que a sua responsabilidade é immensa em toda a existencia das suas filhas e que se estas pecarem mesmo debaixo do tecto marital, a culpa é ainda dellas, é exclusivamente dellas. O grão que lhes foi entregue para que ellas o cultivassem, apodreceu e arruinou suas mãos inabéis ou criminosas. Tal mãe, tal filha, diz o bom dictado popular e a verdade sahe sempre das boccas das creanças e do povo. Instrui e educa vossas filhas, oh mães! com o vosso exemplo e com as vossas lições. Cuidae mais dessas almas gentis, do que dos rostos e da elegancia das vestes. Penseae na responsabilidade que vos cabe de todos os actos das vossas filhas e corae por vós, se esses actos não forem bons e moraes. Inspiraee pela vossa attitudo, pela vossa dignidade, pela vossa compostura, pela vossa virtude, respeito áquellas que vos devem respeitar, apontando-lhes sempre o bem como objectivo e guia dos seus pensares e não o homem como marido nem o casamento como unico ideal.

Ha vidas que se enchem plenamente com boas acções, com ideias elevados, com fins caridosos. Antes o celibato, a nobre existencia pessoal, a digna organização de uma vida san e isolada do que um casamento máu, um enlace pernicioso, um *ménage* em que ambos os conjuges se queixam e nenhum tem razão. Educae o vosso espirito, oh mães! para que possaes educar o de vossas filhas

Chrysanthem

## No Reino da Graça e da Belleza

Damos aqui os clichés dalgumas nossas lindas amiguinhas, verdadeiras propagandistas da "Revista Feminina", forte e bella mocidade que prepara a gloria e o orgulho do Brasil futuro.



Uma das nossas mais graciosas leitoras riograndenses.

Sra. Glecia Brinkmann, um dos mais lindos sorrisos de Sta. Maria.



Grupo de gentis senhoritas, encarregadas da festa da Boa Imprensa, em Catió, Rio Grande do Norte.



A' esquerda: a linda sanherita D. Ulcencla Olivetia, um dos ornamentos da sociedade Sant'annense.  
A' direita: Corinna e [Fernanda], duas formosas e endiabradas crianças, filhinhos do sr. Julio Verne da Silva, do Rio Largo, Alagoas.



# O TURBILHÃO

## DE CLAUDIO DE SOUSA



Foi, como era de esperar deante do êxito que havia obtido no Rio, ouvida com grande agrado nesta Capital a nova comédia de Claudio de Souza, nosso prezado collaborador, *O Turbilhão*, recitada no theatro S. José pela Companhia Maria Mattos - Mendonça de Carvalho.

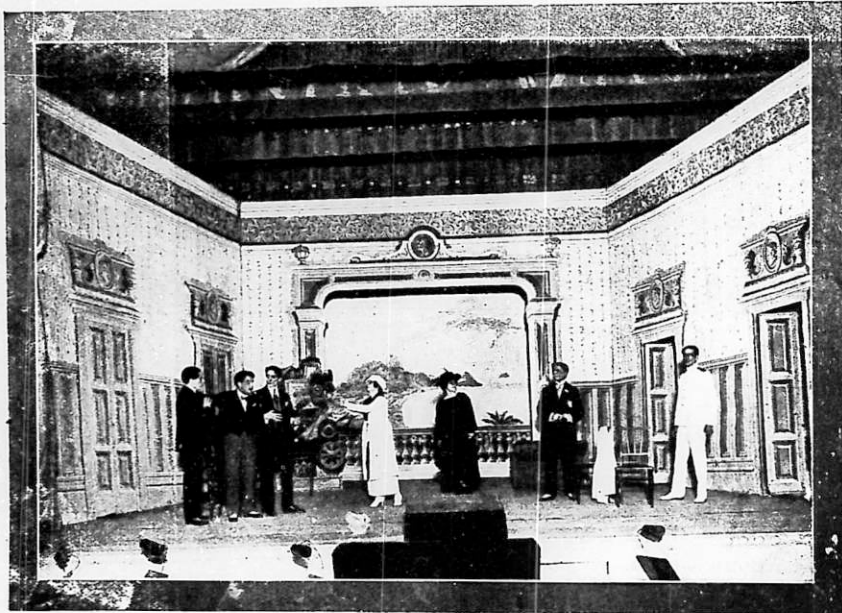
Somos suspeitos para falar da obra theatral de Claudio de Souza, que não somente tem sido elle um dos nossos mais assíduos collaboradores, como ainda um dos mais efficientes elementos de nosso successo.

Limitamo-nos, pois, a transcrever o que disseram os criticos sobre *O Turbilhão*. Já a imprensa do Rio se havia manifestado com unanimes elogios ao *Turbilhão*, quando recitado no theatro Municipal daquela Capital, em recita de gala, á qual affluir a mais alta intellectualidade carioca. Disse, então, Guanabario no *Jor-*

nal *O Imparcial* afirma que o *Turbilhão* é mais uma victoria e gran 12 de seu auctor, e que sua representação marcou um dos mais memoraveis acontecimentos theatraes do Rio nos ultimos tempos.

O do *Correio da Manhã* diz que foi um verdadeiro acontecimento de arte, justificado pelo brilho do nome de Claudio de Souza, cuja ironia lembra Maupassant, cuja satyra e cuja linguagem lembram Camillo, e que o 2.º acto d'*O Turbilhão*, com seus magnificos dialogos, humanos, vestidos por uma linguagem superior, era bastante para revelar um escriptor, lembrando a maneira de Bernstein, o pu: so seguro de Kistemakers?

Levada á scena em seguida em Porto Alegre, não menor foi o successo da luda comedia. Um dos criticos riograndenses declarou-a "uma peça superiormente original, d' profunda observação psychologica, que traz do passado, numa incarnação empigante e integra, essa estranha figura de mulher e de rainha que impressionou a analyse de Julio Dantas", e termina por pedir que sejam repetidas as peças de Claudio de Souza e de Julio Dantas que figuram no repertorio da Companhia.



Scena do 3.º acto d' "O TURBILHÃO".

nal do *Commercio* que Claudio de Souza podia ser considerado "mestre na difficil arte do comediographo", e que a sua nova comedia era uma conscienciosa obra de arte. E igualmente, o critico do *Jornal do Brasil* classificou-a como uma verdadeira obra d'arte. O d'*O Paiz* affirmou que ella é mais um attestado do alto valor de um escriptor elegante e perfeito conhecedor de theatro. O d'*A Noite* diz que o valor da peça é tão grande que dispensa commentarios.

E aqui, em nossa Capital, onde a peça era esperada com antecedencia, não só pelos successos anteriores de seu auctor, como porque se trata de um escriptor genuinamente paulista, e um dos 40 membros de nossa Academia de Letras, foi pequeno o theatro S. José para conter todos os que desejavam ouvir a formosa comedia, que foi, porisso, recitada mais vezes, em successivos espectaculos. Os criticos da imprensa paulista pronunciaram-se nos seguin-

tes termos: Do *Correio Paulistano*: "A primeira d' *O Turbilhão*, o ultimo trabalho do festejado comediographo paulista Claudio de Souza, atrahiu hontem ao S. José numerosa e distincta concurrencia, e para isso contribuiu o justo renome de que goza o distincto escriptor patrio pelas suas peças anteriores. No *Turbilhão* não faltam bellezas, scenas intencionalmente dramaticas, typos bem esboçados, constituindo no seu todo uma bem observada reprodução das pequenas intrigas e do drama intimo que se desenrola com os seres lançados na vertiginosa luta para a conquista de um ideal numa sociedade elegante, com suas futilidades e degenerações".

Diz o "Jornal do Commercio", entre outras phrases: "*O Turbilhão*" é uma concepção artistica que pôde ser apreciada e applaudida, como hontem foi, por qualquer platéa culta, aqui ou no estrangeiro. O typos principaes são profundamente estudados, e vem á scena numa realidade viva e verdadeira, talvez excessiva mesmo. Um grande, um enorme merito tem o novo trabalho do dr. Claudio de Souza". Diz o *Estado de S. Paulo*:

"A peça é traçada com muita habilidade, e as scenas bem calculadamente succedem-se logicamente, perfeitamente conduzidas. E' brillante e vivo o dialogo, em linguagem lidima e escorreita, e ha, no correr da peça, lances de grande dramaticidade, e que despertam profunda emoção. O publico não se cansou de mostrar seu contentamento e satisfação pelo ultimo trabalho do festejado comediographo, applaudindo com enthusiasmo no final de cada acto".

Do "Diario Popular": "*O Turbilhão* é uma alta comedia a que se assiste com summo prazer, não só pela belleza do dialogo, leve, gracioso sempre, por vezes, ironico, como tambem pela originalidade da fabulação desenvolvida pelo dr. Claudio de Souza com maestria e muito conhecimento da "carpintaria" de theatro. O talentoso actor d' *A renuncia* apresenta no *Turbilhão* uma serie de personagens de uma verdade absoluta, todos perfeitamente caracter-sados. O 2.º acto da peça é, para nós, o melhor pelo brilhantismo do dialogo e pela belleza empolgante das situações. O publico que enchia o theatro applaudiu com calor a comedia de Claudio de Souza, a quem enviamos nossos parabens pelo exito que alcançou o seu famoso trabalho". Do critico da *Platéia*: "A peça marca principalmente um salto consideravel nas conquistas do sr. Claudio de Souza, como escriptor theatral. Claudio de Souza imaginando e executando *Turbilhão* fez trabalho de psychologia, e consequentemente, de observação. A peça agradou francamente. Os lances

dramaticos culminantes são feitos com naturalidade e arte, o dialogo é vivo, sem inuteis redundancias, as personagens não são conduzidas automaticamente, mas vão sempre arrastadas pela força occulta dos successos. E' o turbilhão... Na comedia ha critica fria e enérgica de costumes e pessóas. O auctor tem a saizra afiada. Corta como um instrumento cirurgico, guiado por mão firme e consciante. Todavia, satyrizando a vida dourada e má dos salões, o sr. Claudio de Souza sabe velar o asqueroso das chagas que revolve".

*O Turbilhão*, depois de uma *repêta* no Rio, foi levado á scena em Santos, onde a acolheu o mesmo successo que a tem recebido em todas as scenas em que tem sido recitada. São d' *A Tribuna*, de 14 do mez passado, as seguintes expressões: "Não são inopportunas aqui algumas palavras sobre Claudio de Souza, em torno de cujo merito, tantas controversias têm sido tramadas. Elle é, entretanto, um espirito que já se elevou acima da maledicencia indigena, embora não se lhe possa perdoar a detestavel qualidade de *ser brasileiro*: — baldão terrivel aos homens de talento que não tiveram a ventura de nascer na França... O que nas peças de Claudio de Souza pôde ser censurado, é a sua permanente preocupação de localizar seus personagens num ambiente de luxo e refinamento intellectual. Mas essa preocupação justifica-se em um espirito altamente culto que, embora nascido e vivendo num meio artificial de brancas e fanteches, teima em conceber de accordo com sua visão de homem superiormente esclarecido a sociedade de seu paiz".

E' assim em todas as cidades onde tem sido recitada a linda comedia de Claudio de Souza a imprensa e o publico, unanimemente, a tem acolhido com grandes e enthusiasmos elogios, premiando o esforço de nosso patrio, que procura fazer um theatro melhor do que essa salseira de revistas e burletas, com que empresarios, apenas preocupados com a ganancia de seu capital, pervertem o gosto do publico brasileiro, em proveito de suas algibeiras.

Damos aos nossos leitores uma reprodução photographica de uma das scenas do 3.º acto d' *O Turbilhão*, cedida gentilmente pelos nossos collegas d' *O Malho*, que está publicando a comedia — e enviamos as nossas felicitações a Claudio de Souza, que é, na phrase de Coelho Netto, a figura actualmente mais representativa do theatro brasileiro.

Temos á venda, e remetteremos a quem nos enviar \$3000 em sellos, a linda comedia *Fleas de Sombra*, do mesmo auctor, e que é julgada uma das obras primas de nosso theatro.

## SERENIDADE

(A CLAUDIO DE SOUSA)

*De mais um brillante collaborador podemos orgulhar nos: Alvaro Moreyra. E' um novo escriptor brasileiro, com qualidades raras e notaveis, seu estilo é sobrio e elegante. Sua phrase é fluente e espontanea. E ha nos seus conceitos uma philosophia tão encantadoramente natural, que se divia a respiração da propria vida... São poucas as inhas que damos a seguir, mas é tal a feição de sinceridade do escriptor, que, com serem poucas, não deixam de exprimir sufficientemente a inteira belleza de sua arte.*

*Alvaro Moreyra é o actual director d' "O Malho", ao qual tem emprestado toda a magnifica actiuidade de seu esforço, remodelando-o por completo.*

Deixa que passem as grandes alegrias, não as sigas. Procura to desfeito do passado, na lin-as outras, que são pequenas e caladas e não despertam nenhu-ma dôr. Ellas mesmas trazem, nas olheiras, longas manchas de lagrimas... E ellas nos revêlam a vida realizada, a unica que rea-lizamos: a nossa vocação.

Cada um de nós, num minu- da idade de menino e moço, cada um de nós imaginou a vi-mo que havia de viver... Depois, tudo foi diferente... Só aquella vida ficou sendo a verdadeira: a nossa vida, a da nossa mel-lancolia e a da nossa bondade.

A real, a quotidiana, transitoria e commum, foi um sonho mão. Parar,—eis a ventura. A se- renidade é o ultimo encanto, e o mais puro.

Ser feliz vale muito. Ser re- signado vale tudo...

Alvaro Moreyra

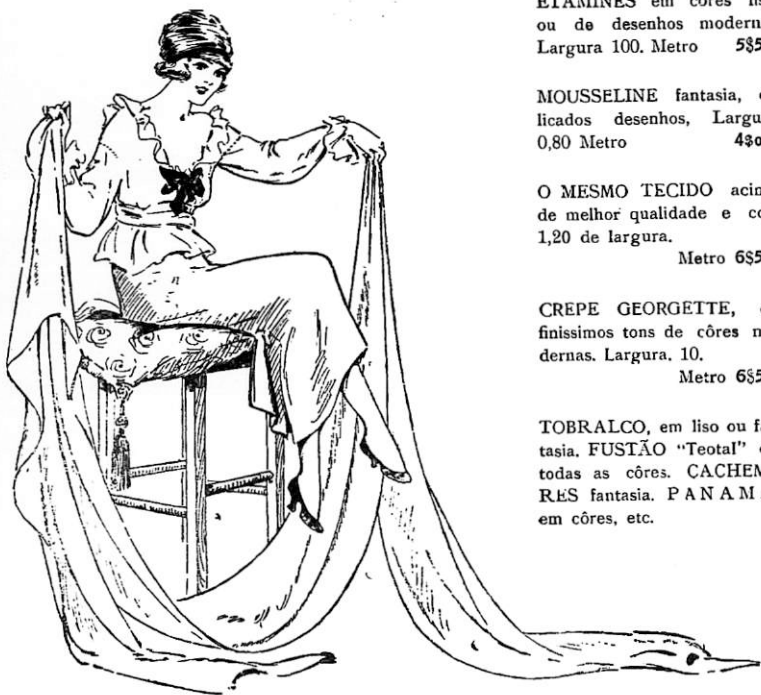
Peçam amostras  
pelo telephone  
45, Central

Amostras pelo  
Correio, Caixa  
139

INTERESSANTES NOVIDADES EM  
**TECIDOS LEVES**

De Paris e Londres acaba de chegar-nos um esplêndido sortimento de tecidos de algodão em cores e desenhos novos e de alta moda.

Pela lista abaixo vê-se que os preços são relativamente módicos.



ETAMINES em côres lisas  
ou de desenhos modernos.  
Largura 100. Metro 5\$500

MOUSSELINE fantasia, de-  
licados desenhos, Largura,  
0,80 Metro 4\$000

O MESMO TECIDO acima,  
de melhor qualidade e com  
1,20 de largura.  
Metro 6\$500

CREPE GEORGETTE, em  
finissimos tons de côres mo-  
dernas. Largura, 10.  
Metro 6\$500

TOBRALCO, em liso ou fan-  
tasia. FUSTÃO "Teotal" em  
todas as côres. CACHEMI-  
RES fantasia. PANAMA  
em côres, etc.

**MAPPIN STORES - S. PAULO**

# Trabalhos femininos

Tem ultimamente o bordado branco tomado tal incremento, que os outros bordados jazem, por assim dizer, completamente esquecidos. Ha porém, a classe dos verdadeiros amadores da arte, os quaes apreciam o bello, a mais fiel reprodução, no bordado, dos modelos que representa. O bordado á seda desempenha ainda um papel saliente como fiel reproductor de motivos e, por isso, embora surjam outros mais praticos e menos trabalhosos, prevalece sempre, já auxiliando o conforto domestico, já servindo de adorno para vestidos. Opportunamente exhibiremos alguns modelos neste estylo a começar neste numero.

Almofada  
Luiz XVI

E' sobre um fundo de setim crême ou de tafetás venezianos cor de marfim, que deveréis executar o bordo-

dado deste bello desenho Luiz XVI, que reúne, no seu todo artistico, as fitas, as guirlandas e outros motivos dessa encantadora epocha.

Vejam os motivos que occupam o centro da almofada: Uma fita bordada em 5 tons côr de ouro, dois bastões atravessados, com os mesmos tons, e uma guirlanda de rosas, matizadas com 5 tons de seda rosa, segundo o gosto da executora.

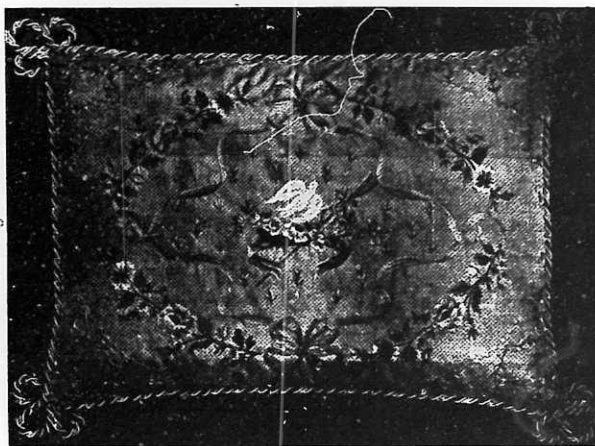
Nas petalas exteriores de cada flor, os tons mais claros são dispostos nas extremidades, escurecendo para a base. No centro das flores, os 2 tons mais carregados na base e 1 mais claro na extremidade das petalas de modo a pôr em prova o contraste das flores naturaes entreabertas,

Para o verde das folhas empregam-se 3 tons, sendo: o mais claro nas extremidades, escurecendo para as nervuras, que se executam com um tom mais carregado.

A pomba é delicadamente matizada, com gris perle sob as azas e o ventre, sendo o todo de cor branca. O bico e a extremidade das azas são cinzentos. Espalhados em torno do motivo já descripto, vem-se botões de rosas, que são executados á fita cor de rosa sombreada e verde; as hastes, nervuras e folhinhas, com seda

verde pallida, a ponto lançado.

Vemos a fita maior, para a qual se empregam 4 tons de azul, e depois as 4 guirlandas dos cantos, em que se vê uma rosa maior, executada com 5 tons de rosa, e uma flôr na extremidade, com 4 tons de cor de malva.



Almofada Luiz XVI

As folhas são bordadas com 4 tons, de seda verde para folhas de rosa.

O desenho é rodeado por uma serie de perolasinhas. Cada uma dellas é bordada com seda branca, com pontos verticaes. O fio que as une é executado com ponto de haste, em seda cinzento clara.

A almofada pôde ser forrada de setim azul velho e rodeada por cordões de seda Luiz XVI, com laços nos cantos.

Enviamos o risco por 3\$500.

Almofada para «preguiçosa»

As almofadas para «preguiçosa» que servem para o repouso nas horas de cansaço, para a sésta e para os dias de convalescença, requerem constante mudança de fronhas, que se

devem conservar sempre claras. Eis uma bella e elegante.

Compõe-se de um quadrado de baptista de 50 cm. de lado e de um entremeio de Valenciennes de 2 cm. de largura.

As guirlandas de florinhas espalhadas nos espaços são executadas em bordado inglez.

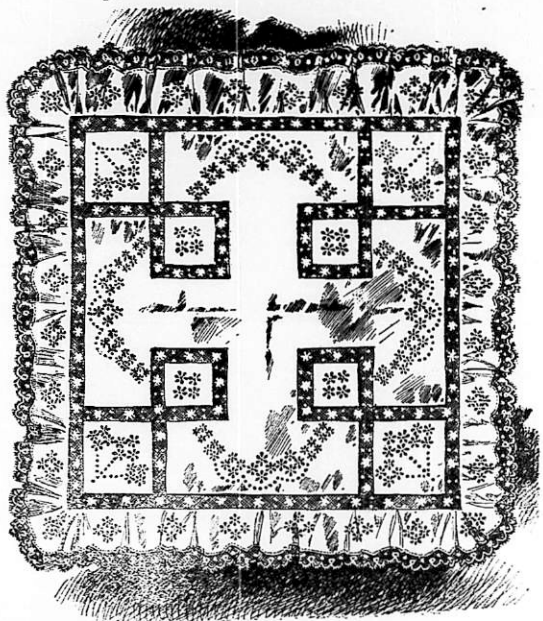
Ellas se repetem no babado, que rodeia a almofada, o qual pôde ser guarnecido de festão ou de renda na ponta.

Enviamos o risco por 28000.

Vêu para lampada electrica

E' um pequeno circulo de cambraieta, destinado a furtar a intensidade da luz de uma lampada electrica. Mede 34 cm. de diametro e é bordado: metade em richelieu, metade em bordado inglez. Ornam ainda este magnifico quebra-luz quatro applicações de Veneza, que podem ser tambem executadas em richelieu.

Para a sua armação basta collocar a cambraieta bordada sobre uma carcassa em forma



Almofada para «preguiçosa»

de zimbório coberta de pongée de cor.

Centro de mesa em richelieu

Medindo 43 x 26, pode ser executado sobre linho ou cambraia de linho. E' todo em richelieu e as bridas podem ser executadas com picots.

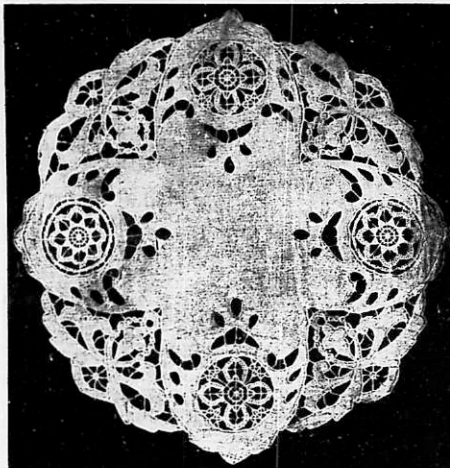
Enviamos o risco por 33000.

Babador

Executado em ponto chato, com ilhozes de bordado inglez. No cinto abrem-se caseados para a fita. Orna-o, á roda toda, uma renda que deve ser escolhida de accordo com a fazenda empregada para o bordado.

Paletosinho em ponto de concha

Bello modelo de paletosinho para creanças de 1 a 6 mezes. De grande utilidade para uma creança até um anno é esta especie de agasalhos. Para'os seus passeios da manhã e da tarde, elles são indispensaveis, mesmo no verão.



Vêu para lampada electrica

O que citamos hoje é executado em ponto de concha. Este ponto não será, talvez, conhecido de todos. Damos, pois, a seguir, o modo de o fazer:

Primeiramente as trancinhas, que serão em numero de maneira a nos dar o comprimento desejado e mais 5.

1.a carreira — Na primeira dessas 5 citadas, fazem-se 5 pontos de duas laçadas, salta-se duas e um meio ponto na terceira. Tres trancinhas e na malha seguinte 5 pontos de duas laçadas e assim por diante até ao fim da carreira. 5 trancinhas para virar.

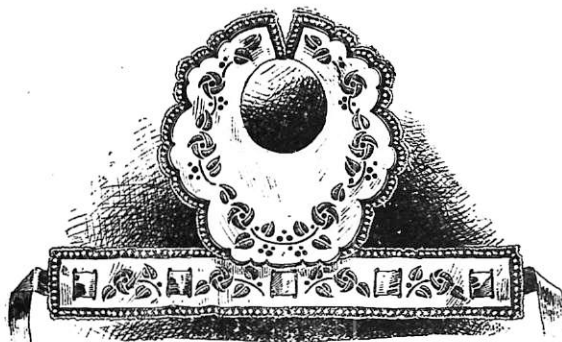
2.a carreira — 5 pontos de duas laçadas no ultimo ponto da carreira precedente. Com um outro meio ponto prende-se no ultimo ponto de duas laçadas do fechado da carreira anterior que se segue. 3 trancinhas e 5 pontos de duas laçadas nas 3 trancinhas da carreira precedente, presos depois no ultimo ponto de duas laçadas do fechado que se segue. Procede-se assim até ao fim da carreira, onde se fazem 5 trancinhas para virar. Todas as outras carreiras executam-se como a segunda.

#### Execução do paletosinho

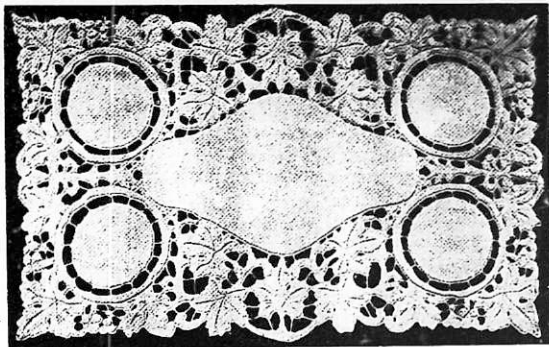
Começar pelas costas — Executar 3 carreiras de 10 conchas cada uma.

Na 4.a aumentar 1 concha.

5.a. 6.a. 7.a e 8.a carreiras, com 11 conchas.



Babador



Centro de mesa em richelieu

9.a carreira — Aumentar uma concha.

Deixar as costas e começar as partes da frente.

4.a carreira — Aumentar uma concha do lado da golla.

5.a car. — Aumentar do mesmo lado que a precedente uma concha.

6.a e 7.a carreiras — Aumentar o mesmo do lado da golla.

8.a e 9.a — Trabalhar sobre as 7.

10.a car. — 7 conchas numa das partes da frente; 12 nas costas; 7 na outra parte da frente.

11.a car. — Aumentar uma concha no lugar da abertura das mangas.

12.a car. — O mesmo que a precedente.

Executar ainda 6 carreiras de 30 conchas para formar a parte inferior do paletosinho.

Arrebentar a lã e executar o bico em toda a volta.

Antes, porém, executar 3 conchas sobre as tres de uma das partes da frente. 10 sobre as costas e 3 sobre as 3 da outra parte da frente.

Unir tres carreiras de conchas para o hombro; as outras carreiras ficam livres para a abertura das mangas.

Manga — Executar 14 carreiras de 10 conchas; por meio de uma costura unilas, e, tambem do mesmo modo, ao todo do paletosinho.

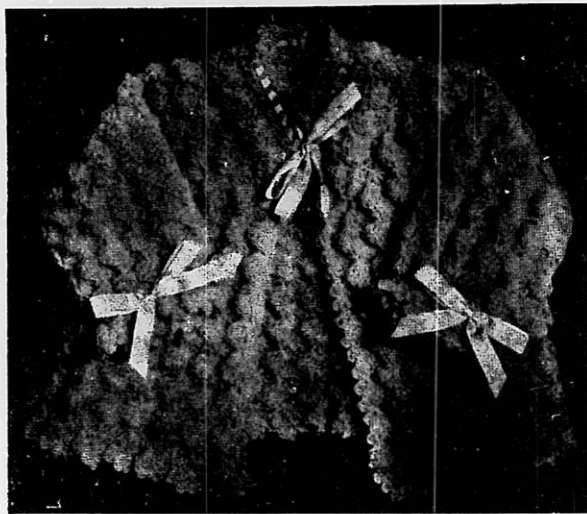
Guarnecer a golla com uma carreira de meios pontos e outra de abertos para se passar a fita.

O bico que rodeia toda a peça, pôde ser executado do seguinte modo :

Um meio ponto, tres trancinhas, outro meio ponto, etc.

O mesmo bico na extremidade das mangas.

Todos estes modelos são lindissimos. A' excepção do paletozinho, que é um simples trabalho de agulha, acessível a qualquer moça mediana e modestamente habilitada, todos os outros são verdadeiros



*Paletosinho em ponto de concha*

primores e constituem, no genero, obra de arte de bordado. Por mais de uma vez temos advertido as nossas leitoras, que se dedicam

á arte de bordar, que devem tomar por modelos de preferencia os bordados classicos. Estes são sempre inspirados em motivos que recordam, em fórma symbolica ás vezes, certos

episodios historicos, e isso lhes dá uma graça nobre e suggestiva. Os modelos que se vendem por ali são, geralmente, com cepções rasteiras, sem belleza e sem suggestão. As leitoras, dotadas de fino gosto artistico, terão notado que nós apresentamos sempre os melhores modelos, e essa é uma tare-

fa assás penosa porque o stock de que dispomos, no genero, é enorme, e penoso se nos torna separar o joio do trigo.

## BOCCA

Para quem ha de ser, ó minha amada?!

Linda bocca auroral, rubra corolla,  
Prodigio d'arte, esculptural lavor,  
De cujo seio se desprende e evola  
O mago effluvio de uma carne em flôr...

Bocca impolluta, que jamais descolla  
Os castos labios de purpurea côr,  
Piedosamente... para dar a esmola,  
A doce esmola de que vive o amor...

Pulchra bocca aromal... Hostia de sangue  
Suspensa á anciedade acerba e louca  
De um triste coração supplice e exangue...

Hostia! na contrição dos meus desejos  
Pede minh' alma, a palpitar na bocca,  
A excelsa eucharistia de teus beijôs.

## MÃOS

As tuas mãos eburneas e formosas,  
Ungidas de luar e de alvorada,  
Que andam occultas pela minha estrada,  
Desviando espinhos e desfolhando rosas...

Serenas, lyriaes, meigas, piedosas,  
As tuas mãos resumem, Daisy amada,  
A suave caricia immaculada  
Do perfume das naves silenciosas.

A tua nivea mão... Quasi num sonho,  
Quando ás vezes aperto-a, nesta infinda  
Ancia sagrada de a beijar, supponho,

Numa divina e mystica illusão,  
Nossa Senhora, luminosa e linda,  
Aos céos me conduzindo pela mão.

*Hermegegildo Chaves:*

# A MODA

A moda, a moda destes ultimos dias, a moda actualissima está de tal maneira exaggerando os limites impostos pela decencia, que não sabemos sinceramente onde vamos parar. O decote desceu e abriu-se tanto, principalmente nas toilettes de grande luxo para banquetes e

theatro, que uma senhora, decotada segundo alguns modelos de Paris e Londres, dá a impressão, a quem a observa de longe, aquelles que lhes louvam a audacia em vez de a censurar, ora sob pretexto de economia, ora — o que é perfeitamente risivel — sob pretexto de "vida natural", que consiste, entre outras coisas, de pôr a carne ao contacto directo do ar e da luz. Todos esses pretextos são futeis e resistem á menor analyse. Vejamos o pretexto da economia. E' verdade que os tecidos estão carissimos, mas custa-nos crêr que a fazenda que se poupa na abertura do decote, contribua para baratear a toilette; e tanto é isso verdade, que a confecção de uma toilette desse genero, a despeito da pouca fazenda em-



que está sem blusa e que traz o dorso nu, como se estivesse vestida apenas com a saia. As saias têm-se encurtado assustadoramente, e as mais discretas, as mais timidas são cortadas á altura dos joelhos. Muitas damas ha que, não contentes com tanta exhibição de nudez, ainda levam o exaggero de se mostrar em publico sem meias, com os pés nus mal revestidos nas sandalias rasas.

Essas demasias da moda têm sido justificadas, pelas damas que tiveram a audacia de as praticar e por todos



pregada, é surpreendentemente cara. Se se trata realmente de economia, no seu sentido sincero, melhor é cortar as roupas em algodão ou em qualquer outro tecido barato. Quanto á economia das meias, é coisa que merece tambem algumas considerações. Se é verdade que as damas, que se arriscam a sahir de pernas nuas e pés nus, economisaram nas meias, é tambem verdade que gastaram com o pedicuro, que lhes poliu as unhas e as coloriu, dando-lhes o brilho e a côr do nácar, quan-



tia equivalente ou quiçá superior a um par de meias. Quanto á «vida natural», que é o pretexto mais inocuo, é argumento que positivamente não serve para justificar esse exaggero

de máo gosto. A vida natural, pela qual tanto se batem os hygienistas, é a vida ao ar livre, com os seus desportos de passeios a pé, exercicios de respiração e nutrição adequada. Ora, a toilette que desnuda a mulher nada têm que vêr com essas coisas, que são do dominio

cido e rejuvenesce a mulher. A segunda destas vantagens é, por certo, a mais preciosa. A leitora intelligente e, sobretudo, a leitora de bom gosto sabe quanto é difficil obedecer á moda, encurtando a saia sem cair no excesso de máo gosto. As menos curtas são, ainda assim, excessivas, e é difficil obter o



da hygiene e não da moda, que, por sua essencia, é sempre anti-hygenica e, portanto, anti-natural.

Mas, passemos ao objecto desta secção, que é registrar a moda.

As saias usam-se curtas, mais do que nunca. Curtas e estreitas, logo abaixo dos joelhos. E' derigor, já se vê, que as meias sejam de seda, brancas, cinzentas ou cor de ouro, com sapatos que combinem com ellas, embora façam contraste com a tonalidade da toilette.

A saia curta tem, em que pese á opinião das pessoas sudsadas que a condemnam, duas vantagens: economisa o te-

do bom gosto entre o maximo e o minimo do excesso. O criterio para julgar em que altura deve ser cortada uma saia, é muito subtil, podendo ás vezes, um centimetro a mais ou a menos, degenerar no máo gosto. Não podemos, aqui, indicar uma medida geral, nem mesmo approximada, porque isso depende do typo da senhora, da sua altura, da sua esbeltesa, do seu peso e até do relevo, mais volumoso ou menos volumoso, do seu collo. As senhoras graves, de quarenta annos para cima, podem adoptar essa moda, sem quebra da sua compostura. O melhor que ellas têm a fazer é adoptar um meio termo, isto é, encurtar a saia pouco aci-

ma do tornozelo. Uma senhora que atingiu uma certa idade, que perdeu a sua graça juvenil, ganhando outra, não menos preciosa, que é a graça austera, não deve, sem quebra desse en-



canto, acompanhar muito de perto a moda, adoptando todos os seus exggeros e demasias. De resto, a moda, de uma estação para outra, nunca soffre radicaes transformações no seu conjunto senão modificações superficiaes em alguns dos seus elementos de composição.

Isso é notorio. Diz-se geralmente que a moda se transforma de semana para semana. Isso é em parte verdadeiro, mas essas

gião dos quadris ou um pouco abaixo, mas é de rigor que na barra se estreitem muito. Esses dois detalhes constituem, por si só, a silhueta moderna.

Os corsages estão novamente em voga. Usa-se com decote redondo, sem enfeite.

As mangas curtas impoem-se.

Entre os tecidos, o que mais accitação tem obtido é o organ di, com o qual se fazem quaesquer combinações, mesmo com



transformações se operam de modo a não alterar notavelmente o conjunto. Assim pois, uma senhora a quem não convenha adoptar um modelo muito audacioso, pôde, sem sacrificio da elegancia, vestir-se segundo o modelo da estação anterior, mas modernizando o um pouco ou juntando-lhe, da moda do momento, os elementos indispensaveis.

As saias, como dissemos, querem-se estreitas, economizando, tanto quanto possível, o tecido. Ellas pôdem ter uma certa amplitude na re-



fazendas pesadas, sem excluir — o que parece um pouco chocante — o proprio velludo.

A tulle e o tafetá estão em pleno apogêo, combinando-se entre si. O shantung usa-se só, sem outra combinação.

São interessantes os pequenos costumes simples, os vestidos acompanhados de paletot, sobretudo quando a combinação é feita com oportunidade e de modo a não chocar muito o gosto.

São muitas as variedades de tecidos que foram adoptados, mas ha alguns que gosam de excepçio-naes preferencias. Entre estes aponta-se a pellucia, sobretudo a pellucia marron, não, já se vê, para compor a toilette, mas como elemento de adorno, empregada nas guarnições ou applicada nas tunicas.

As blusas ainda estão em franca acceitação. Ha alguns modelos que são realmente encantadores. Ha-as em velludo, em jersey de seda, descendo um pouco abaixo da cintura, ora solta, ora ajuntando-se, por meio de uma tira de guarnição, nas saias. As blusas gilet são tambem apreciaveis. Usam-se abo to a d a s atrás. São, sobretudo, muito commodas, porque, não exigindo a



sua execução muito apuro de córte, podem ser confeccionadas em casa, além da vantagem de poderem ser usadas independentemente com qualquer saia, contanto que esta seja muito simples.

Quanto ás cores, já as variedades têm um limite. O verde é apreciavel, em qualquer das suas multiplas tonalidades, exceptuan-

do os tons escuros. O cinzento é sempre opportuno. São apreciaveis tambem as listras, conforme as suas combinações : amarellas sobre preto, pretas e brancas, pretas e côr de rosa. O branco e o preto, isola-

dos ou combinados, são sempre accritos, com sympathy. Essas cores nunca sahiram inteiramente da moda. Ellas são sempre opportunas, seja qual fôr a estação, sejam quaes forem as modificações, radicaes ou audaciosas, introduzidas na moda.

Os chapéus se apresentam com ties variedades de modelo, de aspecto de cor, de tamanho, de material empregado, que se pode, ao justo, aconselhar nenhum. Cada qual que procurar ao seu gosto. Essa variedade de modelos tem vantagens reaes, porque offerece ás senhoras a mais ampla liberdade de escolha. Os chapéus sumptuosos, de alto preço, já não existem, felizmente. Todos os modelos que estão em voga são de preços modestos.

Marinette

## CREPUSCULO DAS FADAS

As fadas morreram... A luz electrica, illuminando os rincões mais sombrios da terra, as garras serpentejantes das minas, o fundo ignora-

do do mar; o trem de ferro, penetrando as selvas invias, galgando as recostas das montanhas; os automoveis, ce-leres e caprichosos, por fim os submarinos e os aeroplano-  
s acabaram com o reino

mysterioso dos gnomos e das fadas.

Não houve mais valhacontos onde essas bellas creaturas, de cabelo de sol e faces da cor da lua, pudessem se reunir, para escapar á curiosidade inquite dos homens.

As fadas morreram. O industrialismo moderno falas agonizar, uma a uma...

Antigamente as fadas recebiam do céo o dom de espalhar sobre a terra um bem tocante. Passeavam, incorporeas, pelas veigas e caprichosamente espalhavam seus dons aos eleitos. Fadas havia que possuiam o segredo das Côres; outras dos Aromas; outras dos Ventos. Modificavam, com seu prestigio, a or-

dem phenomenica da natureza e invertiam as leis phisicas e cosmicas com o raro poder de encantamento que tinham nas mãos. Nesse tempo, tam-

bem, ao lado das fadas, andavam os gnomos pela terra. Eram os anões monstruosos e bizarros, de longas barbas brancas, que ora procura-

vam fazer o mal, ora espalhar o bem sobre a terra. Fadas e gnomos auxiliavam-se reciprocamente no reino das maravilhas, onde, em seu palacio de ouro, dormia a Bella Adormecida, e o principe Landry corria a terra e os bosques á procura da sua amada...

Uma a uma, pois, as bellas fadas morreram. A fada da Belleza, com seus vergeis cheios de flores e seu sorriso, claro como um dia de sol; a fada da Alegria; a fada dos Olhos cor das Agathas; a alva fada dos Lagos e dos Lyrics.

Só uma, omnimoda, e incansavel, substituiu suas irmãs da lenda. Essa existe, vive entre nós, commosco pena e labuta: é a fada do Trabalho!

Foram-se todas as ellas, deixando ape-



nas, em nosso coração, a saudade. Foram-se, mas ficou essa, que tem, como as outras, que se extinguiram, o condão de transformar tudo, de levantar cidades sobre os charcos, fazer bello o que é feio, de projectar a luz sobre os sitios onde, antes, só as trevas dominavam.

A fada do trabalho possui também, como verdadeira fada que é, a sua varinha mágica. Quem se deixou conquistar por ella, quem se sentiu confortado pelos seus bafejos, tornar-se-á vencedor na vida, dominará o coração das mulheres e a consciencia dos homens; e coração e consciencia serão, em suas mãos, como

cera molle, que ella afeiçoará ao seu gosto...

A varinha desse genio bemfazejo tem o condão de mudar em ouro, com que se compra tudo,



que a antecederam e que jazem hoje sob a poeira do esquecimento, que se lhe paguem os benefícios com muito amor.

## UNIVERSIDADE FEMININA

A Universidade Feminina, creada recentemente, e que tantas promessas está fazendo ao futuro em prol da cultura e elevação da mulher, organizou um sarau que se realizou no dia 8 do corrente no Theatro Municipal. Foi uma festa brilhantissima, a que compareceu a elite da sociedade paulistana. O vasto salão ficou literalmente cheio. A decoração do palco, feita de palmeiras e hortensias, tinha um aspecto encantador. Iniciou a festa o illustre romancista portuguez, sr. Carlos Matheos Dias, que fez uma interessantissima conferencia sobre a vida e a obra de Julio Dantas.

A parte de canto obteve um exito caloroso, assim como outras partes do programma.

O sarau terminou com a representação da «Ceia dos Cardaes», de

Julio Dantas, interpretada pelos drs. René Thiotier (cardeal Ruffo), Gofredo da Silva Telles (cardeal Gonzaga) e Eduardo de Aguiar de Andrade (cardeal Montmorency). Em geral, as representações feitas por amadores têm pouco interesse, e os applausos com que são acolhidos quasi nunca são sinceros. Mas esses tres cavalheiros, que se incumbiram da interpretação da linda comedia de Julio Dantas, têm, de facto, exceptionaes qualidades de artistas de theatro. Ao vel-os representar, ou ouvi-los dizer aquelles formosos alexandrinos do poeta portuguez, não saberia a gente, se os não conhecesse, se se tratava verdadeiramente de amadores, ou se de actores, familiarisados, de ha muito, com o publico e com a scena.

Concorreu tambem para o effeito, a «mise-en-scene», que esteve esplendida. Para essa «mise-en-scene» concorreram, com os seus finissimos crystaes, com os seus canelabros artisticos e com os seus velhos moveis de

estyllo, muitas das illustres familias de São Paulo.

A nós não nos compete senão fazer o registro da festa, bordando-lhe em torno, o que não fazemos, porque disso já se incumbiu vastamente a imprensa diaria da capital — os commentarios entusiasticos que ella despendeu. Seja-nos, entretanto, permitida uma observação. Se se tratava realmente, de uma festa promovida pela Universidade Feminina, cujo escopo deve ser cultivar a mulher brasileira, significando-a, elevando-a e abrindo-lhe novos horizontes de acção e de actividade, achamos que a festa devia ser, ao menos em parte, brasileira ou ter um cunho brasileiro e apresentar-se com um caracter feminino. Mas nada disto se deu. O sarau consistiu em uma conferencia pronunciada por um escriptor portuguez sobre uma personalidade litteraria portugueza, em uma representação de peça portugueza, em declamação de versos francezes e canto em lingua franceza.

# “Mulheres”

Não sei se o leitor ou a leitora amiga conhece o livro de Julio Dantas «Mulheres» que acaba de deliciar-me pela sua fina psychologia feminina e pela verve adorável dos seus contos, tão expressivos quanto significativos.

Creio não ser necessario apresentar o autor, já de sobejo conhecido no nosso meio social e litterario como poeta, escriptor, autor dramático portuguez, medico, diplomata, e sobretudo, como fino causeur que é, tão apreciado pelos seus maravilhosos contos que empolgam, acariciam e arrebatam.

E' d'elle o mimoso livro de versos: «Nada», a curiosa thesa de medicina: «Poetas e pintores de Kiliakoff», e o interessante livro: «Ao ouvido do Madame X», sem fallar de algumas peças dramaticas, entre ellas: «Alôa de todo o anno» e o «lebre «Geia dos Gardeões», um: joia theatral de notavel merito que acaba de ser representada agora, com tanto successo e brilhantismo, no Theatro Municipal.

Tive, ao telo agora, um prazer enorme, prazer esse augmentado pela elegancia do seu estilo, pela vivacidade do seu espirito e pela tenaz suggestiva das suas expressões, tão particularmente suas e que constituem uma sedução deliciosa, das mais irresistiveis.

As suas paginas trazem a marca dum nervosismo palpitante, duma sensibilidade eloquente e duma intelligencia brilhante, desses que se impõem por si só, pela sua irradiante admittibilidade.

Se elle fosse um charmer, na accepção da palavra, não tocaria melhor o coração feminino no que elle tem de mais intimo e de mais profundo.

Ninguem lhe ganha em sentimento emotivo, em perturbadora alegria, em espontaneidade vivaz. Todo o seu livro tem um interesse vivamente íntimo, a começar pelo capítulo «Miss Melancolia», no qual elle afirma ser toda mulher uma interrogação e prova que as apparencias illudem até o ultimo, «Critica» que é de uma subtilidade admiravel, repleta de senso e de logica, procurando

de justificar a phrase de Chateaubriand: «La critique n'a jamais tué ce qui doit vivre».

De resto, todo o livro é uma filigrana, desde a carta do Cintra «Outomno», até a missiva a um amigo, na qual elle faz a apologia de um romance portuguez «Mudanças de ares» de Samuel Maia, que elle mesmo classifica de «uma rajala de ar puro e de um clarão de verdade».

E que dizer da espirituosa suppositio das «Meias Azues», da amizosa epistola Helé, «Eu esufisante de amor eterno e da interessante tirada «Ibreniana», sobre as heroínas do escriptor escandinavo, que escrevia seus dramas entre um escorpiao e um ramo de flores, fazendo seus protagonistas «vivre et mourir en beauté».

Com que esmero elle não diz essa perigosa e inquietante hora de crepusculo, a que Porto Riche, chamou «l'heure du péché» e a extranha sensação de «Lady Futilidade» em um raciocinio tão caluroso, e tão frio sobre esse inexplicavel constrangimento que principia quando o amor acaba, o qual fez La Buyesse exclamar: «Le commencement et le declin de l'amour se font, sentir par l'embarras on l'on est de se trouver seul».

O conto «Uma phrase de Dumas»: «Ja destinée d'une femme est dans les traits de son mari» é enervante pelo seu final brusco que molesta, mas, em compensação, «l'indéfini» us' é de um desfecho tão inesperado que faz sorrir.

O mesmo acontece com «Fierté», uma delictosa affirmacão sobre a impossibilidade da «amitié amoureuse» entre um homem moço e uma mulher bonita, com uma tão sincera confissão masculina que chega a se tornar curioso e a provocar um sorriso... de malicia e de espanto pela audaciosa coragem e ousadia do pensamento.

A aventura de «Vieux Marcheur» é francamente hilariante e desopilante, bem assim como a carta de uma noiva a «Sinhora Marquez», fazendo contraste com a «Pierrette», mimoso thema sobre «Péternelle chanson de l'amour», triste e nostálgico.

Mas... o melhor, o mais interessante é a carta de uma amiga á outro, intitulada

«Marias» perfeita nos seus menores detalhes, toda ella um torção entre lagrimas, admetravel como logica, demonstrando um espirito blásé, consciente da sua força, certo do seu poder, espirito que sabe insinuar-se, dominar a situação critica e... vencer pela astucia da belleza e... do sangue frio.

Uma verdadeira ducha fria num accesso de febre.

A segunda parte do livro é dedicada ás «Mulheres de hontem e os capitulos que arrematam o livro á Miss Kate, a original ingreja que elle conhece num «garden party», e com quem «lirta», troca ideias, discute sobre o assumpto do seu livro e acaba offerecendo-lhe o final do volume, sob o singular titulo: «Para Miss Kate ler».

Não é original e imprevisto esse «deanourment d'un flirt», começado com a: «to idyll»?

A Eva moderna está mais que representada no seu livro e sente-se a sua influencia benéfica ou málfica em todas as paginas e sob muitos aspectos: sob a impressão de uma caricia que se torna sorriso e acaba em lagrima, sob o encanto de uma palidez que é tempestado e se arrefece antigamente, sob a delicia de um sentimento que palpita nobremente e se aprofunda numa sinceridade commovedora e sob todos os aspectos, enfim, em que a mulher vive, soffre, ma, soluça, ri, se eleva, domina e respaldice.

Que melhor recompensa poderia o autor aspirar do que essa de se sentir comprehendido, admirado e homenageado no coração feminino, tão sensível e tão vibrante?

Fago, pois, minhas estas mimosas palavras de François Coppée, o navioso poeta francez:

«Les poètes ingrats ils son trop adorés.

Nous les aimons, et puis après

Encor, parce qu'eux seuls

Savent parler aux femmes.»

Janerio de 1920.

Pirmrose.

## Bôas festas

A «Revista Feminina» tem recebido, de todos os pontos do paiz e de innumerous leitores que posse no estrangeiro, principalmente na America Hespanhola, cartões de bôas festas, onde de envolta com ellas, ha palavras de applauso e de encorajamento á nossa acção em pról da mulher. São tão numerosos esses cartões, que, se fossomos publicar os nomes de todas as pessoas que se interessam pela nossa revista, isso redundaria, pelo enorme espaço occupado nestas paginas, em prejuizo dos leitores, que se ve-

riam privados, assim, da leitura de materia mais interessante. Dentre as pessoas que nos escreveram, enviando-nos felicitações e votos de bôas festas, muitas ha que, pelo relevo que têm em seu meio social, pela sua importancia e valor, quer no commercio, quer na politica, quer no clero ou nas letras, muitas ha cujos nomes deveriam figurar nesta noticia; mas se publicassemos esses nomes, nos veriamos forçados a dar inserção aos nomes de todas as pessoas que nos distinguiram com a sua amizade, e isso tomaria muito espaço. A todos, pois, que nos enviaram felicitações, os nossos sinceros agradecimentos.

## Inchação das palpebras

As palpebras inferiores quando inflammas ou inchadas, dão ao rosto um ar de velhice precoce.

Se a inchação das palpebras provém de albumina no organismo é urgente consultar um medico e seguir um tratamento. Quando, porém, este estado de entumescimento é determinado pela fadiga, noites mal passadas, excesso de trabalho, serões prolongados ou pelas lagrimas, basta lavar as palpebras frequentemente com a seguinte loção:

Agua distillada, de rosas, 125 grammas, Pedra hume, 5 grammas.

## Machina para destruir formigas

Esta machina consiste numa especie de vaso grande de ferro, chumbo ou barro. Se for de ferro o interior deve ser estanhado ou pintado a oleo, para não ser deteriorado pelo enxofre, que se emprega na operação.

Põe-se ao pé do formigueiro um prato, que possa caber dentro do vaso e no qual se deita melação; cobre-se este prato com o vaso, deixando uma abertura sufficiente para a entrada das formigas; quando o prato já estiver bem enxameado, carregase o vaso com força e depois, por um buraco que deve haver no alto do vaso, introduz-se uma mecha de enxofre inflamada e tapa-se; o acido sulphuroso que se desenvolve na combustão, mata logo todos os insectos.

Por este meio tem-se conseguido exterminar uma quantidade prodigiosa de formigas.

# AS DIFICULDADES

Por muito curta que seja a vossa passagem pelo mundo, e por pouco que obtermos no redor de nós, obtermos sempre alguma experiência das coisas comuns da vida.

Mais extensa, e, quasi sempre, mais segura, pois menos pessoal, é a experiencia que resulta do contacto com o publico. O medico, o tabellião, o padre, têm sobre os homens e as coisas revelações subitas, que o observador levaria mezes e mesmo annos a obter. Os que lidam com negocios e consciencias alheias, estão em boa escola.

Quasi diariamente e carreo me traz, sob o envelope banal endereçado por letra desconhecida, e carimbado em cidades que não sei onde ficam, aquillo que, em linguagem moderna, se chama «trechos de vida». São miúdos diversos esses «trechos de vida», mas não tanto como se poderia suppor.

Muitas têm o mesmo sabor amargo, pois suas alegrias e successos são depreza contados aos amigos e conhecidos. O que se confia a amigos longinqua e desconhecida, são antes os pezaros e «abroccimento» que não encontram sympathia e assistencia facil.

E a amiga desconhecida não se admira que seja assim, e nem por isso se lastima, considerando-se antes feliz por poder utilizar, em proff de seu leitoza e experencia adquirida, porque essas confidencias recebidas diariamente, ha muitos annos, são quasi sempre repetidas. Esse cyclo de pezaros e embaraços que evolui, minhas caras leitoras, já o percorri com outras que n'elle se debatiem, e procurei, com ellas, o meio mais facil de sair, o que vamos tentar ainda uma vez, esses meios sendo sempre os mesmos. Muitas vezes a resposta à carta de hontem poderia applicar-se à de hoje e de amanhã; melhor ainda, iria de encontro ás perguntas que a timidez e a preguiça retêm em muitos labios, ou no bico de muitas pennas. E, quantas vezes, crecendo a uma só, longas paginas, insufficientes para o assumpto, latei-me não poder desenvolver para todas as interessadas!

Se, por muitas vezes, me dirijo aqui a «Marias», é que vejo, por traz della, innumeras moças de boa vontade, agidas como ella por um nobre e sincero desejo de aperfeiçoamento. Mas não são só as moças que têm o direito de ser ouvidas. Desde que damos à esta pagina o titulo de «palestras», porque não faremos d'ella um dialogo, na qual se encontrará so menos o echo das palavras de minhas interlocutoras? de uma correspondente, representando uma categoria e exprimindo, por conta propria, os pensamentos e sentimentos de muitas?

## Feminismo nacional

A «Alliança Feminina» fundada na cidade de Natal, Rio Grande do Norte e da qual é presidente a sr.ª d. Igeze Barreto, lançou o seu programma de accão.

Pretendem as senhoras e senhoritas que se filiaram à «Alliança», organizar os elementos femininos catholicos de todo o Estado, no intuito de augmentar a influencia da mulher brasileira na sociedade e o seu predomínio nas questões que interessem o bem da familia, amparando viúvas, moças orphãs e sem protecção.

A obra a que se entregaram essas senhoras, si cumprirem os seus desejos, o programma que traçaram, merece os maiores applausos.

Ha, positivamente, idéas que estão no ar, como vulgarmente se diz, nascidas dos acontecimentos, das circumstancias, de um estado d'alma geral; determinadas por causas pequenas — um livro — que apparece, um incidente social, uma data, e, até, pelas estações; ha idéas de inverno e de verão, surgindo sob um céo tristemente acinzentado, ou so vivificante calor de um raio de sol. Essas tendencias, vejo as no meu correo. As cartas das ferias, transbordando de enthusiasmo, de descriptções e projectos em nada se parecem com as que vêm durante os trabalhos do anno, assim como se assemelham ás cartas do Natal e Anso Bom com as da quaresma e finados. Um sopro de melancolia passou entre ultimos dias, trazendo-me tres cartas, em que as autoras se confessam «completamente desanimadas», uma, com os trabalhos caseiros, outra com a carreira que seguiu, e a terceira com o trabalho que destinou ao nosso proximo concurso.

Os motivos d'esses desesperos? Diversos tambem, sem duvida, mas ligados, no fundo, a uma mesma causa. Aqui é o mauido que se torna autoritario, envelhecendo e os filhos que dão mais cuidado depois de moços; ali as exigencias do chefe de serviço e os aborrecimentos das companheiras; acolá, o deshecho complicado, os pontos desiguales, a fazenda demasiado fina, os fios d'licres de contar... em toda a parte, portanto, dificuldades innumeras, inextinguiveis, nunca d'antes experimentadas e com as quaes não contavam; inevitaveis, tanto que estão resolvidas, uma, a deixar a casa à revelia, outra, a pedir demissão, a terceira a quebrar a agulha.

Talvez essas correspondentes contassem ser por: n'in lasimadas, e ao felicitos-as. Confessemos contra 40 annos, minha senhora, e vós, senhoritas, mais de vinte primaveras, e ignoreis até hoje que a vida é semeada, tecida, cheia de dificuldades! Até hoje pudestes cumprir os deveres de mãe de familia, occupar cargos publicos, trabalhar em objectos de arte ou fantasia, sem que a rede de dificuldades em que a humanidade está quasi sempre envolvida desde que começam as obrigações da vida, chisne sobre vós, quando o tempo de outros se passa a roupar as malhas d'essa rede, que são logo substituidas... E é tal a vossa inexperencia que quereis empregar para rasgar essas malhas um sabre, quando só precisas thesourinhas finas? Que, com uma deploravel impropriedade de termos, que muito contribue para demsturar as cousas, vos proclamais «desencorajadas» e procuraes a coragem perdendo-m'as, quando tendes a vossa provisão intacta, e nem sequer é preciso gastar-l'as. A coragem é para as proçações, para supportar

golpes, soffrer cruéis dores, temiveis, eventualidades, que precisamos d'ella. A applicação, a habilidade, a paciencia, e, sobretudo, muita tenacidade, eis as armas para vossos casos.

A natureza vos maniu d'ellas, porque, emquanto a energia masculina ataca os grandes obstaculos, nós, mulheres, estamos destinadas a lutar com as difficuldades e somos mais aptas que os homens em vencer-as.

Nosso paé, marido ou filho, nos auxilia a saltar barreiras ou abysmos, e a escapar momentos; é justo pois que os recollemos, limpando os caminhos que têm de trilhar, de todos os bagatellas que contêm, o que algumas vezes não é muito facil, pois podemos, fazendo-os spahnar um «tortillo» ou picar os dedos. Por isso, cartas correspondentes, não me admio de vossa paciencia, e compedeço-me do vosso cansaço, eis tudo. Luctes com difficuldades? Pois bem; é preciso vencer-as, e, fazendo isto, evitaremos embaraços presentes e futuros.

Conformando-vos com um caracter rude, aprendendo a quitar docemente, mas com mão firme, naturezas rebeldes e desiguales, habituando-vos a ser doces, amaveis, e dignas com os superiores, tolerantes e prudentes com relações, mesmo pouco agradaveis, não perderei nem o tempo, nem o trabalho; ganhareis a sciencia da vida como a bordadeira ganhará destreza fazendo e desfazendo o seu trabalho.

Tive a vida muito facil na «sociedade», até tal ponto... ouvimos com frequencia, e quantas vezes essa reflexão é acompanhada de amargos pezaros! quanto destinos e carreiras perdidos porque estando habituadas a ver tudo marchar à medida dos desejos, muitas pessoas julgaram que para ellas havia de ser sempre assim, e se revoltaram à primeira rebelião da torte...

Não maldigamos as difficuldades, pois isso não as faz desaparecer; não tentemos fugir, porque seremos perseguidos; não as disimulemos áquelles, áquelles sobretudo que devemos preparar para a vida, pois teria prestar-lhes um mau serviço.

Mostrae-as, fazendo com que as encarem de frente, como elemento natural da existencia, ensinar-lhes e exercite-vos a não temel-as, a combatel-as e... a vencer-as. Acabamos achando o interesse, e quasi prazer, nessas victorias diarias, que nos dão legitima alizez, e nos permitem muitas esperanças. Diz bem o proverbio: «A paciencia tudo obtém».

O trabalho e a perseverança, nos quereis, preciso fazer justiça, tem tambem uma outra expressão: «Se é difficil, está feito, se é impossivel, far-se-á».

Igeze Silva

Cinecoenta senhoras domiciliadas em São Matheus, no Estado do Ceará, enviaram um telegramma ao governador, no qual sollicitam a construcção de um ramal de estrada de ferro de Baturité, partindo de Iguatú no Sussurana para aquella villa. O telegramma trata tambem da construcção do aqueducto de «Picos de Páez», desejada pelo commercio e população de Assaré, Araripe, Sant'Anna do Cariry, Saboiero, Campos Salles e parte do Estado do Piauy.

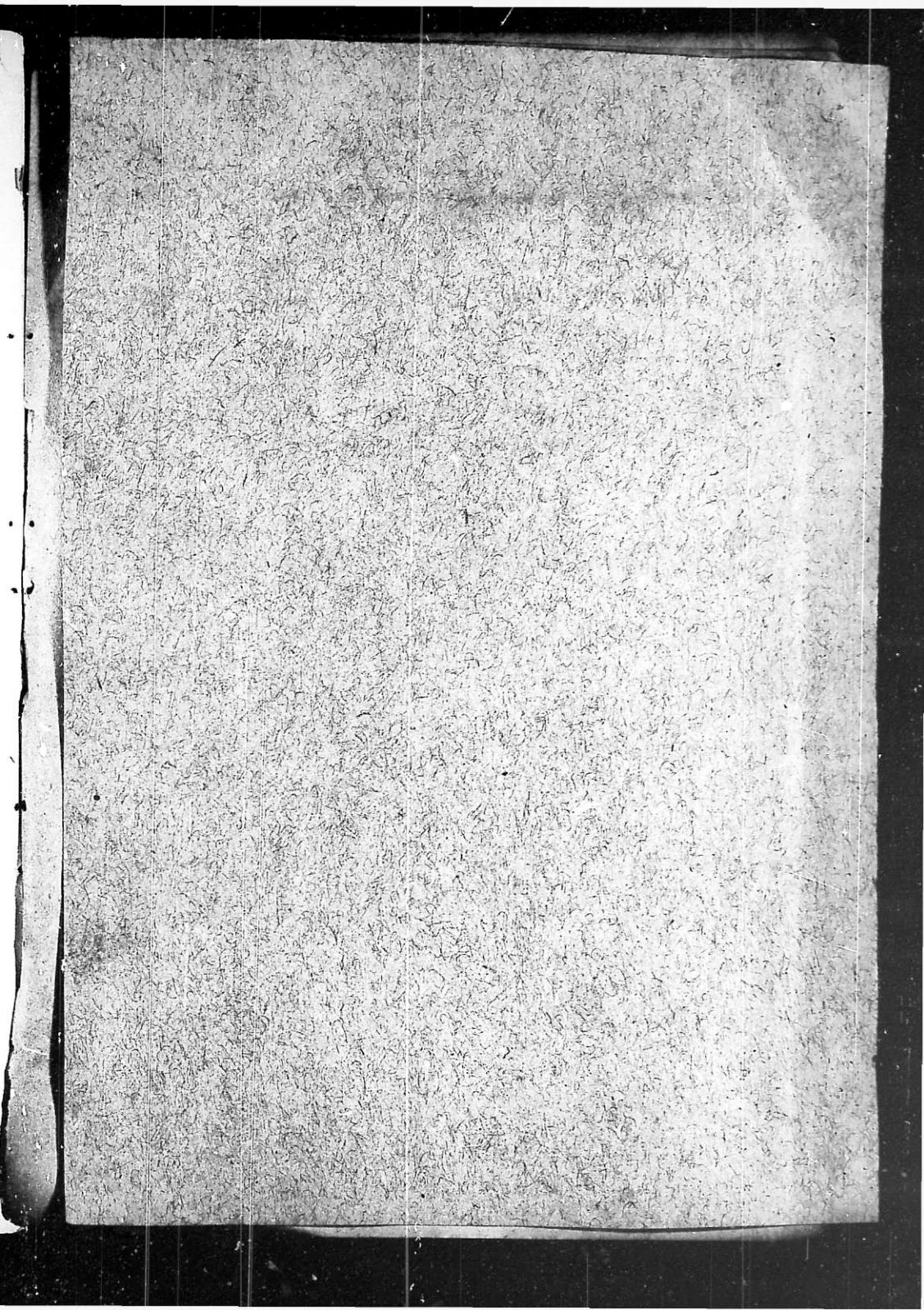
Desseas duas noticias se infere que o feminismo militante, em todo o país, actúa de forma a ser uma força viva dentro do organismo nacional.

A interferencia discreta da mulher brasileira nos negocios publicos, está-se dando

espontaneamente, como um serolario natural das correntes do pensamento social hodierno.

O que prova essa arregimentação e disciplina da vontade feminista é que a força da evolução inciente dos povos, prepara, nos successivos estagios sociais, a sua accão immediata. Amanhã, sem que se ache repugnante à ethica do tempo, o feminismo terá, entre nós, uma participação directa na vida politica do nosso país.

Inferese-se d'ahi que a fatalidade das leis que regem a evolução e não nos tornamos radicadas das suffragistas, repousa, a serena victoria de feminismo. Confitemos pois. Nessa causa está na mão de um futuro que proximoamente, sem tumulto, nos dará a victoria final.





# ENTRE DUAS ALMAS

(Continuação do numero anterior)

Valderez, entretanto, dizia de si como que assim era melhor, pois, pelo menos, nesses derradeiros dias de sua vida de donzella, podia reflectir melhor, encorajar-se com o auxilio de suas orações e dos conselhos do bom cura para o futuro muito proximo, — o terrivel futuro que a poria sob a auctoridade desse estrangeiro, que ella desejava e, ao mesmo tempo, receava conhecer melhor.

Um dia, chegou a corbelha de noiva. Valderez, indifferente, via os pais que a examinavam as sedas, as pellichas, as rendas, retirando dos estojos os dois adereços, um de brilhantes, outro de esmeraldas...

— Tudo isto é de uma riqueza sem nome! exclamou a senhora de Noclare, com a voz tremula de admiração. Olha este manto de pelles! E' mais que principesco! E esta renda de Atençon!

— Oh! elles pôde dar tudo isto a sua mulher, e muitas outras coisas mais! afirmou o senhor de Noclare, num tom em que se mesclava a inveja e a satisfação orgulhosa. Avalias, por ventura, Valderez a fortuna que representa esta corbelha?... E ella nem olha sequer! Sempre és uma noiva... Que estás tu ahi a malucar com esse ar tão serio?

— Pergunto a mim mesma papai, porque me envia o senhor de Ghiliac todas estas coisas, si eu tenho de viver no campo.

— Ah! Imaginas isso? Pois eu não o crelo, já agora, porque, a meu juizo, tudo isto significa que o teu noivo, vendo que trarias como nenhuma outra estes adereços, destiná-te uma existencia mais brilhante do que julgas.

— Eu não a desejo! disse ella, com uma especie de terror.

— Ora! Quero que me digas isso depois de haveres experimentado e gozado, minha selvagemzinha! Não podes imaginar o effeito que has de produzir... Sim, senhor! que gosto em tudo isto! Ah! esse conhece a elegancia! Terás uma boa escola, onde possas fazer a tua educação mundana, minha filha! E vejamos como elle soube escolher o que melhor se ajusta ao genero de belleza de sua noiva! Estas esmeraldas são de um effeito incomparavel nos teus cabelos, Valderez!

Collocou na testa da filha o magnifico diadema, em quanto Martha envolvia a irmã nas dobras macias de uma seda bordada de ouro.

— Sim, foste feita para trazeres similhantea adereços, minha filha! exclamou, enthusiasmada a senhora de Noclare.

Valderez retirou silenciosamente o diadema, collocou-o no estojo, dobrou a esplendida fazenda, e foi recolher a roupa da ultima lavagem.

Como de boa mente daria ella tudo aquillo em troca de um pouco de affecto, de uma sympathia reciproca!

Acompanhava a corbelha um curo bilhete a ella endereçado. Essa carta era uma obra-prima de fina elegancia, delicada cortezia, fria deferencia. O senhor de Ghiliac, cumpre fazer-lhe justiça, não affectava sentimento que não possuia.

Valderez viu-se, pois, obrigada a responder-lhe. Era de ordinario, senhora de um estylo facil e elegante, mas dessa vez parecia-lhe a tarefa acima de suas forças. Para esse noivo a quem, realmente, ella desconhecia, o coração conservava mudo, e o espirito fatigado recusava-se a dictar-lhe algumas phrases sufficientemente correctas.

Valeu-lhe similhante esforço uma atroz enxaqueca, acompanhada no dia seguinte de febre alta, de modo que foi pal quem teve de responder ao futuro genro, informando-o da indisposição da moça.

Sempre muito correcto, o senhor Ghiliac enviou immediatamente um telegramma, pedindo noticias, e o mesmo fez nos dias seguintes até o momento que No-

clare lhe telegraphou: «Valderez completamente restabelecida».

Nos Altos-Pinheiros, ouvia a moça todos os dias entoarem louvores ao seu noivo. Realmente, os Noclares só podiam ter por elle um extremo reconhecimento. E' que Elias, muy dedicadamente, offercia a seu futuro sogro uma renda inesperada cuja cifra transportava o senhor de Noclare. Juntamente com a corbelha, chegaram tambem magnificos presentes para a senhora de Noclare e para Martha, acompanhados de phrases amaveis. Certo, elle era generoso, devia mesmo sê-lo no mais alto grau. Mas isso era, sem duvida, uma qualidade de raça, facil para quem possuia uma immensa fortuna, e que não podia ser incompetivel com uma grande frieza de coração.

— Meu Deus, fazei que eu lhe ganhe amizade! rogava Valderez a todos os momentos. Fazei que elle seja para mim um esposo bom e honesto.

E, invariavelmente, ella o invocava então a conversar com o pai sobre assumptos frivolos, ou no terrço, revelando á noiva uma indifferença paterna. Qual seria o seu character? Isto era ainda para Valderez o terrivel e profundo misterio.

O marquez de Ghiliac chegou aos Altos-Pinheiros na ante-vespera do casamento religioso. Offerceu á noiva uma photographia de Guilhaermina, dizendo-lhe que acabava de ver a criança no castello de Arnellas, aonde fóra com o fim de dar um lance de olhos aos preparativos feitos para receber a jovem marqueza.

— Já lhe annunciiei a sua chegada, accrescentou. Tenho a certeza que a menina tran-formará dentro em breve essa criança ainda um tanto selvagem, cujas mestras successivas não se deram provavelmente ao trabalho de lhe estudar o character.

Valderez contemplou longamente o rostinho infantil um pouco emmagrecido, de grandes olhos tristes. — Ella não se parece com o senhor, excepto talvez nos olhos, disse a moça olhando para Ghiliac.

— Não, é antes o retrato da mãe, concordou este, num tom breve, com um ligeiro franzir de sobrancelhas.

Encontravam-se sós os dois no parlatorio. A senhora de Noclare, sob calor de sentir-se um pouco fatigada, subira para o quarto, e Noclare enterrava-se á cata de uns papeis que elle queria mostrar a seu futuro genro. Haviam considerado, elle e ella, que para esses noivos muito correctos e cerimoniaes não seria mau o beneficio de um colloquio a sós ambos de dois Ghiliac, tomando as tenazes, inclinou-se para endireitar uma chapa que cahira do fogão.

— A senhora verá amanhã minha mãe e minha irmã mais velha, a viscondessa de Trollens, disse-lhe, aticando o fogo. A mana Claudia, com muito pezar, não poderá vir da Austria.

— Mas escreve-me uma carta encantadora, enviando-me um bello presente. Deve ser muito amavel essa sua irmã!

— Sim, é muito boa e graciosa; estou certo que ella lhe agradecerá muito mais que Leonor. Esta é um typo de mulher moderna que lhe ha de parecer um tanto estranho. E', aliás, muito intelligente, tendo-se até feito um nome na literatura como romancista e poetisa. Ainda não leu nenhuma produção sua?

— Sim, lembro agora, já li alguns versos...

— E então? Agraderam-lhe?

As velludosas pupilas de Valderez delataram um tal ou qual embaraço.

— Confesso-lhe que não comprehendí lá muito bem, disse com sinceridade.

— Ella não se parece com o senhor, excepto talvez nos olhos, disse a moça olhando para Ghiliac.

— Não, é antes o retrato da mãe, concordou este, num tom breve, com um ligeiro franzir de sobrancelhas.

Encontravam-se sós os dois no parlatorio. A senhora de Noclare, sob calor de sentir-se um pouco fatigada, subira para o quarto, e Noclare enternizava-se á cata de uns papéis que elle queria mostrar á seu futuro genro. Haviam considerado, elle e ella, que para esses noivos muito correctos e cerimoniaes não seria mau o beneficio de um colloquio á sós ambos de dois. Ghiliac, tomando as tenazes, inclinou-se para endireitar uma chapa que cahira do fogão.

— A senhora verá amanhã minha mãe e minha irmã mais velha, a viscondessa de Trollens, disse-lhe, aticando o fogo. A mana Claudina, com muito pezar, não poderá vir da Austria.

— Mas escreveu-me uma carta encantadora, enviando-me um bello presente. Deve ser muito amavel assa sua irmã!

— Sim, é muito bôa e graciosa; estou certo que ella lhe agradará muito mais que Leonor. Esta é um tipo de mulher moderna que lhe ha de parecer um tanto estranho. E', aliás, muito intelligente, tendo-se até feito um nome na literatura como romancista e poetisa. Ainda não leu nenhuma produção sua?

— Sim, lembro agora, já li alguns versos...

— E então? Agradaram-lhe?

As velludosas pupilas de Valderez delataram um tal ou qual embaraço.

— Confesso-lhe que não comprehendí lá muito bem, disse com sinceridade.

Elias soltou uma risada — um riso são, sem mescla de ironia, que lhe era pouco habitual.

— Ah! pois isso é justamente a perfeição do genero symbolista! A menina é uma profana... e eu tambem, tranquillize-se. E esse respeito, temos tido, Leonor e eu, pequenas escaramuças, mas vá lá alguém convencer uma mulher compenetrada de sua superioridade intellectual, e que vê, por cumulo, o marido constantemente em extase deante de suas nebulosas criações! Esse pobre Anatolio é o rei dos tolos.

Mostrava-se, nesse dia, muito alegre e muito menos frio, exhibindo todo o encanto irresistivel do seu espirito pela nolvinha, a quem elle nessa tarde pertencia todo inteiro. De quando em quando, e olhar volvia-se-lhe mais doce, pousando-se na noiva, a voz tomava inflexões seductoras, em quanto Valderez, a um tempo fascinada e commovida, pensava que não seria talvez tão difficil descobrir-lhe os lados bons do caracter, e ganhar-lhe amizade e afeição.

— Mas ainda não falámos da nossa viagem de nupcias, disse elle. Prefere que a façamos logo após a cerimonia, ou sómente depois de passarmos alguns dias em Arnellas?

— Eu preferiria conhecer logo a Guilhermina, si o senhor nisso conviesse, respondeu ella.

— Pois, sim. E partiremos em seguida para onde quizer. Qual é o paiz das suas preferencias?

— Parece-me que gostaria muito de conhecer a Italia!

— A viagem classica. Sou tambem admirador entusiasta de algumas regiões desse bello paiz, e terei muito prazer em fazer que a menina o conheça. De passagem, nos deteremos em Menton, pois quero apresental-a aos meus excellentes tios, o duque e a duquesa de Versanges, que ha um mez alli estão, como o fazem todos os annos. De volta da nossa viagem, poderemos passar algum tempo em Cannes, onde possuo uma villa. Por esse tempo, ser-lhe-á talvez agradável, si o mar lhe não causar enjôo, fazermos um cruzeiro a bordo do meu novo hiate, cujos trabalhos estarão completamente terminados dentro em dois mezes. Voltaremos depois a Paris, onde em fins de abril, re realizará a minha recepção na Academia.

Valderez ouviu-o surpresa e perplexa. Que seria de Guilhermina, em meio de todos esses projectos, cuja saude delicada exigia, como elle proprie havia declarado, a assistencia continua de Valderez ao campo?

Essa mudança de vida não deixava de causar á pobre moça um certo receio, — ella que não passara nunca além de Besançon, e na completa ignorancia de si mesma, se imaginava muito inferior ao que della podia esperar o senhor de Ghiliac.

Havia ainda outra coisa que temer: a futura familia. A condessa Serbeck, irmã segunda de Elias, o duque de Versanges, tio-avô de Ghiliac, e a duquesa, todos lhe haviam enviado, como soberbos presentes de noivado, palavras muito amaveis. Porém as que acompanhavam os presentes da senhora de Ghiliac e de sua filha mais velha, eram frias e inexpressivas. Eram essas que inquietavam um pouco a Valderez, que as sabia muito mundanas. Receava a moça, não fosse por ellas vista com bons olhos a escolha do marquez de Ghiliac. Todavia, ambas se deram ao incommodo de vir, em pleno inverno, a esse frio Jura sem embargo das incommodidades da viagem e da estado nos Altos Pinheiros, por mais breve que esta fosse. Si ellas estivessem descontentes, certo não lhes faltariam pretextos para se absterem de assistir ao casamento.

Que figura faria Valderez ao lado dessas senhoras tão differentes della? Pessoalmente, pouco se lhe dava da opinião dessas damas a seu respeito, mas é que já agora nutria ella o desejo, todo novo, de não desagradar ao senhor de Ghiliac.

— O senhor me dirá o que devo fazer, não é assim? pois ignoro inteiramente os uzos mundanos, disse ella a Elias nessa mesma noite da chegada do noivo, quando este se despedia, depois do jantar.

Elle sorriu ao ver o olhar bello e tímido de Valderez.

— Com muito prazer, si vir que ha necessidade. Mas a menina é por instincto uma grande deusa, por que se não adapte desde logo a todas as circumstancias.

Ella corou ligeiramente. Era o primeiro galanteio que elle lhe dirigia. E o olhar com que o noivo o acompanhou fez nascer no coração de Valderez uma emoção desconhecida.

## VII

«E' um homem de todo perplexo e estupefacto, quem ora te escreve, minha cara Gilberta. Ao aceitar em ser uma das testemunhas de tua afilhada, estava eu bem longe de suppôr a surpresa que me reservava esse Elias, a quem com muita razão qualificaras de extraordinario. Pois quê! Ali estava um homem que me declarara não querer, principalmente, mulher bonita, e...

«Mas, deixa-me contar-te tudo por miudos. Chegámos, pois, aos Altos Pinheiros, nessa tarde, em seita, a senhora de Ghiliac, Leonor, Anatolio de Trollens, o principe Sterkine e eu. Recebem-nos o senhor de Noclare. Está inteiramente transfigurado, não o reconhecerias, e só tinha olhos para o seu futuro genro. Entrámos o salão. Elias apresenta aos seus parentes a senhora de Noclare e sua noiva. Aquel uma mudança de scena. Temos diante dos olhos a mais ideal belleza que nunca se viu. Caspitê! Oh quanto mudou essa criança! E uma desenvoltura de grande dama, si bem que estivesse visivelmente intimidada. Imagina o pasmo que tomou a todos! E imagina tambem, si podes, as impressões dessa pobre Hermia, cuja belleza, posto que bem conservada, está longe de lutar com aquella. Sem embargo de toda a sua sciencia de mulher de sociedade, ella não vingou dissimulal-as completamente, a ponto de o principe Sterkine dizer-me, instantes depois:

«— Felizmente a senhora de Ghiliac não tem influencia sobre o filho, que foi sempre senhor de suas acções, e esta deliciosa marquezinha será idolatrada do marido, porque, si assim não fôr, eu a lastimaria!

«Idolatrada? sim, assim devia ser. Mas obriga-me a verdade que te diga que Elias não parece de modo nenhum ser um apaixonado. E coisa ainda mais estranha — a menina Valderez tambem não parece fortemente tocada pelo amor!

«Sem duvida elles ainda se conhecem bem pouco! Mas estamos habituados a ver as paixões que inspira uma simples photographia de Elias. Por isso, estou que essa menina ha de se ter sentido fascinada e captiva

desde o primeiro momento em que o viu. Verdade é que elle parece muito glacial para com ella... Muitas vezes, perguntou a mim mesmo, Gilberta, si fizemos bem dando mão forte a este casamento. Sua physionomia pareceu-me nessa tarde mais impressionadora que nunca. Contemplei-o enquanto elle fazia a apresentação da noiva, e vi-lhe nos olhos essa expressão de alegre ironia, e nos labios esse meio sorriso sarcasticamente enigmático que me desagradou. Evidentemente esse amador se comprazia em notar as diversas expressões, todas denotando a mala profunda surpresa, que se estampavam nas physionomias dos parentes e do seu amigo, — sim, na minha tambem, provavelmente. Elle não ignora que a mãe vae morder-se de chumes dessa menina e que a irmã fará outro tanto. Terá elle nisso algum prazer?

«E irá realmente confinar-se nas Arnelhas? O principe Sterkine, como nos preparásemos para montar á selva, a fim de nos dirigirmos á pretoria, murmurou ao ouvido de Elias:

«— Olhe cá, meu amigo, que surpresa, hein? Fazer tudo ás encobertas! Ah! está uma marquezita de Ghiliac que vae causar sensação nos salões de Paris.

«— Engana-se, minha mulher não se destina a viver essa estúpida, existencia mundana, replicou Elias neste tom breve que indica que a observação é ociosa.

«O excellentissimo Sterkine permaneceu um instante como enleado. De feito, com Elias, nós nunca sabemos onde estamos. E' o ente mais original que conheço.

«A tua afilhada, minha cara Gilberta, é uma deliciosa criança, assim no physico que no moral. Não, a palavra criança não lhe cai bem; é já menina, a verdadeira menina, que guardou toda a sua candura, toda a sua delicadeza de alma. Sabera Elias apreciar o thesouro que vae possuir? Deixar-se-á tocar esse enfiado, esse incensível, por essa graça pura, essa frescura de alma, esse coração que advinho estremo, sensibillissimo, e a quem elle, tão facilmente, poderá fazer sangrar? Ter-lhe-á o cerebro abafado completamente o coração?

«Confesso-te, minha amiga, que hei de sentir-me amanhã um tanto apprehensivo ao vel-os reciprocarem juramentos! Si as ceias se repetissem... juro-te que eu não lhe tornaria a falar de Valdevez!

«Agora, alguns informes sobre o modo por que nos installámos, por estas vinte e quatro horas. Hospedei-me nos Altos-Pinheiros; a senhora de Ghiliac, Leonor, Elias e o principe Sterkine irão dormir no castello de *Vielles*, proximo daqui, o qual foi posto pelos proprietarios á disposição dos Noclares.

«Prepararam ligeiramente, para as circumstancias, o melhor possivel, os principaes aposentos dos Altos-Pinheiros, — por conta, provavelmente, de Elias. Noclare confessou-me que estava em vespera de uma ruina completa quando lhe chegou o pedido do marquez de Ghiliac. Era a salvação para todos, — e desconfio que Valdevez se sacrificou pelos seus, mui simplesmente.

«Sacrificar-se, casando-se com Elias! Eis aqui está uma palavra que soaria estranhamente aos ouvidos de muitas mulheres, que dizem, minha cara amiga? — e, principalmente aos de Roberta de Brayles. Mas Valdevez é feita de outro estofo. Si Elias não a amar sincera e honestamente, ella ha de soffrer, porquanto não me parece mulher para se satisfazer com attentões passageiras, caprichos de seu senhor e patrião, — como tambem, sem duvida, será incapaz de o adorar cegamente, nos seus defeitos e nas suas qualidades, como o fariam, de certo, muitas outras.

«Bem vêes que torno sempre aos meus receios. Vou ver si consigo conversar a sós alguns instantes com Elias, a fim de procurar suprehender o seu verdadeiro pensamento. Tarefa difficil, para não dizer impossivel.

«Aproxima-se a hora do jantar. E' tempo de me despedir de ti, minha cara Gilberta. A nossa bella noiva encarregou-me de apresentar-te as suas affectuosas lembranças, bem como a senhora de Noclare. Esta, um pouco sobrecxlada neste momento, parece-me menos

combalida. E' curioso, este casamento não parece inspirar-lhe nenhum cuidado! Como o marido, ella está igualmente fascinada por Elias. Que terrivel fascinador que é este homem! Pois si até eu, ás vezes, deixo-me levar como os demais! Mas, ainda assim, eu não lhe daria uma filha com tanta serenidade.

«Martha está uma criança muito interessante, e Orlando um bello menino, galante e bem educado: tem o olhar puro e profundo da irmã mais velha. Querira ser padre, mas disse-me Noclare que não lho consentirá nunca: preferre, sem duvida, que o filho se torne um inutil e uma ruina moral como elle proprio...

«Vou terminar, Gilberta. Estarei contigo depois de amanhã, e então contar-te-ei por meudos tudo o que se tem passado, inclusive os desgostos da senhora de Ghiliac, a qual, entre parentheses, devia nutrir suspeitas quanto á escolha de Elias, sem embargo do modo por que este nos declarou, ao regressar dos Altos-Pinheiros: «A menina de Noclare satisfa todos os meus desejos e será uma segunda mãe para a Guilhermina». Fora necessario, sem duvida, que ella tivesse um furioso desejo de conhecer esta futura noiva, para que viesse, com um tempo destes, até aqui, privando-se, si bem que por vinte e quatro horas, de todo o seu luxuoso conforto habitual.»

Terminava o sarau. O grande salão dos Altos-Pinheiros, mobiliado apressadamente mas com gosto, ornado de tufo de azevinho e agárico, apresentava nessa noite um desacostumado aspecto. Havia já muito tempo que o velho salão não presenciava similhantes reuniões, e grande deveria tambem ser o seu panno como o da jovem desposada, que pela primeira vez se via em contacto com algumas das mais notaveis personalidades do meio em que ella iria viver.

Valdevez trajava nessa noite um vestido de tecido leve, feito por uma excellentissima costureira de Besançon, e cuja nuanca pelle-de-amendoa condizia admiravelmente com a tez deliciosa da moça. Essa *toilette*, embora simples, não se eclipsava ao lado de outra, de uma elegancia correcta, da senhora de Ghiliac, nem ao lado deaquelloutra, ainda mais excentrica, da senhora de Trolens, — ambas salidas de celebres armazens.

A moça fallava pouco. Intimidava-a a bella marquezita de Ghiliac, soberba morena de olhar frio; desagradava-lhe, como já lhe predissera o noivo, a senhora de Trolens, de porte alto e por demais presumida. O visconde de Trolens era um João-ninguem. De fóra parte, naturalmente, o senhor d'Essil, que ella conhecia e apreciava desde muito tempo, só lhe era sympathica a physionomia franca e serena do principe Sterkine.

Durante a cerimonia do casamento civil, como durante o jantar, bem tivera Valdevez a consciencia de que era alvo de um exame discreto e incessante. Secretamente vexada por todos esses olhares, conseguira entretanto manter a attitudie habitual de uma encantadora simplicidade com uns longos de recato, a um tempo, ilmidado e altivo que communicava á sua belleza um caracter particular.

O senhor de Ghiliac estava nessa noite verdadeiramente encantador. Sua conversação fascinava literalmente os poucos amigos dos Noclares convidados para o jantar, inclusive o proprio cura. Valdevez ouvia-o com um misto de prazer e terror. Esse homem extraordinario emittia conceitos profundos, theorias moraes irreprehensiveis; subito, sahia-lhe dos labios um coruscante sarcasmo, brilhava-lhe de novo nos olhos soberbos a ironia, que mais se accentuava na voz de inflexões meliodiosas. E a pobre noiva, inteiramente desamparada, não sabia o que devia crer ou esperar.

Eles não haviam tido, nesse dia, o mais ligatiro colloquio. O senhor de Ghiliac, aos olhos de estranhos, não delatava o seu amor pela noiva. Esta volvia a encontrar nelle a frieza que lhe parecera, na vespera, ter soffrido um eclipse. E o coração apertava-se-lhe de novo.

**KOLA SOEL** — Anemia, fraqueza, rachitismo, molestias do estomago, — Util no crescimento das creanças. —

«Uma Noçare que se casa num dia em que cae a neve. é quasi certo ser infeliz no lar».

Este adagio, murmurava-o a velha Christiana, ao levantar-se, na manhã do dia em que se completaria a união do marquez de Ghiliac e de Valdevez de Noçare. Esse casamento não era do agrado de Christiana, e, por isto, não se culpava em recolher os scmbrios pressagios que deviam, a seu juizo, annunciar o destino da joven desposada.

A senhora de Noçare viera presidir á toilette da filha. Mas, vencida pelo cansaço e pela commoção, teve de retirar-se logo a fim de repousar um pouco, antes da partida para a igreja. Martha ficou então junta á irmã para auxiliá-la nos ultimos retoques da toilette.

— Prompto, querida! Estás linda, Valdevez! Certo o senhor de Ghiliac...

Nesse instante, bateram de mansinho á porta. E Martha, ao abrir-a, deu de rosto com a senhora de Ghiliac, no seu vestido sobriamente elegante, propositadamente escolhido para esse casamento no campo.

— Posso ver sua irmã, menina?

— Pois não, minha senhora! Faça o favor de entrar, — respondeu Valdevez, indo ao encontro de sua futura sogra.

A senhora de Ghiliac estendeu-lhe a mão.

— Scube agora mesmo, minha filha, que a senhora sua mãe teve necessidade de deixá-la a fim de repoustar um pouco, e então vim ver si a menina precisava de alguns conselhos quanto a sua toilette.

— Oh! minha senhora quanta bondade! exclamou Valdevez, tanto mais admirada, quanto a attitude da marqueza havia sido na vespera sempre fria e reservada. Agradeço-lhe de todo o coração, mas, como vê, já estou premta.

— Tanto melhor para a menina em ser pcutual, porque Elias não tolera esperar por alguem.

E, dizendo e fazendo, inclinava-se, compondo um pormear nos cabelos da moça. Os labios crispavam-se-lhe ligeiramente ao mesmo passo que o olhar, enrubrihava uma chamma, enevlvia o admiravel semblante de Valdevez e encontrava-se com seus olhos castanhos de reflexos doloços, felices para nanciar o coração mais duro.

— Sim, será melhor assim, minha filha... E está de certo, muito triste ter de deixar sua familia e partir com um estracho?... Porque, enfim, conhece Elias há tão pouco tempo!...

E, por baixo dos olhos, prescrutava avidamente a physionomia commovida da moça.

— Sim, minha senhora, e é isso o que me inquietava, porque eu desejava cumprir o melhor possivel todos os meus deveres de esposa; mas ignoro quasi completamente o seu caracter, os seus gostos, o que lhe pode agradar ou desagradar. Si a senhora quizesse dar-me alguns conselhos, indicar-me alguns traços de sua natureza...

Um ligeiro tremor agitou o semblante da marqueza cujos olhos se desviaram um pouco do bello olhar constante e tímido. Valdevez viu com surpresa, apparecer na physionomia da senhora de Ghiliac uma expressão de commiserção um tanto ironica.

— Ah! minha filha, que é que você me pede? Conselhos para viver com Elias? Mas eu não lhe poderia dar sem que lhe arribatasse algumas illuções... porque de certo, você sempre se ha de ter criado algumas. Vejamos, que entende você por deveres?

— Oh!... amar a meu marido, ser-lhe inteiramente dedicada, e obediente em tudo que for justo, em tudo que não estiver em descordo com a minha consciencia... A senhora de Ghiliac interrompeu-a com um ligeiro sorriso:

— De certo, o devotamento e a obediencia serão indispensaveis. Quanto, porém, á afeição... Será prudente, em todo o caso, que você a modere, minha filha, se não quizer scffrir como a que precedeu...

— Scffrir?... Porque? balbuciu Valdevez.

— Porque a menina não encontraria nunca em seu marido a reciprocidade desse effecto. Isso mesmo, conhecendo-o Fernando, ella que o amava apaixonadamente, e, em troca, sempre se viu tratada com uma frieza, desdenhosa que elle repulrava todas as manifestações de ternura e se irritava quando ella se mostrava zelosa. Elias não a amou nunca; deposara-a não somente porque a sua plana se ajustara a delle, e porque ella sabia vestir-se com muito gosto e elegancia, o que era nessa epoca de principal importancia aos olhos delle, — mas devo acrescentar que, actualmente, já não é mais assim, e que, si elle escolheu a menina, foi precisamente por sua simplicidade, por sua ignorancia de todas as vaidades mundanas. O que elle quer é uma esposa seria e sufficientemente intelligente para não imitar essa pobre Fernanda, tohendo-lhe, com um affecto muito intenso, a independencia absoluta, que elle prisa acima de tudo. Meu filho tem um caracter muito autoritario, e, já desde criança, ninguém vingava dobrar-lhe a vontade. Mas sempre foi generoso e cortéz. E somente incapaz de uma afeição, — digo-o de mim propria. E' um cerebro. é o que é!

Falava num tom tranquillo e commedido, que trahia um tal ou qual ressentimento, principalmente nas ultimas palavras.

Valdevez ouvia-a, immovel, fitando nella os olhos cheios de terror.

— Trazia uma mulher que não seja romantica nem sentimental poderá ser muito feliz com elle, continuamente a senhora de Ghiliac. Bastará que ella aceite unicamente o que seu marido houver por bem conceder-lhe de affecto, não procure nunca entremetter-se em seus trabalhos, nem se inquiete com as suas ausencias e viagens, coisas com que Fernanda não se conformava. Mas, com isso, elle só alcançou provocar de parte do marido uma antipathia cada vez maior, a ponto de, para evitar que ella o incommodasse, impregnar os seus aposentos particulares, e até as carruagens, de um certo perfume do Oriente que entontecia e fazia fugir a Fernanda. Mas uma mulher seria e prudente saberá evitar esses attritos que lhe alienariam Elias completamente de si. Saberá comprehender o seu papel ao lado delle, que só se decide a este novo casamento na esperanza de ter um herdeiro, — o nascimento de uma filha seria uma verdadeira decepção que elle nunca perdoaria á criação. Elias desconhece o amor paterno e o amor conjugal. Digo-lhe francamente, minha filha, porque você pedime que lhe dissesse alguma coisa sobre elle. Advirto-lhe tambem que é um imitavel psychologo, que vê sómente nas pessoas curiosos estados de alma, interessantes complexões de caracteres. Depois de ter estudado a fundo todos os corações femininos, mais ou menos frivolos, que elle é o idolo, talvez que se comprazza em estuprar a alma ainda virgem da menina, talvez lhe agrade fazer nascer nella impressões que elle analisará em seguida, subtilmente, num proximo romance. Confesso, minha filha, que lhe seria doloroso deixar você embalar por um senho, julgar ter conquistado o coração de seu marido, e convencer-se afinal que, para elle, você nada mais era que um objecto de estudo, talvez um objecto de cpricho, que o seu *diletantismo* peria de lado no dia em que delle se enfarassasse.

Valdevez, que se tornara branca como um cadaver, fez um movimento de recuo, murmurando em voz tremula:

— Mas então... eu não quero casar com elle!... Eu não quero, em semelhantes condições...

— E porque não, minha filha? Julgava você outra coisa? Deus-lhe acaso a attitude de Elias direito a supôr o contrario do que lhe estou a dizer?

Um observador teria percebido indições nervosas na fala da marqueza. Mas Valdevez via-se inteiramente presa de dolorosa commoção.

Subito, aos olhos da moça resurgiu a scena da vespera, no momento em que o noivo se despedira della. Ouvia-lhe a voz quente de antonções quasi ter-

**TOLUOL**

TOSSEN BRONCHITIS, ASTHMA, MOLESTIAS DO PEITO E GARGANTA. **VENDE-SE EM TODAS AS BOAS DROGARIAS E PHARMACIAS.**

Elias desconhece o amor paterno e o amor conjugal. Digo-lhe francamente, minha filha, porque você pediu-me que lhe dissesse alguma coisa sobre elle. Advirto-lhe tambem que é um inimitável psychologo, que vê sómente nas pessoas curiosos estados de alma, interessantes complicações de caracteres. Depois de ter estudado a fundo todos os corações femininos, mais ou menos frivolos, que elle é o idolo, talvez que se compraza em estudar a alma ainda virgem da menina, talvez lhe agrade fazer nascer nella impressões que elle analisará em seguida, subtilmente, num proximo romance. Confesso, minha filha, que lhe seria doloroso deixar você embalar por um sonho, julgar ter conquistado o coração de seu marido, e convencer-se afinal que, para elle, você nada mais era que um objecto de estudo, talvez um objecto de capricho, que o seu *dilatantismo* poria de lado no dia em que deile se enfastasse.

Valderez, que se tornara branca como um cadaver, fez um movimento de recuo, murmurando em voz tremula:

— Mas então... eu não quero casar com elle!... Eu não quero, em semelhantes condições...

— E porque não, minha filha? Julgava você outra coisa? Deu-lhe acaso a attitude de Elias direito a suppor o contrario do que lhe estou a dizer?

Um observador teria percebido inluctuosas nervosas na fala da marquezita. Mas Valderez via-se inteiramente presa de dolorosa commoção.

Subito, aos olhos da moça resurgiu a scena da vespera, do momento em que o noivo se despedira della. Ouvia-lhe a voz quente de entonações quasi ternas, revia-lhe o olhar de magica doçura, sentia sobre a mão a caricia daquelle beijo. Então lhe parecerá que se lhe haviam dissipado quasi de todo em todo os seus receios...

Mas consoante com o que lhe acabava de dizer a senhora de Ghiliac, ella já começava a ser para elle apenas o «objecto de estudo», cujo coração o seu noivo se divertia em fazer vibrar!

Oh! não, não, era impossível!

E, todavia, como tudo isso que lhe diziam se ajustava ás precedentes maneiras, tão frias, desse estranho noivo, á sua physionomia enigmatica, ao seu sorriso sceptico, á sua tranquilla confissão de indifferença paterna! Como tudo isso explicava tambem a instinctiva desconfiança que lhe inspirava o olhar de Ghiliac!

Valderez balbuciou, em resposta á pergunta que lhe dirigira a senhora de Ghiliac:

— Eu julgava que, pouco a pouco, nascesse entre nós dois um affecto reciproco. Mas a senhora acaba de dizer que o senhor de Ghiliac me recusará o seu, e não aceitará o que lhe eu dedicar...

O bello semblante, ainda ha pouco colorido, empalideceu de novo. A custo sahiam dos labios secos da moça as palavras que dizia.

— Não, minha filha, elle o aceitará, contanto que esse affecto seja razoavel e não o incommode em coisa alguma. Pesa-me ver a menina assim tão commovida, acrescentou a senhora de Ghiliac, lançando um rapido olhar á physionomia descomposta de Valderez. Você me parece muito impressionavel, querida, e dou-lhe de conselho se habitue a dominar as suas emoções, porquanto muito soffreria com o genio de Elias, inimigo de sensibilibidades. Fie-se de minha experiencia, menina, acalme o seu coração, aceitei tão somente as poucas satisfações que lhe tocar, sem sonhar com o que poderia ser. Elias será um bom marido si você for sempre docil e honesta; elle não a incommodará muito, porque residirá o mais do tempo em Paris, ou viajará, e você viverá tranquilla, muito feliz, no castello de Arnellas, que é uma maravilha.

Estas palavras zoavam nos ouvidos de Valderez.

Não estaria sendo victima de um pesadelo? Mas não, ali estava em sua frente a senhora de Ghiliac, muito grave, visivelmente sincera, que a prevenia por bondade, por compaixão por sua inexperiencia, ella que tivera sob os olhos o exemplo do primeiro casamento do filho.

A senhora de Ghiliac pousou-lhe a mão no hombro, — Não haveria algum sonho romanesco nessa ca-

becinha? disse ella, a meia voz. E muito me admiraria si assim não fosse, porque você seria então a primeira mulher que não se sentisse, mais ou menos, apaixonada por meu filho. Não imite Fernanda, minha querida, pois que ella soffreu muito. Guarde o seu coração, uma vez que Elias nunca lhe poderia dar o delle.

De fóra, a voz de Martha perguntou:

— Estás prompta, Valderez?

— Sim, descompo já, respondeu a senhora de Ghiliac...

E tomando-lhe a mãosinha gelada, apesaz das luvas, acrescentou em voz baixa:

— Não me quererá mal, não é verdade, minha filha, por ter assim, a seu pedido, feito cahir algumas das suas illusões!

Alguas! Oh! onde estaria já as suas poucas illusões, suas timidas esperanças!

— Não, minha senhora, respondeu a moça, em voz tremula. Ao contrario, agradeço-lhe até por me haver esclarecido, de antemão, sobre o papel que devo representar ao lado do senhor de Ghiliac. Confesso que elle não se ajusta absolutamente á idéa que eu fazia do casamento, e que si eu soubesse...

Não terminou. Os labios tremiam-lhe convulsos.

A senhora de Ghiliac não replicou, e, abrindo a porta, sahiu, acompanhada por Valderez. Quando ambas entraram no salão, um discreto murmuro de admiração correu por todos os que alli estavam reunidos. O senhor de Ghiliac, interrompendo subito a conversa que entretinha com o principe Sterkine e Orlando de Noclare, o irmão mais velho de Valderez, envolveu num longo olhar a noiva divinamente bella no seu vestido de longa cauda, que mais accentuava a incomparavel elegancia de seu porte, sob o leve veal de tulle, o qual idealizava ainda mais o admiravel semblante da moça. Foi, em seguida, ao seu encontro, tomando-lhe a mão para beijal-a...

— Que tem, menina? Está gelada... disse elle. Parece que está sentindo alguma coisa...

— Não, senhor, estou bem, muito obrigada. Sintome sómente um pouco fatigada, respondeu Valderez, tentando dominar-se ao mesmo tempo que desviava do noivo o olhar. E, afastando-se, foi cumprimentar a senhora de Trollens.

Alguns instantes depois, já estava sentada com o pai na seleta, forrada de velludo branco e guarnecida de soberbas pelles, a qual chegara na vespera aos Altos-Pinheiros.

Durante o tractado, o senhor de Noclare não lhe deu tempo de reflectir nem de coordenar os tristes pensamentos, pois sentia-se tomado de uma orgulhosa exaltação, que o fazia de uma loquacidade inextinguivel a respeito do futuro do genro e de sua familia. Foi como uma quasi somnambula que Valderez penetrou, pelo braço do pai, a velha igreja, profusamente engalanada de flores, vindas do littoral mediterraneo. Na ante-vespera, o senhor de Ghiliac havia communicado ao sogro que chegariam na manhã seguinte, de Cannes, dois dos seus jardineiros com as flores necessarias para a ornamentação do santuario, do qual trabalho elles se encarregariam. Era o unico luxo dessa cerimonia, — e que bello que eram essas flores, delicadamente brancas, perfumadas, veando a decrepitude das paredes, cobrindo o altar, festonando o côro e descendo em rodentes guirlandas até o genuflexorio, onde se ajoelhava a joven desposada.

Mas Valderez não tinha olhos para nada. Com a cabeça entre as mãos, ella enviava ao céu o grito de angustia do seu coração desamparado. Que fazer? Si fosse realmente verdade? Si esse homem nada mais fosse que o frio *dilatante*, esposo e pai odioso, qual lho haviam revelado as palavras da senhora de Ghiliac!

— Sim, havia de ser verdade. Essa mulher, distincta e visivelmente intelligente, não se rebatcaria a invenções dessa ordem, principalmente contra seu filho. Demais, tudo era plausivel! Desde o primeiro dia, elle lhe dera o que pensar. Que frieza, quando de seu noivado! Como elle timbrava em lhe testemunhar a sua indifferença Temeira, provavelmente, que, tal como a primeira mulher, não lhe ganhasse Valderez demasiado affecto? E es-

sa mordacidade tão frequente, esses relampagos de indefinível ironia que lhe atravessavam o olhar? E... tudo, enfim, — tudo, até a sua attitude da véspera: primeiro, voltando á frieza primitiva; depois, á noite, tornando-se tão meigo, tão íntimo, durante esse curto instante em que Valdez, pela vez primeira, desde o seu noivado, sentira dentro em si uma sensação de íntima felicidade...

Estrémecou quando, ao erguer a cabeça, viu a seu lado Elias, de pé, braços cruzados.

O cura apparecia, precedido dos meninos do côro. No órgão, a filha do notario de San-Saviniano tocava um prelúdio, cujo tom grave se harmonizava com os tristes pensamentos de Valdez. Um perfume algo inebriante, exhalando-se de todas essas flores, invadia a pequena igreja. Valdez sentia tomar-lhe o cerebro um como atordoamento, parecendo-lhe que se lhe abria de antemão um caminho muito escuro, por onde ella ia entrar como uma cega...

— Meu Deus! meu Deus! Que devo fazer! rogava ella com todo o coração.

O cura começou a sua allocução. Valdez ouvia-o como num sonho, buscando entretanto o seu espirito ansioso apprehender uma palavra que a animasse em sua frsqueza...

«Deveis, senhor, amar a vossa esposa como Jesus Christo amou a sua Igreja. Sim, porque não? Pois não amou Jesus Christo a sua esposa mystica a ponto de se dar todo inteiro a ella? Não veio todos os dias por ella com terna solicitude? Não é ella para elle, superior a todas riquezas, mais bellas que as maravilhas accumuladas na terra e nos ceus pelo seu poder todo creador? Do mesmo modo, senhor, deveis amar aquella que se vai tornar deante de Deus a vossa companheira».

Quasi involuntariamente, erguuz Valdez os olhos para o senhor de Gailiac, que de cabeça alta, olhava attentamente o cura, sem que o gesto, calmo e sobranceiro, lhe delatasse a menor commoção. Provavelmente, estudava o romancista aquelle typo de padre rustico, sorrindo interiormente da ingenuidade do bom do homem que o conjurava a amar muito a esposa, amala com devotamento, amala, depois de Deus, acima de tudo o mais.

«E vós, minha filha, que deveis fazer sinão unir-vos ao vosso esposo, tal como a igreja ao seu Divino Chefel... Ser-lhe fiel nas peregrinações e nos revêses, assim na dor como na alegria! Amal-o de todo o coração, christamente, prompta sempre a tudo sacrificar-lhe, excepto no que toca com a salvação de vossa alma!...»

Amal-o! Mas, já agora ella não o ousaria! O receio de ser illudida, de não encontrar nelle sinão a fria dureza do psychologo e o bino do *dilettante*, paralyzal-a-ia sempre, por-lhe-ia no coração uma continua desconfiança. Oh! porque lhe dissera a senhora de Gailiac... Ella já se tinha esforçado tanto, por suas preces e graves reflexões, a preparar-se para os seus novos deveres, a defrontar com calma a obrigação de unir-se a esse esposo desconhecido! E agora ella não sabia o que fizesse, viravam-lhe o pobre cerebro ansioso a duvida e a angustia...

E, entretanto, si a senhora de Gailiac não lhe houvesse falado, ella não se teria entrado de tal desconfiança, antes, lhe teria entregado, muito simplesmente, o seu confiante e joven coração...

«Em que hei de crer? Em que?» dizia entre si a moça desvairada.

— Vamos, Valdez?

Era o senhor de Gailiac que, um tanto curvado, lhe murmurava estas palavras com voz em que havia algo de surpresa. Valdez estrémecou, vendo que, era chegado o momento de dirigir-se para o altar.

Deu machinalmente alguns passos, collocando-se ao lado de Elias. Parecia-lhe que tinha deante dos olhos uma nuvem; que as flores, as luzes lhe dançavam loucamente em derredor...

Arrancou-a desse estado de semi-inconsciencia a voz clara do senhor de Gailiac, respondendo um sim, breve e decidido, á pergunta do padre. Em seguida, perguntou o cura:

— Valdez de Noelare, acceltaes por vosso legitimo esposo Elias Gabriel Bernard de Rowey de Gailiac? Rainha na igreja o mais completo silencio. Valdez ouvia as pulsacões do proprio coração, que lhe saltava dentro da arca do peito. A angustia subia de posto, fazendo-a estremecer. Ergueu os olhos para o padre, que lhe leu nella uma cruciante interrogacão. A sua ovelhazinha implorava-lhe socorro. Porque?

Valdez sentiu que pousava sobre ella o olhar de Gailiac. Era geral a aniedade. Um momento mais, e todos se admirariam de semelhante hesitação...

Com voz quasi extincta, um pouco estrangulada, a moça pronunciou finalmente a palavra terrivel que a unia para sempre a Elias de Gailiac.

Consumado! Era já a marquez de Gailiac. Elias tomou-lhe a mão afim de lhe introduzir no dedo a aliança. Mas essa mãosinha, ardente agora, tremia tanto que elle teve de retomar-a por duas vezes para enfiar-lhe o anel.

Ni sacristia, todos notaram as feições descompostas da moça, e quando esta, pelo braço do senhor de Gailiac, descia a estreita nave, os murmurios: «Que lindo par!» foram seguidos dasloutro: «Como está pallida!»

Elias ajudou a subir a mulher para a sala, envolveu-a nas pelicas, e sentou-se-lhe ao lado. Durante o trajecto. muy curto aliás, da igreja aos Altos-Pinheiros, não trocaram palavra. Valdez voltara um pouco a cabeça para fugir o olhar que sentia passar sobre elle, prescrutador e surpreso. E o coração batia-lhe cada vez mais descompassado!

## IX

Valdez devia lembrar-se, por toda a sua vida, desse almoço de nupcias. Em quanto todo o seu ser moral se partia de angustia, que crescia de minuto a minuto, cumpria-lhe conversar, sorrir e servir de alvo a todos os olhares a todas as attentões. Sentia-se ao cabo de forças quando, terminada a refeição, os convivas se levantaram para deixar a sala.

O senhor de Gailiac inclinou-se para ella:

— E' tempo de ir preparar-se para a partida, Valdez, disse elle a meia voz.

Incapaz de pronunciar uma palavra, pois a garganta se lhe cerrara subito, a moça inclinou afirmativamente a cabeça. Em seguida, sahindo da sala, ganhou o parlatorio.

Oh! ver-se afinal só, longa de todos, longe: *della* principalmente, cuja attentão, durante todo o almoço, não se desviara della! Poder enfim reflectir... e dizer a si mesma que procedera mal, que cometera uma falta...

Pois não seria uma falta o ter dito «sim», quando nesse mesmo instante se apoderara della um incoercivel terror, no mesmo tempo que a duvida atroz do abismo moral existente entre ella e o noivo se lhe implantava victoriosamente no espirito?

Ella havia cedido a uma especie de hallucinação, duvida á presença de todos os que se achavam na igreja, ao temor do effeito que produziria a sua resposta negativa, á idéa da terrivel coiera do pai e de todas as consequencias de semelhante acto...

Havia dito «sim», e com esta palavra, promettera facilmente de amar o marido. Devia, pois, amal-o, apesar de tudo, como quer que elle fosse. Mas como o conseguiria, agora, com essa desconfiança, esse terror cravado no coração?

Na sala contigua, cuja porta ficara aberta, uns passos firmes e macios fizeram estalar o assoalho. Valdez sentiu um calafrio de horror á vista da sombra masculina que se lhe deparou.

Um movimento instinctivo, recuou até o mais profundo do vão da janella, onde ficou de pé.

O senhor de Gailiac estacou por um momento. A physionomia contrahiu-se-lhe ligeiramente. Em seguida, avançou para a esposa, dizendo-lhe num tom de fria ironia:

— Dir-se-ia, realmente, Valdez, que lhe eu produzo o effeito de um papão! Poderia saber a razão desse phenomeno?

Agora, um ardente rubor substituiu nas faces da moça a pallidez que a descórava ainda ha pouco. Sen-

tiu invadir-lhe o cerebro sobrecitado, latejante de angustia e de duvida, uma como hallucinacão. Num arrebato de sinceridade, a menina murmurou com voz tremula:

— Commetti uma falta... Compreendo que andei mal cedendo á pressão de meus pais, parquanta o senhor; mas me inspira terror e nenkuma sympathy. Ainda ha pouco, ao ouvir o nosso cura falar dos deveres da esposa christã, eu senti que jamais poderia... com o senhor...

Não ousava encarar-o, mas falava interpidamente, dizendo a si mesma que devia, com toda a liberdade, fazer-lhe conhecer os seus sentimentos.

— Ah! são esses escrupulosinhos de menina piedosa e que a atormenta?... Porque esse bom padre lhe disse que era preciso amar seu marido e você sente-se incapaz de cumprir esse dever? Tranquillize-se, menina. eu não sou tão exigente como elle, e já que você não me dá a honra de conceder-me a sua sympathy, eu lha dispenso, creia-me, sem que eu veja nisso um crime de sua parte.

Dizia estas palavras num tom de sarcasmo, que sublinhava ainda mais a desenvoltura ironica dessa declaração.

Valderez sentiu correr-lhe nas veias um arrepio de gelo. Erguendo os olhos, encontrou um olhar, cuja expressão, muito de zombaria, de irritação, e desafio sobranceiro, era difficil definir.

— O senhor tem uma idéa original do casamento! exclamou Valderez, esforçando-se para não tremer a voz.

— Perdão, não se trata da minha pessoa! A menina fez-me a confissão — muito pouco gentil, seja dito entre parentheses, — da repulsa que lhe eu inspiro. Ora, pois! a sabedoria ordena-me que lhe responda como o fiz! Quero crer que a menina não pensaria que, com essa revelação, me levaria ao desespero...

Oh! não, ella não havia tido jamais semelhante idéa pobre Valderez! Mas tambem estava longe de imaginar essa ironia glacial depois das palavras e daquelle olhar da vespera.

— ... E quanto ao modo por que comprehendo o casamento, eu não sei si elle vale menos que o de uma menina que consente que a constrajam a desposar um homem a quem sabe não poder supportar, e que só depois da cerimonia é que dá conta ao marido dos seus verdaderos sentimentos.

— Senhor!

A tez mate de Elias cobriu-se de um leve rubor.

— Peço-lha perdão si a offendi, mas foi a menina quem acabou de confessar-me...

— Que havia levado muito longe a obediencia filial. E' que eu esperava então que, entre nós, nascesse a sympathy, e estava resolvida, acredite-me, a cumprir fielmente os meus deveres. Mas comprehendi, ainda agora, que fizera mal assim pensando, pois eu nunca poderia...

— Um pouco tarde, não lhe parece? A coisa consumou-se já, não podemos voltar atrás... a menos que requeramos a annullação deste casamento... forçado.

— Oh! sim, sim!

A exclamação foi espontanea. Uma ruga de ironia franziu os labios do senhor de Ghilliac.

— E será a menina bastante heroica para considerar, sem tremer, no que seria a sua vida aqui, depois de uma ruptura desse genero?

Baixando os longos cilijs deitados, como para esconder o olhar doloroso, a moça murmurou num tom de Indescriptivel sofrimento:

— Oh! eu preferia soffrer tudo em vez de ter de pronunciar, como ha pouco, essa palavra que nos unia para toda a vida!

O senhor de Ghilliac recuou alguns passos, ao mesmo tempo que a physionomia se lhe tornava rigida e os olhos de tal modo sombrios que pareciam quasi negros.

— Deante de uma tão declarada antipathia, o meu dever de cavalheiro é curvar-me e respeitá-la, disse elle, frio, glacial. Mas o que não desejo absolutamente é uma ruptura escandalosa. A menina continuará a ser, aos olhos de toda a gente, a marquezita de Ghilliac, posto que, na realidade, vivamos separados, conservando cada

qual a sua independencia. Vou ter a honra de acompanhá-la a Arneñas onde, espero, a menina haverá por bem, consoante as nossas convenções, occupar-se de Guillermina. Agora, permitta-me que lhe lembre, não temos mais que um quarto de hora para deixarmos os Altos-Pinheiros.

— Oh! deixe-me aqui ficar... Isto será muito mais logico, imprecon Valderez, com a voz alterada.

— Será mister que lhe recorde o preceito: «A mulher deve seguir o marido»? Libertó-a de todas as obrigações que a menina julgue ter para commigo, menos dessa.

A moça deu um passo para elle e, de mãos postas, com um olhar de dolorosa supplica:

— Peço-lhe, deixe-me aqui ficar!

Elias desviou os olhos, replicando friamente:

— Neste ponto a minha resolução é inabalavel. Tenha a bondade, menina, de ir mudar essa toilette, em quanto eu a espero no salão.

E foi-lhe abrir a porta. Valderez retirou do parlatorio, dirigindo-se para a escada. Mas, quando ia a sahir, teve de parar porque as pernas lhe vergaram.

Uma mão pousou-lhe sobre o hombro e a voz de seu irmão Orlando murmurou-lhe:

— Que tens, Valderez?

— Nada. Apenas um pouco de cansaço, meu querido irmão.

— Agora, quando tornaremos a ver-te, minha Valderez? Consentirá o senhor de Ghilliac que nos visites a miude?

Contemplava-a com ternura. Era o irmão predilecto, porque as suas naturezas, igualmente delicadas e rectas, sempre se haviam comprehendido.

— Reza por mim, meu Orlando! murmurou Valderez, voltando o rosto e subindo apressadamente as escadarias, pois temia a suffocação dos soluços, e ella não queria que os entes por quem se sacrificava lhe adivinhassem o soffrimento.

Sabia agora que, sobre um ponto, pelo menos, a senhora de Ghilliac falaria verdade: Elias nada mais era que um frio egoista, desprovido de coração. Nem ella podia ignorar — pois que elle lho fizera comprehender o mais claramente possível — a Ghilliac muito pouco se lhe dava do affecto de sua mulher. Oh! quanto não serão preferiveis, ao eavez desse sarcasmo delicado, dessa ironia glacial, as rebatinhas da coiera do marido!

E bastaria, entretanto, uma palavra, — uma palavra só, dita com alguma meiguice ou indulgencia á pobre moça, que francamente se fazia cargo de um erro, — porque se dissipasse toda a duvida, desapparecesse todo o receio.

Mas, agora!

Valderez despia-se e vestia-se machinalmente. Ao terminar, passou um demorado olhar em redor, por todo esse velho quarto mobiliado estritamente com o indispensavel, quasi pobre, onde messes ultimos annos a haviam salteado tantos cuidados, mas onde nunca conhecera um soffrimento como o que aquelle instante a acabrunhava. Cahi em joelhos deante do crucifixo suspenso da parede, por cima do leito, e exorou, juntando as mãos: — Meu Deus, si commetti um peccado, tende piedade de mim, attente a minha inexperiencia, e soccorrei-me neste novo caminho que hoje se abre á minha vida!

— Está prompta! Valderez? O senhor de Ghilliac está á tua espera e diz que é tempo de partir, gritou de fóra e voz de Martha.

— Sim, meu anjo, estou prompta.

Oh! esse momento da partida! Hontem, á noite, ainda lhe parecerá menos doloroso. Mas hoje!...

Final, despediu-se de todos, amordaçando a dôr que lhe apertava o coração, e prometiendo de escrever sempre, sempre...

— E virás ver-nos de quando em quando, Valderez?... O senhor lhe dará licença para isso, não é verdade, Elias? perguntou ansiosa a senhora de Noçiare, attentando na physionomia descomposta da moça.

(Continúa no proximo numero).

# Consultorio Medico gratuito DA "REVISTA FEMININA"

Sempre dispostos a melhorar cada vez mais a nossa revista e no intuito de sermos, quanto possível, uteis ás nossas gentis leitoras e assignantes, acabamos de confiar a um competente filho de Esculapio, esta nova secção, que, estamos certos, irá prestar grandes beneficios, não somente ás nossas innumeradas leitoras e assignantes, como a toda a humanidade sofredora.

De facto, com toda a boa vontade e conscienciosamente, por esta secção, responderemos á mais simples pergunta sobre qualquer molestia e seu tratamento seguro, podendo as nossas leitoras, por intermedio della, socorrer e prestar optimos serviços a todas as pessoas de suas relações, pobres ou ricas, bastando apenas dirigir a consulta com um pseudonymo, em se tratando de molestias facéis de diagnosticar e receitar ou indicar um medicamento segunho por esta secção para ser immediatamente atendida.

No caso de gravidade, desde que as consultantes enviem o endereço todo e a nota *Resposta urgente por carta*, attenderemos immediatamente pelo primeiro correio, sem mais despeza para a consultante.

Em se tratando de molestias graves e secretas, e querendo assignar a consulta, responderemos por carta, guardando o maximo sigillo e discreção, uma vez que venha espessa a indicação *Resposta por carta*, e se forneça o endereço, claro e certo, para resposta pelo correio.

O redactor desta secção, que está destinada a grande successo entre todas as familias onde nossa revista chegar ou for conhecida, assignar-se-á apenas Dr. Jobenfi, e responderá claramente a toda e qualquer consulta sobre qualquer doença, indicando o medicamento apropriado e respectivo tratamento, mas previne que, toda a vez que, por dever de consciencia, não possa receitar ou diagnosticar de longe, indicará ou aconselhará o doente a fazer-se examinar por um medico, ou pedirá mais detalhes para melhor acerto da molestia. Quando o pedido desses detalhes, necessarios muitas vezes para diagnosticar uma simples dor de cabeça, forem urgentes, pedirá-as á por carta, por ser a nossa revista mensal e poder chegar a tempo de indicar o medicamento por esta secção, ou, sempre que seja caso urgente, por carta mesmo, repetindo no entanto a resposta pela revista afim de beneficiar outras leitoras.

Quando as consultas vierem assignadas com o proprio nome, a resposta será dada unicamente com as iniciaes: Exemplo: SENHORA I. R. P. — Campinas, etc.

Quando o medicamento indicado por esta secção não seja encontrado na localidade ou visinhança onde reside a consultante, esta secção poderá se incumbir de comprar aqui e fazer a remessa pelo correio ou encomenda, sempre que se envie a importancia sufficiente para o custo e porte.

Facilitaremos as nossas assignantes e leitoras, dessa forma, sem lucro algum, juntando factura da pharmacia ou drogaria onde for encontrado o medicamento e outros documentos que justifiquem as despezas apresentadas.

Todas as consultas devem vir separadas de qualquer outro assumpto, referente a outras secções da revista e no envelope, o seguinte endereço: SR. REDACTOR DO CONSULTORIO MEDICO GRATUITO DA "REVISTA FEMININA" — PRAÇA ANTONIO PRADO — PALACETE BRICCOLA — SÃO PAULO.

As indicações acima alludidas de: *Resposta urgente por carta* ou *Resposta confidencial*, devem vir a margem da propria carta-consulta.

Prestaremos todas as informações possiveis ás nossas leitoras e assignantes e estaremos sempre ás suas precadas ordens, devendo para o bom resultado ir-nos communicando, seguidamente a marcha da molestia, mesmo em caso de melhora, mas muito sensiveis, afim de podermos, quando for preciso indicar as modificações necessarias no tratamento, para completar a cura.

DO PROXIMO NUMERO EM DEANTE, POIS, DAREMOS INICIO AS RESPOSTAS AS CONSULTAS QUE NOS FOREM DIRIGIDAS.



## Colleção da "Revista Feminina"

Já se acha á venda, nesta redacção, pelo preço de 25\$000, a colleção da nossa revista referente ao anno de 1919. É um grosso volume, elegantissimamente encadernado em peralino, em diversas cores, e com dízeres dourados no lombo. As familias que, por desleixo ou inadvertencia, deixaram de assignar a nossa revista, não deve perder a oportunidade de adquirir, encadernada, toda a colleção. É uma obra preciosa, cheia de mais interessante materia e é, ao mesmo tempo, uma obra de luxo que servirá de ornato para uma sala de visita ou gabinete.

# PERFIL DA MULHER BRASILEIRA

POR A. AUSTREGESILLO

(Continuação do numero precedente)

« Desconhecida esposa de ignorado soldado, Maria Barbara, que tantas provas havia dado do seu amor conjugal, foi assassinada covarde, fria e cruelmente junto á Fonte de Marco, não longe da cidade de Belém, capital do Pará, pela mão homicida que embalde pretendeu manchar a sua castidade ».

Escolheu a ruivete esposa a morte á deshonra, e as glórias sebrías desta ultima, aos gozos carnaes de um rescalitante seductor, que a degolou facinorosamente para desalterar-se da sede de amor e sangue humano.

Sobre a sua sepultura, o poeta amazonense, Bento Teixeira, escreveu o bello e inspirado soneto que não me posso furtar de transcrever:

« Se acate aqui te pares, caminhante,  
Meu frio corpo, já cadaver feito,  
Leva piedoso com sentido apesita  
Esta nova ao esposo afflicto, errante... »

Diz-lhe como do ferro penetrante  
Me viste por fel cravado o peito,  
Lacerado, insupto e já sujeito  
O tronco feio ao corvo alvitolante;

Que de um menstro inhumano  
A mão cruel me trata desta sorte,  
Porem, que allivio busque á der amara.

Lembrando-se que teve um consorte,  
Que por heura da fé que lhe jurara,  
A' mancha conjugal prefere a morte ».

Damiana da Cunha, a mulher missionaria, a soberana dos Cisipós, "a neta do cacique" como lhe chamavam as seus contemporaneas, trouxe para a civilização brasileira, escudada na fé e na religião, alto dizeiro moral na formação das gerações colonias.

Atribuindo a D. Damiana a honra de descobrir a terra dos Cisipós, a tribu indigena dos Caripós ou dos Indios Caradés, ciosa de predominio do luxuoso sertão, pelos luzo-brasileiros, e revelada contra a conquista aventureira e gloriosa dos paulistas, não via com boa, senão com máes olhos, a infiltração civilizadora das bandeiras da Paulista, e jurou guerra de exterminio aos conquistadores.

Quiz o governador, nessas conjunções, por meios brandes e suaves, trazel-as á vida social civilizada. O soldado Luiz, que out' ora se incorporara aos bandeirantes, foi designado para a missão pacificadora, e com cincoenta goiazes e tres indios, sahio a cumprir os degnitos da expedição. O exito em geral foi bom.

Um dos chefes Cisipós e sua filha, facilmente se adaptaram á vida social dos catechizadores.

A neta do cacique residiu depois no meio dos brasileiros, tomou o nome de Damiana da Cunha, casouse com um militar, e viu sempre sob a égide do christianismo, ensinando, educando, purificando a alma des seus eguaes.

Os historiadorez referem que Damiana da Cunha fôra dotada de intelligencia viva e nobres qualidades de espirito; e a saffredade moral empeles destinos de suas irmãs de raça, prescouz couduzir ao caminho da fé e do trabalho regular e honesto. Com a energia des predilectas, venceu o coração selvícola, pois trouxe á religião grande numero de indigenas irrequietes e insubmissos da altiva aldeia dos Coroados.

Em 1608 arrebastou ao aprisco civilizado setenta e tantos indios que se converteram ao christianismo, vindos dos sertões de Araguaia.

Nesta occasão, recebeu a visita do grande Saint Hilaire, que ácerca da mesma, registrou em sua obra: "Avant de quitter San José je suis allé rendre visite, avec le Caporal commandant á la personne, de toute l'áldes pour laquelle les Cayapós avaient le plus grande consideration; c' éloit une femme de leur nation que l'on appelloit D. Damiana".

Ainda em 1828 fez nova excursão de sete luezas, entre perigrinações, fadiga e traçoz convertidos cento e dez terrícolas sertanejos, que entraram santissimos no templo da aldeola da Massamedes e que receberam das mãos de vigario Manoel Camello Pinto, o baptismo christão.

Empreheendeu, por fim, a heroína sertaneja a terceira bandeira pacificadora, a mais difficil, a mais ardua, a 24 de maio de 1830. Já enão de volta, não era a mesma religiosa missionaria do corpo, apesar do forte, de animo; volveza deante; os elkes vivos de su-ti' ora perderam o brilho da energia, regressára triste, abstida physicamente, apoiada aos companheires, pois a decaça á empolgara. Cercada do carinho do luz, dezanado no coração dos habitantes de Mossamedes, a grande saudade dos benemeritas da humana vida.

Clara Camarão evoca a grandeta guerreira dos espirites femininos. Muitas damas pernambucanas, na incursão hollandeza, e durante a expulsão dos intromettidos aventureiros do "inferno alagado" se houveram com animo raro e forte. Clara Camarão, Maria de Souza deram o exemplo grandioso de quanto é capaz de actuar a idéa-sentimento.

Os feitos femininos durante o predominio hollandez desmortalizaram-se não só pela honestidade, complacencia estoica e resignação, como pela heroicidade pugnar.

No momento em que os ambiciosos neerlandezes, invadiam Tejuçupape, as destemidas pernambucanas, presentindo a ameaça aos esposos, pais e filhos, (ouvi o brado inconfundivel do coração) tomaram das armas e correram ao recanto amesqader.

Tres vezes agrediu o faminto inimigo e tres vezes foi rechazado pelo "varonilismo" feminino, que se defrendeu encarnaçadas mente, repelliu e expulso os audazes acomettedores. Quaes foram as heroínas? qual a mais notavel? O triumpho feminino foi anony-mo; a gloria, nesse feito, pertenceu ás pernambucanas em geral, porque a historia proporsionalmente esqueceu ou não apurou sequer um nome distincto; basta que se saiba que o coração feminino venceu a barbaria hollandeza no reducto de S. Lourenço!

Clara Camarão, porém, surge nitidamente, como a Joana d'Arc colonial brasileira; o seu typo moral e guerreiro é insequivel; e o sangue das tabas pernambucanas já possui o germen do heroismo antes de se fundir com a nymphá da civilização européa. Era o puro da terra nativa, do sólo ardente dos grandes heróes brasileiro-de antanho.

Ligara-se por nascimento ao grande guerreiro indigena carijó, D. Antonio Felipe Camarão.

Achava-se ella em Porto Calvo, onde o conde Esguolte acabava de fortificar-se, quando Nassau, á frente de pederoso corpo de armas, tentou a conquista da florecente villa. Clara teve a intuição da denzella de Dornery.

Empunhou das armas, contagiou de coragem as damas de Porto Calvo "que se desalentavam em gritos de terror", e, destemida, investiu contra os audazes usurpadores.

Este dia foi glorioso para Porto Calvo, para a historia pernambucana e para os factos nacionaes; infelicitante as armas foram desfortunadas para nós, e os luzo-brasileiros, exaustos, tocaram em retirada.

Apesar d'isto, ao lado do marido, chefiando o batalhão mulhêrtil, com os auxilios de Henrique Dias e os seus negros, que foram titans, Clara Felipe e Henrique, escoltaram as habitantes de Porto Calvo, para Magdalena, depois para Penedo, e enfim, para Sergipe, de onde partiram para a Bahia em 1634.

Com ser combatente de sangue, acompanyou, no dizer do historiador Damião de Fróes Perin, o merito em todas as luctas e guerrilhas, e logrou sempre grande quinhão nas victorias. Humilde companheira do bravo indio, não ausultou honrarías da Corte da Hespanha, ao tempo de Felipe IV (cujo dominio ia até ás colonias portuguezas), como o marido, que foi agraciado com o titulo de Dom.

Para nós guarda elle, symbolicamente, os titulos nobilarchicos da historia que o exaltou ao throno das semi-divindades humanas.

Ainda se não esgotou o denodo feminal brasileiro nas empresas colonizadoras da nossa historia. Durante a mesma invasão marioriana se salientou a coragem materna de Maria de Souza, sobrinha pernambucana e espartana nos feitos. Perdera o filho, e joven e afouto Estevan Velho, que combatera contra os hollandezes em Villa Fernand e no Rio Sarinhem; perdera o genro e dois filhes mais. O coração materno fochou-se ao der, para dar asas ao heroismo. Aconchegavam-lhe ao lar, ainda dois filhes: um de 13 e outro de 14 annos.

(Continúa no proximo numero)

## AS LUVAS

A moda, essa querida e detestada rainha, impondo, como soberana senhora dos nossos destinos, a sua tyrannica vontade, quasi aboliu o uso secular das luvas—envolucros, grosseiros ou delicados, das mãos finas e brancas das mulheres, para que estas, habilmente cuidadas pelas "manicuros", consteladas de pedrarias, melhor exerçam o seu poder de sedução.

Habitadas ao preceito dos antigos costumes que não admittiam ás senhoras sair de casa sem irem directamente enluvas, algumas elegantes, num gesto altivo de desobediencia, continuam a occultar severamente, na opacidade do estofo, o segredo das suas mãos, não recendo tornar-se tantigas.

Ardenente liberal desde que me alumia a luz serena da razão, não comprehendendo a subserviença e despotismos de nenhuma especie, nem outra realza, excepto a do arte, a da virtude e a do talento.

Por isso applaudo a desobediencia das senhoras a essa moda anti-democratica, creadora duma irritante desigualdade entre a mulher que trabalha, mutilando as suas pobres mãos e a ociosa que as poupa e resguarda de todos os perigos, para affrontar com a sua belleza criminosa, as santificadas no cumprimento das occupações quotidianas.

Ainda mais: As luvas têm a tradição nobiliarchica, impossivel de destruir por decretos ditoriaes. Ellas foram e são o symbolo da delicadeza, da distincção de linguagem e de maneiras. E assim dizemos: «Deu-lhe uma reprimenda de luva branca», «respondeu-lhe de luvas», significando que a pessoa citada nem em momentos de natural sobreexitação, perdeu a compostura,

À observar quasi diariamente a indisciplina, o desrespeito que por toda a parte hoje se nota, quer na familia, quer na sociedade e, mais lamentavel ainda, nas escolas, lembrei-me de pedir ás mães, que me têm, que desobedeçam unanimemente a moda e calcem 'luvas' nos seus filhos em pequeninos. «Luvas» que, á maneira

da tunica de Christo, acompanhem o desenvolvimento physico e intellectual dos donos e nunca estalem pelas costuras, nem percam a alvura immaculada das assas dos cysnes. Se é triste que modestos filhos de operarios não pratiquem com os seus mestres e condiscipulos as regras da boa cortesia, é desolador que estudantes aferrados ao passado, ufanando-se de conservadores, não conservem sequer os unicos pergaminhos indestructiveis pelos iconoclastas.

Os pergaminhos da nobreza antiga foram abolidos pelo senso commum, pela justiça divina e humana, por outorgarem privilegios a quem os não conquistára pelo seu valor pessoal. Os direitos da nobreza de hoje firmam-se em bases solidas e inabalaveis, porque cada individuo os conquista pelo seu proprio merito. Não se herdada, nem se legam, mas podem transmittir-se aos nossos, em vida, pela educação e pelo exemplo.

Por isso, minhas senhoras, não curemos de futilidades, attendemos num mal, ai de nós! já bem fundo, e que pôde tornar-se irremediavel e mortal.

«Enluvamos» os filhos do nosso amor, advertindo-os da verdade tão

simples, tão subtil, dos versos francezes:

Les gants sont aussi utiles.  
Après des petits et des grades;  
Leurs faveurs deviennent faciles  
Pour qui leur parle avec des gants

Emilia de Sousa Costa.

## EXPEDIENTE da Revista Feminina

Fundada por VIRGILINA DE SOUZA SALLES

Secretaria: AVELINA DE SOUZA SALLES

Redacção: PRAÇA ANTONIO PRADO (Palaeote Briccola) 2.º andar  
salas 1 - 3 e 5 - Telephone n. 5661 - Central

Correspondencia: Toda correspondencia sobre assumptos femininos, encomendas de trabalhos, etc., deve ser dirigida á secretaria AVELINA DE SOUZA SALLES. Toda correspondencia relativa á administração da Revista, pedidos de assignaturas, envio de vallos postaes etc., deve ser endereçada ao director JOAO SALLÉS.

ASSIGNATURA ANNUAL 150000.  
Assignatura annual com registro 200000  
Assignatura para o estrangeiro 300000

As assignaturas podem comecar em qualquer mes, terminando um anno depois, no mes correspondente.

Toda senhora que nos arranjar 10 assignaturas de uma só vez, terá uma assignatura gratis.

Atentamos ás senhoras assignantes cujas assignaturas terminam neste mes, que devessem mandar reformulas quanto antes, evitando assim que lhes seja suspensa a remessa da REVISTA.

### SUCCURSAES:

RECIFE: a cargo do Sr. João Uchoa, rua Martins Junior, 91, com poderes especiais para representar a Revista, angariar assignaturas, contractar annuncios, publicações photographicas, reportagens etc., com jurisdicção nos Estados de Pernambuco, Alagoas e Parahyba.

RIO GRANDE DO NORTE: a cargo do Sr. José Gomes, em Natal & rua Dr. Barata N. 27, sebrado, com poderes especiais para representar a Revista, angariar assignaturas, contractar annuncios, publicações, etc., etc.

RIO GRANDE DO SUL: a cargo dos Srs. Fernandes da Cunha Junior & Filho, em Porto Alegre, rua Voluntarios da Patria n. 383, com poderes especiais para representar a Revista, angariar assignaturas, contractar annuncios, publicações, etc., etc.

### AGENCIAS:

Para angariar assignaturas e vender avulso:

- Estado do Ceará — Fortaleza — Luiz Severiano Ribeiro
- > de Sta. Catharina — Florianopolis — Gil Amadeu Beck
- > de S. Paulo — Campinas — P. Genoud
- > de S. Paulo — Ribeirão Preto — José Selles
- > Matto Grosso — Cerumba — João Antonio Esteves
- Rio de Janeiro — Brax Lauria — rua Gonçalves Dias, 78
- Est. de Minas — Belle Horizonte — Giscomo Alileto & Irms
- Est. de Pará — Capital — Ag. Martins — Trav. Campos Salles, 15
- > Amazonas — Manaus — Jm. F. Ceucillo — Henr. Dias, 23
- > Paraná — Curitiba — J. Constantino & C. — rua 15 Nov. 66
- > Bahia — Capital — Livraria Cattilina — Stos. Dumont 6
- Niteroy — Caadida Duarte Ribeiro — rua Vis. de Sepetiba, 333

Atentamos aos nossos dignos assignantes de Recife, Parahyba e Alagoas que as suas reclamações devessem ser dirigidas ao Sr. João Uchoa, Director da Succursal em Recife, á rua Martins Junior 91.

A Direcção.

## Nossa edição de Natal

Não nos surpreendeu o extraordinário êxito que obteve o numero de Dezembro, dedicado ao Natal, composto de cem paginas em magnifico papel glacé e de mais de quatrocentas gravuras, algumas a cores, trichromia e chromos.

A despeito do preço de 4\$000 que marcamos em cada exemplar, para compensar o avultado dispêndio que a edição acarretou, os numeros destinados á venda avulsa exgotaram-se nos primeiros dias. E a edição, como já dissemos, foi grande, e nunca, até agora, atingida por nenhuma publicação congenerê em nosso paiz.

Dado o alto preço do papel, de todos os elementos que são precisos para a confecção de uma edição de luxo, como a que apresentamos ao publico, e da sua enorme tiragem, ninguém nos arguirá de exaggero se affirmarmos que gastamos nessa edição muitas dezenas de contos de réis. Como no Natal de 1918, expuzemos na praça Antonio Prado que é o sitio mais central desta cidade, a nossa edição toda, empilhada em columnas, que occupou grande parte da praça. A melhor réclame que pudemos fazer da *Revista Feminina*, foi expor á apreciação do publico a sua tiragem. O publico de S. Paulo, apesar da sua notoria indifferença por tudo que é réclame, rodeou a nossa exposição, verificou de perto a enormidade da tiragem e fez os mais entusiasticos commentarios áquellas pilhas de exemplares cujo peso valia por varias toneladas.

Já se vê que não lançamos mão desse genero de propaganda para forçar a attenção e a curiosidade das nossas leitoras. Estes, conhecendo a *Revista Feminina*, habituadas á sua leitura, encontrando nella, mais do que em qualquer outra publicação congenerê, os mais fartos e curiosos elementos de cultura, dispensam a propaganda que della temos feito. Ao expor ao publico o peso da nossa tiragem, o fizemos menos por vaidade que por prazer do esforço realzado. Pessoas haverá que descobrirão em nosso gesto intuitos de vaidade. Mas o prazer de um esforço realzado merece tambem um pouco de expansão... Ao mostrar, pois, num sitio populoso da capital a nossa edição do Natal, que, seja dito de passagem, foi tão avultada como qualquer das nossas edições comuns, não fizemos outra coisa senão expandir-nos. Seja-nos perdoada essa fraqueza, se é de facto fraqueza dar uma prova publica daquillo que se afirma.

Era nosso intuito illustrar esta noticia com uma photographia da nossa exposição, tal como fizemos com a edição do Natal antecedente. Não pudemos, porém, satisfazer a curiosidade das pessoas que se interessam pela nossa revista, porque no dia em que estiveram expostos os exemplares, o tempo não se mostrou propicio e não nos foi possivel obter uma boa photographia.

A imprensa do paiz acolheu a nossa edição com louvores sinceros e entusiasticos. Seja-nos permitido destacar, dentre tantas noticias, algumas apenas, no tom das quaes se afinaram todas as outras.

Eis como o «Jornal do Commercio», edição de S. Paulo, nos acolheu:

A «Revista Feminina», publicação das melhores do Brasil, onde tem o seu nome feito, acaba de pôr em circulação o seu numero de Natal.

Como todos os annos, a direcção da «Revista» organza para Dezembro uma edição especial, que constitue sempre um magnifico presente de fim de anno ás senhoras paulistas.

De successo em successo melhoradas cada vez mais as edições de todos os mezes, a de Natal tambem não o podia deixar de ser, e, assim, o numero de hoje e agora nos foi enviado um fasciculo, esquisito e que do melhor, de mais esmerada factura tem sahida da redacção e officina da acreditada revista.

Em cerca de cem paginas do mais fino papel, reunio a direcção da «Revista» materia excellente, que, artisticamente disposta entre illustrações e vihetas bem feitas, dá ao fasciculo um aspecto attractante, já denunciado pela capa que é um bello quadro de Oscar Pereira da Silva.

Na sua chronica mensal a brilhante escriptora Anna Rita Mathieiros trata do papel das brasileiras diante da campanha nacionalista, hema que versa com abundancia de conselhos elevados.

Seguem-se paginas bellissimas em que vem trabalhos de Olavo Bilac, Coelho Netto, Afranio Peixoto, Austregesillo, Luiz Guimarães Filho, Oscar Lopes, Menotti del Picchia, Luiz Carlos, Francisco Caspar, Ruyundo Ruiz, René Thiblier, Paulo de Thaan, Marilda Paiva, Condessa Pardo Bazan, Constante D'Arcy Mackay, Palmyra Wanderley e outros.

Além disso, que bastaria para a organisação de um volume excellento, e o numero de Natal traz cousas que muito de perto interessam ás senhoras, mais de que trechos literarios. Estão no caso os artigos sobre a gymnastica para a mulher, sobre a confecção de presentes para Azoa Bem, sobre a esthetica das mesas, sobre enfiadas domesticas e outros, que são conselhos magnificos ás leitoras. Acresce ainda mais que, em supplemento, vêm bellas modelas para bordadas e rendas, com fallar da seççõ de modas, que é assaz desenvolvida.

Em summa, o numero de Natal da «Revista Feminina» está que não se pôde desejar melhor. Tudo nelle é bom, util, interessante e artistico, provando sobejante o progresso sempre crescente em que vai a publicação, cujas directorias hoje se podem ufanar de terem feito um trabalho sob todos os pontos mercedores de encomios. Aliás, isso já está de ha muito sabido, pois em todos os numeros espalhados por todos os recantos do paiz, onde se encontram as suas innumeraveis leitoras, têm ficado patente o cuidado que preside á sua feitura.

São do «Jornal do Commercio», edição do Rio, estas expressões:

*Revista Feminina* — A «Revista Feminina», de S. Paulo, numero de Natal, tem 200 e tantas paginas e perto de 500 illustrações. É um magnifico numero e que acaba de publicar o elegante mensario das senhoras paulistas, com elle entra no seu 7.º anno de existencia, sendo hoje sua circulação muito extensa. Pôde-se affirmar que com o seu numero de Natal a «Revista Feminina» marcou uma data na historia de nosso periodismo, tão bem feito e tão cuidadosamente redigido é elle, figurando em sua parte litteraria a collaboração de Coelho Netto, Afranio Peixoto, Austregesillo, Anna Rita Malheiros, a vibrante chronista feminista, Menotti del Picchia, e muitos outros. Além da parte litteraria, muito copiosa, ha uma parte extensa que especialmente interessa ás senhoras, com seçções de modas, tres triplicos de modelas de filés e trabalhos, um censo a reproducção do celebre «Aurora», de Guido Reali, costura illustrada, e «cena» de meu marido, theatro infantil e de sandoras (paga), modelas de ornateamento domesticas, artigos de educação, hygiene, etc. E, em conclusão, mais uma victoria, e grande, que alcançam as nossas collegas da «Revista Feminina», que mereceu de 1.º Congresso Brasileiro de Jornalistas ser classificada como uma publicação modelo.»

O «Correio da Manhã», do Rio, noticiando a nossa edição, referiu-se a ella com estas palavras:

Temos sobre nossa mesa o lindo numero de Natal da *Revista Feminina*, de S. Paulo, a elegante e bem feita publicação das senhoras paulistas e que mereceu do cardal Arocaudite um autographo, no qual é recommendada, pela elevação de seus conceitos, e que o 1.º Congresso Brasileiro de Jornalistas considerou um modelo digno de imitação, tendo a Associação Brasileira de Imprensa inaugurado, por essa occasião, em sua galeria de honra, o retrato da sr. Virgínia de Souza Salles, fundadora daquella publicação. O presente numero de Natal é um dos mais bem feitos que tem apparecido no Brasil. Desde a bellissima trichromia da capa até a menor das centenas de illustrações que adornam suas duzentas e tantas paginas de texto, é, positivamente, um verdadeiro successo jornalístico. Collaboração escolhidissima de Coelho Netto, Afranio Peixoto, Austregesillo, Claudie de Souza e outros escriptores. A parte feminina compõe-se de tres grandes triplicos com modelas de filés, de bordadas e de roupa branca, muitas paginas de moda, de artigos domesticos, de cozinha, educação, enfiadas para casa e uma variedade muito grande de assumptos, que faz do presente numero da *Revista Feminina*, de S. Paulo, um lindo presente de Natal.

Palavras do «Correio Paulistano»:

Hontem, em frente á nossa redacção, na praça Antonio Prado, foi exposta a edição da «Revista Feminina», numero especial, que aquelle importante «magazine», como de costume, dedica ao Natal.

## REVISTA FEMININA

A pilha colossal de revistas chamou a atenção do publico, que enchia a praça. Não era para menos.

São poucas as publicações congêneres, no país, que até hoje têm tido uma expansão tão grande como a «Revista Feminina».

Constitue ella um verdadeiro triumpho de periodismo nacional. Pelo que vimos, esta edição bateu o «record»; tres enormes camións foram necessarios para transportar aquellas infundáveis remas de exemplares, que foram amontoadas em pleno coração da cidade.

Neste tempo em que o preço do papel é quasi prohibitivo, não deixa de causar pasmo e esforço dos directores dessa publicação victoriosa.

Para nós, que batalhamos a mesma batalha, é agradavel constatar esse triumpho da nossa brilhante collega. Ella, porém, faz juxta e acceitação crescente que tem e tem tido, porquanto, quer materialmente, quer como expressão da nossa cultura, é uma das revistas mais bem feitas do país.

### Do «Mundo Brasileiro», do Rio:

A «Revista Feminina», a excellente publicação das senheras paulistas, fundada pela saudosa escriptora Virgínia de Souza Salles, e que ora entra no seu setimo anno de existencia, acaba de publicar o seu numero de Natal que é uma verdadeira maravilha.

Desde a linda trichomia da capa até suas menores illustrações, mais de duzentas paginas, e de alguns centenares de esplendidas gravuras — o presente numero da «Revista Feminina», de S. Paulo, pôde ser considerado como uma das mais perfectas, das mais artisticas, e das mais bem collaboradas publicações que se têm feito no Brasil, e é attestado mais evidente do que podemos esperar da intellectualidade feminina no Brasil. Não fazemos méro e banal elogio, senão justiça inteira.

Collaboraram no numero de Natal os seguintes escriptores: Coelho Netto, Afranio Peixoto, Amadeu Amaral, Austregesilo, da Academia Brasileira, Menotti del Picheta, Claudio de Souza, Oscar Lopes, Paulo de Thome, Anna Rita Malheiros, que assigna uma chronica sobre a renacionalização do Brasil. Além das innumeras gravuras, ha paginas de trabalhos femininos e diversas paginas triplicas de modelos de bordados, de rendas, de lindas monogrammas e de outros trabalhos femininos.

É em summa mais que um numero de revista: é um livro finamente illustrado e que constitue uma duradoura e util lembrança de Natal, e um rico presente. Nossos parabéns ás distinctas confrades de «Revista Feminina» que sem ruído e sem «reclame» estão realizando a maior obra feminina da America do Sul.

Esta revista é vendida, apenas, por 4\$000.

### Palavras do «Malho», do Rio:

É com grande prazer que registramos o magnifico successo que constituiu o numero de Natal da «Revista Feminina», de S. Paulo, que acaba de apparecer com mais de duzentas paginas e alguns centenares de magnificas illustrações, e que se pôde considerar como a melhor publicação que no genero se tem feito no Brasil. A «Revista Feminina», fundada por Virgínia de Souza Salles, cujo retrato ainda ha pouco a Associação de Imprensa desta capital collocou na sua galeria de honra, entra com este numero no seu 7.º anno de existencia. E não podia commemorar de maneira mais brilhante o seu anniversario do que fez com o numero de Natal, no qual, além da collaboração de Afranio Peixoto, Austregesilo, Coelho Netto, Amadeu Amaral, Menotti del Picheta, Claudio de Souza, Anna Rita Malheiros, traz um texto variadissimo, e paginas e paginas de trabalhos femininos, e alguns triplices em tamanho natural de rendas e bordados, sem liados e originaes modelos. A «Revista Feminina», que mereceu do cardinal Arcoverde uma calorosa recomen-

dação ás familias brasileiras, pôde ufana-se de, com o seu numero actual, ter conquistado mais um grande triumpho.

### Da «Platêa», de S. Paulo:

«Revista Feminina» — Já se acha á venda o numero de Natal da «Revista Feminina», o brilhante magazine que, de etapa em etapa, vem conquistado logar proeminente entre as publicações congêneres do Brasil.

O numero que temos á vista ultrapassou os que até hoje, desde o seu apparecimento, foram objecto de especial carinho dos seus readers. A sua capa, reprodução de um quadro do pintor Oscar Pereira da Silva, é o attestado magnifico do progresso a que chegam, no nosso país, as artes graphicas.

Nas suas paginas, encontrará o leitor variadas e escolhidas produções dos nossos mais consagrados escriptores e poetas, a par de bellas trichomias e nitidas photographias.

Não ha duvida, pois, que a «Revista Feminina» conseguiu um verdadeiro successo com o seu numero do Natal de 1920.

### Da «Capital», de S. Paulo:

Conforme tivemos occasião de dizer, recebemos o numero de Natal desta conceituada revista, editada na capital.

Não nos enganamos ao afirmarmos que nunca no Brasil se fez coisa semelhante e que não existe uma revista de tão uteis resultados para a Familia Brasileira.

Em suas columnas, como bem o demonstra o numero que temos á vista, só se encontram trabalhos caprichosamente escolhidos para a educação a mais completa da Mulher. Esses trabalhos fazem considerar a «Revista Feminina» um baluarte onde o bom senso, o criterio e a razão emanam scintillações correspondentes aos enormes esforços empregados pela saudosa d. Virgínia de Souza Salles, sua fundadora, além de datar a Mulher Brasileira com uma tribuna amerita, cheia de responsabilidades e de fecundos resultados educativos.

A confecção deste numero é que surprende pelo arrojé e admirar pela boa disposição e variedade de materia de texto. As gravuras, bem impressas, são de uma pitante actualidade. Não nos furtaremos de enviar nossas felicitações aos collegas por mais esse legitimo e merecido triumpho.

Para terminar, não resistimos ao prazer de publicar a carta que se segue, do maravilhoso poeta das «Ondas», Luiz Murat:

EXM. SRA. D. AVELINA DE SOUZA SALLES.

Peço a V. Exc., como Secretaria da Revista Feminina licença para accusar o recebimento do seu ultimo numero e, ao mesmo passo, agradecer a gentileza da offerta.

Não a julgava tão linda, tão artistica, tão admiravelmente facturada, sob todos os pontos de vista.

Já della me havia fallado o meu querido amigo Claudio de Souza, o qual, como V. Exc. bem sabe, em materia de litterativa e de arte, tem exigencias de consumado escriptor que é.

A «Revista», digo-o sem hesição, excede aos seus encomios, e, penso, nunca houve outra, no Brasil, que mais me satisfizesse, não só pelo gosto que revela de todo o seu empucto artistico, senão tambem pelos trabalhos litterarios que encerra.

Queira V. Exc. receber as minhas sinceras felicitações e transmitil-as ás suas illustres companheiras de redacção.

Ponho-me inteiramente ás ordens de V. Exc. no que lhe possa ser util, peço licença e subscrevo-me com a maxima distincção e respeito

Créd. atto. confrade.

Luiz Murat.

Rio, Dezembro de 1919.

# CEROTINA

Quem não conhece este admiravel creme brilhante para calçados deve usal-o e assim se convencerá rapidamente da sua excellencia e real utilidade.

Usae «CEROTINA» e o vosso calçado terá um brilho que fará inveja ao Sol.

Depósito geral: **CASA DO OTTO** Largo da Memoria 12 (Piques) — São Paulo

—; Importação e exportação de couros e artigos para sapateiros e selleiros. —;



## Temperos aromáticos

A salsa delta-se nos guisados sob a fôrma de um ramo ou capella que se tira na occasião em que aquelles vão ser servidos. Tambem se emprega picando-a, mas neste caso o seu uso deve ser mais limitado, porque o excesso é prejudicial. É necessario não confundir a salsa com a cicuta, que é um veneno e tem bastante semelhança com ella.

O cerefolio é preferivel á salsa, porque é mais agradável, aphez de ter quasi o mesmo gosto. No entanto, deve ser empregado com moderação, porque é tambem excitante.

O alho porro ou alho doce, que possui, em menor gráo, o sabor e as qualidades do alho ordinario, dá igualmente um gosto agradável á comida.

As cebolas empregam-se geralmente para dar ás sopas, aos molhos e aos guisados um sabor e perfume bastante agradaveis.

As cebolas assadas dão boa-côr ás ligurias.

## Caldo

Está provado, por experiencia, que, com uma grande porção de boa carne, se fará sempre máu caldo quando a elle não presidir a intelligencia e o cuidado.

Aphez de que a vitella, e carneliro, etc., podem fazer um caldo soffivel, é este usualmente tão branco e tão fraco que se torna mais proprio para pessoas convalescentes do que para as que gosam de boa saúde. A boa carne de vacca e sobretudo a alcatra é a melhor para fazer um caldo substancial. As tres cousas mais im-

## O MENU' DE MEU MARIDO

portantes a considerar para fazer um caldo succulento, são: 1.º — a escolha da carne sã, bem alimentada e de animal que não seja velho; 2.º — fazer ferver brandamente com igualdade constante; 3.º — conservar a vasilha cuidadosamente tapada.

Uma ebulição suave e lenta, dissolve perfeitamente todos os successos nutritivos contidos no interior da carne. Se a agua ferver de repente não terá tempo de penetrar e de a expurgar de certas particulas heterogeneas que saem sob a fôrma de espuma. A carne atacada por um calor violento contrahe-se, tem menos appareancia e não larga succo no caldo. Se, pelo contrario, depois de se haver posto a carne com agua fria, se deixar produzir a ebulição brandamente, aquella dilata-se e torna-se tenra; as suas fibras, dilatadas por um calor suave e gradual, dão á agua mais substancias nutritivas e purificam-se e completamente, produzindo grande quantidade de espuma, que haverá todo o cuidado em tirar, logo que appareça á superficie.

Finalmente, ter o cuidado de conservar a vasilha sempre tapada impede que o caldo se evapore e conserva-lhe todas as propriedades saborosas e substancias.

## Ovos nevados

Ferve-se numa cassarola meio litro de leite com um bocadinho de baunilhas e 60 grammas de assu-

car. Quebram-se 6 ovos bem frescos, ponham-se as gemmas de parte e batam-se as claras até ficarem em espuma.

Assim batidos, deitam-se ás colheiras no leite a ferver; ver-se-hão log' escurar, e quando estiverem cozidos de um lado, voltem-se do outro com uma espumadeira. Depois de escalados de ambos os lados, tirem-se com a espumadeira, escorram-se, e colloquem-se em pyramide num prato, longe do fogo. Desfaçam-se então as 6 gemmas dos ovos no leite da cassarola, mexa-se até que fique um pouco expesso, mas não se deixe ferver. Deite-se no prato e sirva-se frio.

Caldo feito em menos de uma hora, segundo o processo de Liebig

Para se fazer esse caldo dilua-se em 1 litro de agua 1 kilograma de carne de vacca, sem gordura, cortada em pequenos bocadinhos ou picada. Aqueça-se lentamente até produzir a ebulição. Tire-se então a espuma, deite-se-lhe sal, e no fim de alguns minutos de uma ligeira fervura, obtém-se um caldo mais aromático e mais forte do que seguindo os processos usuaes.

## Fidalius

É o melhor livro de cozinha que ha, dedicado ás mães de familia. Escripito numa linguagem simples, está ao alcance de qualquer intelligencia. Receitas preciosissimas e variadas. Pedidos a esta redacção. Preço 25000, incluido o registro pelo correio.

# VIDA FEMININA

## O feminismo brasileiro

*Não é preciso encarecer as linhas que se seguem sobre o movimento feminista brasileiro, pois suas ellas de Coelho Netto, o nosso grande romancista, como que nãem brasileiro de, sem lachas de mais colheita das ignominias, desconhecer e deixar de admirar. Sobre ser um dos espiritos mais fecundos de nossos escriptores, é Coelho Netto o genio mesmo da raça, com todos os seus impetos, todos os seus enthusiasmos, toda a sua impressionabilidade hyperbolica, e toda a sua riqueza de imaginação. Lendo as linhas que elle acaba de dedicar á causa feminista creste-nos justo orgulho, pois dia a dia vemos desfazerem-se os prejuizos e preconceitos que pesavam a acção da mulher brasileira. Vemos dissiparem-se as atarazais dos zotes, e elevarem-se as clamores dos bons espiritos que batem palmas á nossa acção. E quer-nos parecer que um dia se reconhecerá que alguma parcela deste resultado cabem a nós, a unica revista militante do feminismo brasileiro, e que ha seis annos, inintermittentemente, vem-se batendo por aquella ideal, que já os zaldos e os escriptas de pechúbeques não se atretem a chular, como hontem ornejavam, dando nome de vidúas ás mulheres e que se collocavam á frente deste movimento reconquista.*

O passado, a que me vou referir, não transcende tanto que para os acharmos, tenhamos de succorrer-nos da longa escada da chronologia, mais não do que o de Jacob; daqui mesmo, da era em que os achamos, poderemos vê-lo, ainda que aferrado de leve por oito lustros, nuvens tenues que apenas o escurteilam, sem empalliar.

Quarenta annos. Isso que monta! Nessa idade — e os que della trazeem o bello ainda pompêira juvenude em vigor — quem dissesse que encontraria donzella a sós na rua, ainda que tal contasse sua intenção maliciosa, denegaria indelevelmente uma repatação, fosse ella admettida como a da rigida Artemida. Rares, tambem, rarissimas, eram as senhoras que osuavam sahir a compras sem o marido, um filho ou porante respectavel.

Imagina! a cara que faria um aucto-rioso de esse periodo pectricheal se subisse que certa manina do seu nobremente empregar-se como escriptora de loja ou atrevesse a trabalhar em um banco, entre rapazes, recolhendo á casa desacompanhada, já com o linceo-fuso.

Tempos de simplicidade esses era que a moçallia, por atavio, empregava apenas o papetele, não osuando mostrar-se á janella durante o dia para que não vissem a cabeça de medusa e, a noite, não tinha liberdade de bater a cidade, com outras nem de ficar á janella depois do toque de Aragão, que puzha termo á lãpa ou ao lãpo, ao zero e ás historias do principis ecclesiasticos e aucto-rioso e chã com torcedora. A manina era um ser todo candura, frãgil e susceptivel, que se gura d'a vã vigilância nos appetos mais intimos da casa para que não chegassem aos ouvidos os sons languidos das serenatas perturbadoras. A vida original era sempre defendida por grades. O processo veia vindo lento, dando mais folga á prisioneira que poude, emfim, demorar-se á janella até mais tarde, apertando a lãda, lãdar depois no portão do jardim, com a muscama e o primo, e... Um dia — e não houve chronista que registasse a data memoravel — um pai mais confiante consentiu que a filha fosse sessinha á escola. No dia seguinte, com o atrevido exemplo, propoz-se outra á fazer compras... e lá se foram as tranças! Hoje... a nos, 2333 commercias, companhias.

escriptoriosão outros tantos ayados de abelhas femininas, a a mulher, suavemente, vai invadindo todos os departamentos do trabalho, desde as coizas até as cardadeiras das fabricas, nellas impondo-se pela intelligencia, pela tenacidade, pela graça, pela doçura, que não exclue a energia e, em breve, porque não vem longe o dia da equiparação dos valores humanos, voremos a vida, não mais levada apenas pelo esforço do homem, sempre contrariando, e tambem conduzida pelo sorriso da mulher, mais perseverante no vantado, mais resignada no soffrimento.

O carro da Victoria é igual ao d'aquelle ideal miliano que trilhou emagradamente sobre os seus fanaticos. Multas heroínas e martyres hão de perecer antes do triumpho que se annuncia proximo. E' para feitura a marcha das que avangam com os olhos fixos nesse ideal que as mais fortes se reúnem para auxillar as mais frãgas, umas que o hão por timidez, outras por ignorancia; estas por preconceitos, aquellas por descoroçoamento e grande número por miseria que as sustigula quando as não entrego, e, mais grefanhas dos astyros.

Para tornar realidade tão generoso programma fundou-se aqui, sem tambem, a «Associação Feminista» sob o patrocínio da Communidade de S. Vicente de Paula.

Funcionando, em começo, como escola de instrucção moral pratica foi o primeiro passo, desenvolvendo-se, torando-se verdadeira colmeia de trabalho alago, onde aprendem meninas, umas nascidas em berços de ouro, que nãem foram as contentas esoborçada da vida contemporãnea, outras ahiadas da mais extrema pobreza que, reunidas sob os auspizos de uma zelosa directora, salvaram-se e assim vivem com virtuoso conforto, não só mantendo-se como ainda sustentando o lar da familia, que nellas tem a nova proleada.

Essa «Associação», com os seus cursos de preparatorios, escripturação mercantil, dactylographia, côrte, costura, a desenho, vai, em breve, torar-se um diversorio da hygiene, de corpo e d'alma.

Quantas meninas que mostram no commercio, dispoendo de pouco tempo e de escasos recursos para alimentarem-se, fazem refeições ligeras em casa que não primam pela despenda, pondo-se em promiscuidade com a esumadã das ruas.

Para servir as jovens trabalhadoras vai a «Associação Feminista» inaugurar um restaurant com panes desde das até trinta mil réis mensas, exclusivamente para senhoras, servindo a sopa confortante ou um almooço sóbrio em um meio de mais rigorosa disciplina e do mais apurado escurpulo. E' levada ainda mais longe o seu beneficio inaugurando o «Dormitorio».

Alagando apontadas a 10 e 20 mil réis mensas darã á seus pensionistas o agalho assaado, defendendo-na de todos os perigos e das varias explorações que assediam a mulher.

Além dessa obra, já de si meritoria, será a «Associação» um porto do miserioorda para as que, desamparadas, perseguidas dos vicios que enxameam a cidade, apellam para um socorro que, infelizmente, não existe.

Quantas desgraçadas, das que por ahi andam em repulio, se teriam salvos se houvessem, na hora de seducção, encontrado uma porta que se lhes abrisse, caridoso!

A insomnia desvariã, a Fome faz de alcoveta e muitas vezes é o Desespero que arrasta a virgêa ao prostibulo.

Este abrigo de infelizes será a obra de piedade da «Associação Feminista». Para realisar-torã a sua instituidora do recorrer aos coraçoes, nos que, nestas linhas, faço o primeiro apello para que a senhores de Bom seja espolhiado nesto mez forãse do Natal, que é o tempo feliz em que as silmas se renova a esperança.

## Colheio Netto.

(Da Academia Brasileira)

### Pelo feminismo

*As mulheres, breve, terão o direito do voto*

O voto feminino, e com elle a participação directa da mulher na vida administrativa das nações, diz um jornal do Rio, é já agora uma victoria definitiva do civilisado. Um telegramma da Inglaterra trouxe-nos já a nova gratissima: não se limita a tradicionalista Inglaterra a seguir com a victoriosa tendencia politica moderna, dando á mulher o direito

do voto sem no entanto reconhecer-lhe o direito de ser votada para os cargos electivos. Se a isso se limitasse, ainda assim limitaria o gesto ás feministas femininas e emfim, e reconhece a legitimidade da candidatura de uma mulher Lady Astor — ao Parlamento Britânico!

Se não trata, agora, das atordas agitadoras de mistras Pankrast nos comícios tumultuarizos, que empreteram á justa esumpãda da reivindicação feminista e caracteristica choçante de uma revolta anarchica, que quasi lhe comprometteu o exito justo. O que agora se vê e o propozido Parlamento Inglaz abje suas portas avansarã para no seu recinão augusto receber triumphalmente uma mulher — enviada ás Côrtes, do grãda e victorioso Imperio Britânico pelos vros livres do um circulo electoral popular.

A influencia dos gestos e attitudes do Parlamento Inglaz sobre todos os parlamentos do mundo é insomparavel e evidente. Quer isto dizer que pôdo o Feminismo conter como definitiva e universal a victoria que o telegramma de Londres lhe annuncia, e podemos nós todos estar certos que a entrada da mulher como representante directa do povo para o nosso Congresso, embora uma victoria sonhada, não tardando a vir a realidade quasi immediatamente proximo uma realidade fatal.

Os vros nos assuste a imminencia dessa revolução que se aproxima. Deploravelmente desobedecedores dos phenomenos profundos que se desenvolvem e actuaem nos outros paizes, nós que nãem fomos dados por uma impressão do botucado ancestral assentado á mírgem da corrente e de costas para ella. Não a corrente vem de longe, mas para siem a urgê nos organos resolutivos accompanha.

O voto feminino, que confere á mulher participação directa na vida publica e no governo, não é essa novidade revolucionaria que apavora os espiritos timorados de hoje. Hão do superinduzer-se immensos os que o não seilham, como a maioria dos nossos proprios intellectuaes e politicos não sabem, que já em 5 de agosto de 1391 — no seculo XIV, pois! — já mulheres votavam juntamente com os homens, sendo do notar até uma circumstancia muito interessante — o voto não lhes era apenas um direito, que exercerem ou não, mas era-lhes «obligatorio». Em tempo mais recente, já no seculo XIX — os da Luzes — em que nasceram os tempos de hoje, na Lombardia, até 1805, as mulheres publicas faziam parte dos conselhos communaes. E na propria Inglaterra, donde agora nos vem a novidade senacionalisista, as mulheres já tiveram durante a guerra o direito de voto do mesmo modo que o tinham os homens, para elegerem os deputados dos burgos e das villas, e mais ainda: tomavam assento ellas proprias na Camara dos Pares, que é a dos Lords, até 1690! O mesmo na Belgica, até a Revolução.

O que ahi d'antão já chegarã para embecher de saudavel esperança as nossas patrias, que alimentam os formosos sonhos de suas reivindicações justissimas. Mas, ha mais, e mais recente e mais proximo: ha quarenta annos já que as mulheres votam em vari Estados dos Estados Unidos. Em 1903 a Nova Zelãndia, em 1913 a Australia do Sul, o Canada, reformaram suas constituições, concedendo o direito de voto ás mulheres.

Como se vê, apesar de notavel, não é rigorosamente original a innovação noticiada pelo telegrapho como resolvida pelo Parlamento Britânico. Mas isto não lhe desmerece a importancia. Porque esta lhe vem não apenas da conquista de um direito em si, mas do Parlamento que nos tempos surpreendentes de gigantesca transformação politica actual se encontra a fazer esse direito, reconhece-o, proclama-o, e confere a victoria.

A Inglaterra é a mestra e a «clãude» das instituições parlamentares do todos os povos livres do mundo. Bem zeto temos nós, quando repetimos não a duvida que não temos, mas a pergunta anterior, para que da faccisa mente proxima em que tambem nós teremos reconhecido á mulher brasileira o direito de votar, e ser votada para o Parlamento Brasileiro.

### As doutoras na Inglaterra

A falta de medicos proporcionou ás mulheres a oportunidade de adoptar a profissão medica, sendo a primeira a fazer com vantagem. Centenas de mulheres desmoleculizãs, especialmente enfermeiras da Cruz Vermelha, acabam de concluir com distinc-

ção o curso medico, para o qual, aliás, levavam diploma de experiencia adquirido durante os annos da guerra, em trabalhos fatigantes e perigosos.

A crise de medicos na Inglaterra é proveniente da guerra, pelo um grande numero ficou sepultado nos campos de batalha.

Antes da guerra, as mulheres inglesas gozavam de algumas facilidades para adquirir o grau. Não obstante o numero de mulheres se aproveitaram das regalías offercidas foi diminuto. O despeito da concorrência levou os medicos a se pronunciarem contra a immixção das mulheres no exercicio da sua profissão e assim, por todos os meios, procuraram annullar as vantagens que lhes eram offercidas.

A guerra veio provar que elles se enganavam, pois, não é possível descrever fielmente minuciosamente, os relevantissimos serviços prestados pelas mulheres nos serviços da Cruz Vermelha, e, hoje, em todas as escolas e universidades da Inglaterra, que antigamente se oppuzham á admissão de mulheres para o estudo da Medicina, todas as portas se estão franqueadas. Numerosos hospitais e estabelecimentos de saúde, onde todos os medicos eram homens, as mulheres occupam os seus logares. Além disso, foi creada uma secção especial para a qualificação de todas as mulheres que exercem a profissão medica. Postos de saúde, postos de socorro, estáo cheias de doutoras. Em toda a parte ellas têm vencido, excepto nas Universidades de Oxford e de Cambridge, as duas unicas da Inglaterra, que persistem em não lhes abrir as portas.

**Feminismo militante**

Após a grande guerra, na complexidade dos grandes problemas sociais que tomaram mais vulto, um se destacou impo-ndo-se decisivamente: o feminismo militante.

Até antes da configuração mundial, as necessidades da mulher, as suas aspirações eram encaradas com indifferença pelos estadistas, guiados ainda por theorias retrogradas e anachronicas do designações physiologicas e mentaes, precedidas pelos filozos scientificos. Durante a tremenda tragedia, que convulsionou o mundo, arrebrandando os homens para o campo das batalhas, a acção da mulher ampliou-se, estendendo-se até á direcção immediata dos negocios politicos e á actualização efectiva nos cargos civis e administrativos. Isso demonstrou que a actividade feminina tinha uma applicação pratica notavel e a sua collaboração era necessaria no Estado.

Por outro lado, terminada a guerra, e voltando os homens aos seus paizes de origem, estabeleceu-se o conflicto, querendo estes a sua reintegração nos cargos. Deseo mal estar surgiu a necessidade dos governos lançarem um olhar mais demorado para o problema que agora tomara um caracter eminentemente serio. Da analyse dessa questão só saíram a mulher. Na Inglaterra, na Belgica, na Austria, na Polonia e na Italia profundas modificações foram votadas, dando ás suas leis uma elasticidade que nunca haviam tido.

E' assim que o governo de Roma, cogitando da capacidade juridica da mulher, teve que reaver seu Código Civil, modificando-lhe os artigos, e introduzindo-lhe as seguintes reformas:

“Os artigos 134, 135, 136, 137, e a primeira parte do artigo 1.794, do Código Civil, são revogados”.

Art. 1.º — Os artigos 1.105 e 1.107 do Código Civil são revogados no que se refere a nulidades por falta de autorização marital, salvo as disposições contidas no artigo 8.º da presente lei.

Art. 2.º — O artigo 13 do Código do Commercio fica substituído pelo seguinte: «A mulher que vende somente as mercadorias do negocio do marido não é, só por isso, comerciante».

O artigo 14 do Código do Commercio fica revogado e tambem o artigo 15 do mesmo Código, na parte a que se refere ao assentimento do marido.

Art. 4.º — A Primeira parte do artigo 252 do Código Civil fica modificada pela seguinte: «São consultas de direito e não fazem parte do conselho de familia em outra qualidade: 1.º, os ascendentes do menor; 2.º os irmãos e as mães germanas; 3.º, os tios e as tias».

Fica revogado o numero 1 do artigo 278 do Código Civil. No numero 1 do artigo 279 do mesmo código, são supprimidas as palavras que possam ser tutoras.

Art. 5.º — O direito de opposição do marido, do que trata o artigo 11 da lei de 27

de maio de 1875, no numero 2.775, e o artigo 9.º da lei de 16 de junho de 1888, numero... 5.514, são abolidos.

O artigo 12 da lei de 17 de julho de 1890, numero 6.572, fica revogado, e, além disso, qualquer outra disposição contraria á presente lei.

Art. 6.º — O artigo 10 do Código do Processo Civil fica revogado quanto ao que se refere ás mulheres.

Art. 7.º — As mulheres são admittidas, com iguaes direitos aos dos homens, a exercer todas as profissões e a exercer todos os empregos publicos, excluidos somente os que não lhes forem expressamente permitidos por lei, os que impliquem a adopcão de publicos jurisdicções ou o exercicio dos direitos e dos poderes politicos, ou que se relacionem com a defesa militar do Estado, de accordo com a especificação que será feita em regulamento á parte.

Art. 8.º — No setos praticados por uma mulher casada, antes de dia de entrada em vigor da presente lei, não podem ser impugnados por falta de autorização marital ou judicial, si a relativa acção não houver sido proposta antes do referido dia.

Como se vê por essa synthese, a posição juridica da mulher, perante o Código italiano, é quasi identica á do homem. Os juristas e estadistas italianos desataram-se dos apertados liames de preconceitos que a envolviam, tolvendo-lhe a liberdade.

Demais ellas entra como membro consultivo em conselho de familia, o que lhe adquire uma função que, no tempo do direito romano estava adscrita ao «pater», estando então, quando casada, apenas no logar de filha. Além auto e tirido conservou para os homens os cargos de representações politicas e de acção militar. Pouco a pouco, porém, a acção do feminismo se estenderá até essa parte da actividade politica do Estado. Não ha de faltar, entretanto, o direito de voto, com o intuito de demonstrar que se lhes fosse permitido votar, a sua influencia torse alterado o resultado dos pleitos.

Na França as coisas caminham em equal passo.

Tendo sido a França a unica nação europeia que se recusou a conceder o direito do voto ás mulheres, as patriotas resolveram convocar uma reunião para promoverem uma eleição, não official, a 16 de Novembro, época em que se realizaram as eleições parlamentares, com o intuito de demonstrar que se lhes fosse permitido votar, a sua influencia torse alterado o resultado dos pleitos.

Essa eleição experimental das mulheres paralizou os meios exclusivamente masculinos, em virtude da impossibilidade de se instalar um mecanismo eleitoral em todas as partes da França. Entretanto o pleito feminino que se verificou na capital de França, servirá de base para um calculo aproximado de influencia do voto feminino em todo o pais.

As mulheres francezas sentem-se numa posição humilhante, relativamente ás mulheres de outros Estados europeus, que podem levar o sua vontade a decidir as disputas electoraes. A questão do voto feminino foi rejeitada pelo Senado francez, depois da Camara ter-lhe approved como lei.

As nações europeas que concederam o sufrágio feminino são a Gran Bretanha, a Islandia, a Hollanda, a Belgica a Alemanha, a Austria, a Polonia, a Bohemia, a Hungria, a Transylvania, a Noruega, a Suecia, a Finlandia, a Bessarabia, a Rumania, a Italia e, recentemente, a Hespanha.

As mulheres francezas declaram que o Senado de França, evidentemente, faz menos caso da intelligencia da mulher franceza do que esses outros paizes.

Além da França, os paizes europeus em que as mulheres não votam são Portugal, a Suissa, a Servia, a Rumania, a Grecia, a Bulgaria e a Turquia.

Diante disso, as mulheres francezas dizem que o Senado as colloca no mesmo plano em que se encontram as mulheres dos grandes Estados Balcnicos, o que constitue um insulto e falta de consideração á sua intelligencia.

Asseveram que, apesar de se terem sacrificado de todos os modos durante a guerra, o Senado as priva actualmente de direito de participar dos trabalhos de reconstrução, impedindo-as de votar nas eleições parlamentares. Fazem notar que a França é o unico grande pais europeu, que será governado durante o periodo da reconstrução por um Parlamento constituído somente por homens.

A Liga Nacional do sufrágio feminino envia a todas as mulheres de Paris as listas

des nomes des candidatas para as eleições de domingo, pedindo que votem apenas nas candidatas apontadas e cujos programas correspondem ás idéas das mulheres francezas.

A sra. Jules Siegfried, presidente do Conselho Nacional das Mulheres Francezas, elaborou um programma politico, cujos pontos principaes são os seguintes: — 1.º — Realização pelo Senado da lei que concede o sufrágio feminino; 2.º — Suppressão da incapacidade civil para as mulheres casadas, concedendo-lhes tambem a conservação de sua nacionalidade de origem e a igualdade de direitos entre homem e mulher, sobre seus filhos; 3.º — Igualdade entre homem e mulher quando á adopcão de qualquer carreira. Finalmente, o programma de sra. Siegfried, pede a reforma social, incluindo-se o combate contra a tuberculose, o melhoramento das condições de trabalho para as mulheres, leis regulando o trabalho dos menores e outras alterações, em que o elemento feminino está, directamente, interessado.

A aspiração das mulheres francezas é justissima e não poderá deixar de constituir, em breve, uma victoria. Nois tempo cheguo. Mas não se desanimem as mulheres de grandes problemas no Brazil?

**As mulheres e o jornalismo**

Dia a dia, na rosa imprensa diaria, apparecem novas nomes femininos subvertendo bellos artigos, que honram sobremaneira as brilhantes penhas que os escrevem.

Como se sabe — e ha mesmo uma phrase a consagrar a «imprensa» antigo e quarto estado o melhor vehiculo para a propagação dos bellos ideaes do feminismo é a imprensa.

Nessas condições é com prazer que vemos a acção fecunda dessas vocações, saindo a campo para a lucta, nas frentes distintas do periodismo nacional.

Entre nossos leitores ha muito bellos escriptas, forradas de solida cultura e dotadas de raras aptidões literarias que deveriam ser vehiculadas para a imprensa. Se já

Na nobreza da causa, com a elevação de espirito que a perpendicular em que mantêm nossas bellas patriotas, a sua actuação no campo social seria effectissima. Porque não tornam mais effectiva essa collaboração?

Mã  
Nutrição e  
Fraqueza  
Organica:  
Destes males é do que soffre meia humanidade. O remedio é alimento e medicamento, como se combinam perfectamente na  
EMULSÃO de SCOTT

## LIVROS NOVOS

*Vida e sonho.* — Carlos Magalhães de Azeredo — Rio-1919.

O nome do nosso Embaixador em Roma, o delicado e perfeito artista da rima, Magalhães de Azeredo, dispensaria por si só qualquer preceção de seu novo livro de versos: *Vida e sonho*, com que acaba de brindar-nos, regamente. Em S. Paulo, foram feitos os seus primeiros carmas. Aqui, durante a sua vida académica, na velha casa do largo S. Francisco, desabotoaram as suas primeiras emoções em versos surfulgentes que já desatavam o futuro grande poeta, gloria da sua patria e da sua geração. Como Castro Alves, Alvares de Azeredo, Bilac, e tantos outros de nossos cantores, foi a poesia natural de nossa terra, a bruma de phantasia que envolve as noites da Paulicéia, a primeira inspiradora de seu cetro. Deve o poeta a S. Paulo, que ainda agora acaba de visitar, após longa ausência, a sempre deusa creatora do despertar de novas illustres: deve S. Paulo a Magalhães de Azeredo o amor que continuou a cultivar á sua «terra de primaveras». E como diz bem a sua sensibilidade distincta, fidalga atica, que sabe crear quadras de um classicismo perfeito, com o nouso natureza calma, tranqüille, sem os ardores tropicaes de outros poetas do paiz, e com a grande poesia sonhadora que nos infiltraram no sangue as aventuras dos nossos bandeirantes!

E, já que tocamos no seu classicismo, detenhamo-nos neste passo, a que mais distingue a sua arte elevada de intençaõ, fútilada de forma, rica de uma fantasia opulenta, admiravel e perfeita no seu rythmo, no seu traçar, na menor de suas attitudes. De-nos a impressão de um artista da Hellade gloriosa. Tudo nelle é desejo de perfeição e de harmonia. Mesmo quando a musa ri, quando a musa brinca, é ainda a impressão de uma fria grega, de figurilhas animadas que beilam nuno ferealis, a impressão do movimento agil, da tunica transparente abrindo-se á brisa, do gesto côr do rosa a pintar uma aquarella no epaço, na eurhythmia da dança... Que suave frescor, que delicias suaves, que simplicidade de perfume, de frota em de flor, em *Joia escordida*, por exemplo. Sentam-se palmas alegres de alvizar, a algarazia ingenua de um amor risinho, de amirni pompeanos, naquella exclamação:

... como citação  
que encontrou a brincar  
um ovo de canario em seu dotado ninho  
gritai: "Um lunar! Um lunar!"

E se pôde requerer quadro mais admiravel como matizes, como distribuição de tintas, como esmero de fundo de que aquelle *Quadro de genero*. Sentem-se a gente ali, integradamente ali naquelle silencio de recanto de bosque, no qual

Souso a surdina da agua, e um raro trilo  
vago, e o baque de algum frute maduro  
caindo, nada o silencio alto e puro  
perturbado do igneto, ideal asylo...

Quanta synthese ampla e evocativa de mil coisas está nestes poucos, serbios e modulares versos! Quem não sentiu já alguma vez esse recanto assim placido, silencio, no qual se ouve apenas a surdina de uma agua proxima, um raro estalido, e o baque de uma frute que cê? E aquellas deliciosas quadras, das quaes é a primeira:

Passai na sombra, sombras amerosas,  
em velupia frumete em languido desmaio  
enlaçadas, colthendo em emagando as rotas  
brancas e rubras deste fim de malo...

Mas fica-se num deslumbramento tal por entre tantas e tantas, tão variadas e tão perfectas bellezas da *Vida e sonho*, que se tem a confusão chromatica de quem visita por uma manhã de sol uma galeria celebre, na qual se succedem tantas maravilhosas. A primeira visita é uma visita de impressionismo alvoroado a surpresa, que não deixa analizar. Foi o que se deu conhecendo: fechamos *Vida e sonho*, depois de sua ultima pagina, com a retina delirando, de tanta côr, com os ouvidos alucinados de tanto harmonia... Não pudemos colhar impressões distinctas: é tudo uma só belleza. Aliás, não seriam bastantes as poucas linhas de uma noticia para se fazer o estudo de uma alma como é de Magalhães de Azeredo, e de uma arte tão perfeita, tão minuciosa no seu acabamento e tão rica de todas as qualidades que se pedem ao verso. Limitamo-nos, pois, a agradecer ao poeta, que nos honra com sua collaboraçaõ, a offerta que nos fez.

*Rythmo e idéas* — Luiz Murat — Rio-1920.

Dia feliz aquem em que recebemos, depois do livro de Magalhães de Azeredo, a que acima nos referimos, uma outra joia de inestimavel valor, qual O *Rythmo e idéas*, o ultimo livro de versos de Luiz Murat, um dos nossos grandes cantores, e poeta admiravel das *Ondas*, cujo marejar até hoje eca no espirito dos que um dia se deixaram arrebatar por aquella feguidade de estro, por aquellas perspectivas hugoanas, como amplidão, por aquellas apezuras de caricias, que eram bem humanas, bem raras, bem vividas.

Infelizmente, o novo livro de Murat abredeca a uma philo-  
sophia, que não é a que constitue o programma desta *Revista*, e sendo assim, temos que discordar do fundo, do *substractum* de sua nova poesia. Mas não quer isto dizer que a nossa orientação philosophica per ser discordante, em essencia, nos prohiba de gozar todas as bellezas de metro e de forma que se encontram no seu novo livro. Murat é dessa geração gloriosa que produziu Vicente do Carvalho, Bilac, Alberto de Oliveira, Augusto de Lima, Magalhães Azeredo e que até hoje detem a «taga» do campesinato do verso, si nos permittem aqui uma expressão que o nosso luter despetivo vae, com outras, exortando ao venaculo. Neste seu novo livro, Murat, ainda é o mesmo grande poeta. Sua inspiração, tem ainda as grandes vibrações passadas. Sua perspectiva, a mesma applica-  
ção. Seus brados, o mesmo vigor. Sua harmonia, a mesma taude feita de força e de natureza. E ha momentos em que o poeta nos volta, despedido de suas novas injunções scientificas, naquellas suas grandes sentos impulsivos, que fazem a belleza epica de seus poemas,

Do antigo rito o sóz perdure... O pensamento  
Não é mais do que fat. Luz, em lole immergia,  
E, em vez da rúa aprae, oom rumo ao firmamento,  
Desviou-se de rotato e nos paratê calu.

Nas trevas em que jaz, agora, sepultado,  
Que vè, que ouve ou que mão lhe guia o passo incerto,  
— Espirito alterado

'Pelas sombras da noite e os ventos do deserto?

Luta! Não olhes como. Arca por arca. Fende,  
Retalha a pedra, abate o muro, investe a torre.  
E pelo epaço além, o teu dominio estende:  
Continúa a lutar quem pelejando move.

Nestas quadras sente-se ainda integral a vida, a energia, a força de seus antigos poemas. Separe-se para a belleza rude e imponente de esculptura de carnis, lavrada a scopo vigoroso, dos dois primeiros versos da ultima quadra:

Luta! Não olhes como. Arca por arca. Fende,  
Retalha a pedra, abate o muro, investe a torre.

Não entrames aqui a analizar a nova orientação philosophica de Murat, apenas com prazer constatamos que seu estro continua a assegurar-lhe um dos primeiros lugares entre os nossos maiores poetas.

*Terra Natal* — Poema de Ferreira Itajubá.

Se uma coisa vem recommendar a «Terra Natal», poema longo e massudo de sr. Itajubá, é incontestavelmente a typographia em que foi impresso. Optimo papel, impressão optima, bella e singela capa, tudo prova que Natal dispõe de estabelecimentos gráficos modelares.

Outro tanto não podemos dizer dos versos. O poeta canta, romanticamente, a sua Branca, e para fazel-o, em metro variado, repete pela centesima vez, em technica arcaica, as gatas inassequas rimadas por duas gerações de vates choramigos.  
O que alicia a arte de sr. Itajubá, além da meotonica monotonia dos seus alexandrinos, é a pobreza das rimas. Logo no interior do poema: «tristuras», «toruras»; «suavitates», «fulgurantes»; «brincando», «desfolhando», etc. Assim vae o poeta, pelas com paginas afóra, até que o leitor, cansado de tanto verso, fecha o livro e vae tratar de fazer coisa mais proveitosa.

*Comemorara* — Versos de Aprigio de Oliveira — Parahyba do Norte.

Um bello poeta. E' verdade que, neste maravilhoso paiz, como a guazima, o verso floresce com uma feracidade tal que o alface da critica mal tem tempo para acilar e jeiarir tão fecunda seara. Muita heva ruim vem de mistura com brastões de flores. E, se torvelia da colheita, na suca da colheita, muita planta inutil passa para a tulha da gloria, e lá viceja — cado inutil e agreste — ou mais da bella o rica floração dos talentos verdadeiros.

Noutros poetas, como esapo não respigado, ficam encynados, no meio das multidoes, sem que os seus canticos commovam esta mulher caprichosa e impiedosa que é a Gloria.

Aprigio de Oliveira, que nos manda de tão longe as suas rimas, é um bello poeta, que, infelizmente, tem uma preoccupação que lhe põe jevas na arte — a massa das rimas raras.

Esse tempo da precisissima verbal, que teve o seu fulgor com o parnasianismo arrevedado e luxurioso de Alberto de Oliveira, sacrificia a simplicidade torosa em que deve paizar o pensamento. O neo-romantismo em que cahimos, deu á arte dos «novos» este bello canho lyrico, que flue crystalinamente, cheio de graça e de sentença... O contentorismo verbal, o malabarismo das rimas está revogado do codigo do bom gosto. A' esthetica hodierna, caprichosa e variavel como os figurinos, repugna esta tortura, que faz o poeta, pelo gosto de architectar precisiosimos, dizer o que não sente. Em todo o caso, o sr. Aprigio d'Oliveira, e não de Oliveira, como todo o mundo, é um poeta apreciavel. Eis, da sua *lys*, um bello soneto:

## DEVANEIO

Do moite, estande só, fico pensando  
sem phrases que de dia preferiste,  
E falo a mim sómente interrogando  
si acaso o mesmo amor em ti persiste.

Horas inteiras passo meditando:  
sorrio se me lembro que sorriate  
e choro si tambem me vou lembrando  
que, enfiada comigo, entraste triste.

Mas o meu pranto rapido se cala,  
que um grande amor por mim tu me revelas  
pelo olhar, pelo gesto, pela fala...

E eu sei sonho então com a egraja toda alvina,  
o padre ao altar-mór... a aliança... as velas...  
só de joelhos... O resto se adivinha.

*Poemas e Canções* — 4.ª edição  
— Vicente de Carvalho.

A Casa Editora «O Livro» em boa hora lembrou-se de publicar mais uma edição do victorioso livro de versos de Vicente de Carvalho.

De ha muito a 3.ª edição se havia exgotado e dia a dia era procurado em todas as livrarias do paiz. Esta quarta edição vem enriquecida por novas composições poeticas de grande vate patrio, e é rica de trezetas e tantas paginas, todas nitidamente impressas.

*Mal-me-querer* — poesias de Adal-  
zira Bittencourt.

D. Adalzir Bittencourt acaba de publicar um pequeno livro de poesias, de «versos felizes pela sua graça ingenua», como bem disse seu grande professor Vicente de Carvalho, livro de um lyrico despretençioso, que revela bem a sensibilidade delicada de sua gentil autora.

Perpua por essa braçada de rimas, como um perfume de vislatas, a simplicidade das realizações espontaneas, que não florescem em pretensões de conquistas definitivas no campo das letras nacionaes; o livro, todo talhado na graça meigo dos primeiros sonhas da vida, tem esse delicioso sabor de ingenuidade, de singeleza, de sympathia, que é o troco native da poesia verdadeira. Sua autora cantou paesagens das suas emoções interiores, não com o artifício dos esthetas bizarros, mas com a simplicidade infantil de uma criança, que nasce falando em versos.

A flora de estrophes, — essas brancas «Mal-me-querer» — ás vezes rebenta da phantasia da autora com um viso pujante, encerrado idéas que, se a sua realização não as estrema em toda a sua profundidade, entretanto avozam na alma de quem as lê muita coisa, que fica a germinar espontaneamente, como quando piata assim a lagrima materna:

... e na gotta do lagrima veloz  
Do coração materno toda a magna,  
Como na hostia, o Corpo de Jesus.

Apesar do ultimo verso estar feiço, o pensamento é tão alto e nobre, que a gente fica a ricimar em toda a grandeza infinita dessa pequenina lagrima, que como a hostia pôde conter o corpo do Rabbi leouo.

Vede esta interessante synthese da philosophia universal, dessa Davida enorme, que brota do tumulo e que por Hamlet a scismar sobre o enigma profundo da morte:

Viver:  
— Chorar,  
Soffrer...  
Morrer:  
— Tornar  
A ser.

Sete palavras: em tão pouco epaço cabe toda a vida!  
Agora, para darmos ás nossas leitoras uma amostra do seu lyrico ingenuo, transcreveremos «Os tres terricos», bellas estancias que symbolizam tres estados d'alma:

## I

Num herco leve de arminho  
A linda resem-nascida,  
Como avenhua no ninho,  
Como gatil parasilho,  
Ella sorri para a Vida.

## II

Tres lustros já são passados...  
Na mocidade inda em flor,  
Nos annos inda em verdor,  
Com sorrisos enantados  
Ella sorri para o Amor.

## III

No emtanto, no fim da vida,  
Nesse doído transporte,  
Quando a Parca, foragida  
Chamava-a com voz doída,  
Ella sorri para a Morte.

Bellas versos. Proumiera estufa. Com mais algum tempo, a lyra de D. Adalzir Bittencourt nos dará certamente, livros que ficarão nas nossas letras, como lindas expressões da cultura de Mulher Brasileira.

Recebemos:

*Cultura Venezuelana* — revista mensal publicada em Caracas Venezuela. Interessantissima revista de arte, sob a direção do sr. José A. Tagliarero, contendo collaborações das melhores pennas mundiciaes.

*Mercurio Peruano* — revista mensal de sciencias sciases e letras, dirigida por Victor Andres Boleudo, publicada em Lima, Perú, onde se lêem interessantes estudos de Pedro Trigoysa, Luiz Gzenzo, Armando Godoy, Carvajal, etc.

*Mujer Moderna* — importante revista dedicada á mulher americana, onde se destaca o estudo de Ceime A. Zapa, sobre «Os direitos da Mulher».

*La Mujer del Siglo XX* — revista defensora dos direitos da mulher, publicação quinzenal de S. Juan de Puerto Rico.

*Pelas Florestas e pela Instrução* — eloquent e bem pensado discurso pronunciado pelo prof. Francisco Damante, por occasião da festa das Arvoras, realizada este anno em Nazareth.

*Rassegna Nazionale* — uma das mais importantes e bem feitas revistas literarias e sciases da Italia.

*Atlantida* — a magistral e popularissima revista portugueza, impressa em Lisboa.

# JARDIM FECHADO

(Nesta secção publicaremos pequenas communicações de nossas leitoras, bem como produções litterarias que não excedem de 30 linhas em prosa e de 14 em verso.)

É nosso intuito desenvolver assim o gosto litterario entre as leitoras e facilitar-lhes uma correspondencia util e interessante. As produções litterarias deverão ser assignadas, sem o que não serão publicadas.)

A' Bandeira

Salve, querida bandeira! Tempo sagrado, esperança do futuro e gloria do passado!

As tuas cores que representam?

Nellas que vemos pintadas?  
A tinta verde, mais do que as tuas matias, representa a esperança sacrificada sobre as cinzas da mãe afflicta que ha muito não vê o filho amado.

Quem sabe se a corção da esposa, ou melhor talvez a corção da noiva que espera ansiosa pelo noivo idealizado, que ha tempos luta pela tua gloria no campo da batalha!

Um dia, verás por certo, bellissima bandeira, orphans, viúvas, noivas, beijarem-te sorridentes, embóra tremam a corção despedaçada pela dor, porque tu só deves ser rasgada na ponta das bayonetas defendida heroicamente pelas teus filhas, ou então ser abençoada em todo o recanto do mundo, oh mãe brasileira!

No teu amarello, não vemos só o ouro, mas vemos o sol que nos alumia todo o dia, vemos o trabalhador no campo, de enxada em punho, o militar exercitando a espada, o mestre o livro, o escriptor a penna, tudo pela gloria do Brasil!

Do céu copieste o azul invejado, copieste mais a cruz — simbolo da caridade, que bem demonstra como tu és hospitaleira, querida terra!

Emfim, bandeira adorada, smote na dor e na alegria, venero-te na paz e na tormenta, em ti vejo o infinito, as glorias do Brasil, o triumpho do passado, e a esperança do futuro!

Mocionette.

Alby,

Cabe-me hoje o prazer de responder ás tuas questões:

O magisterio é uma missão sublime e ao mesmo tempo está pibho, parecendo-me muito mais adequada á mulher, em pro da infancia, apesar de haver quem affirme o contrario. E' a elle, pois, que eu dedico e consagrarei sempre minhas forças e o meu amor que visam um ideal sublime: «Fazer dos meus alumnos verdadeiros patriotas, cidadãos honrados!»

E quanto não faria si me tornasse porventura rica!

«Minas é um povo que se levanta», dizia o nosso inolvidavel presidente, Dr. João Pinheiro da Silva, mas internamente por estas matias espessas, percorramos estes arraialinhos e quantos analphabets encontramos ainda! Quantos «Jeca Tatú» que não sabem e nem podem delectar o doce prazer de dizer a certo solo que pisam, a esta terra que lhes dá o alimento «da minha patria!» Quantos espirites intelligentes e habéis vivem sujeitos a um trabalho duro e pesado porque desde a infancia estao sob o jugo do analphabetismo, impossibilitados de exercer alguma outra profissão, ficando assim muito aqnes do que poderiam ser! Pois edificaria com o auxilio da Camara um predio proprio onde funcçionaria uma escola nocturna para ambos os sexos, dirigidos por mais algumas mestres que eu formaria, indemnizando-lhes o trabalho, para tirar das sombras espessas do analphabetismo tanto espirito paladino de luz. Dirigiria tambem um curso diurno para as crianças! Oh! parece-me até ouvir aquellas vozinhas entoando á nossa patria o Hymno Nacional...

27-11-1919.

Sertaneja.

Tendo-me interessado muito pela pergunta feita no ultimo numero, pela gentil amiguinha do «Jardim», passo a responder-a:

Qual a maior felicidade?

A maior felicidade consiste em cada um se julgar feliz.

Isto parece, entretanto, ser um tanto difficil.

A auto-sugestão, neste caso, produz effeitos maravilhosos. A' custa de nos dizermos felizes, já nos sentimos alentados, confortados.

Mas, isto não é sufficiente.

O grande segredo da felicidade está em esquecer-mo-nos de nós mesmos, em arrancarmos do nosso coração este egoismo que nos impelle, a despeito de tudo e de todos, a buscar a felicidade exclusiva do nosso «eu», e finalmente em termos a illusão de que fazemos os outros felizes.

Helena B. Marques.

S. Paulo do Maranhão, Minas.

Amiga Dasy.

Saltzando ao seu pedido, venho indicar-lhe dois livros que, ao meu ver, saltizam inteiramente a sua curiosidade.

Não se lembra a boa amiguinha de um jornal utilissimo para nós e que ha annos deixou de existir — «A Estação»?

Pois o complemento deste precioso jornal — o «Tratado de trabalhos de agulha» nada deixa a desejar.

Si a amiguinha trouxer bem o jancetz, deve adquirir a «Encyclopédie des ouvrages de Dames» de Th. Dillmore, que é um volume de 742 paginas, illustrado de 1. 107 gravuras e de muitas estampas coloridas.

Adus! Disponha sempre da professora —

Mme. Costa

A' Nair Veiga envio este soneto de Olegario Maranhão, que acho muito lindo.

Guimar M.

A saudade da Espingue

Entre álamos na linda calma luminosa  
Da Luz que põe na relva arabescos de renda,  
Demoro o olhar nessa figura silenciosa  
De Espingue. E' a vida. A Vida morta sem legenda.

Ao vel-a envolto assim num mysterio de lenda,  
A alma sente vibrar qualquer coisa grandiosa;  
Não vem ao mundo olhar que aquelle olhar comprehenda  
Immutavel, na sua expressão dolorosa.

E' o Passado. E' o Presente. E' o Futuro. E' o Desejo.  
E' a Vida emfim... Em tórno ás arvores sadias  
Mandam-lhe em cada folha a caricia de um beijo.

E emquanto os vegetaes na luz poente se douram,  
A Espingue guarda ali nas orbalhas vasias,  
A saudade immortal de um olhar que se foram...

A proposito da pergunta dirigida por «Paraguassú» ás collaboradoras d'esta secção: — Qual é a maior felicidade? — redigi estas linhas.

Cada qual comprehende a felicidade a seu modo e a define diversamente. Portanto a maior deve ser a que comprehendemos como verdadeira; e essa esta' em nossas mãos, fazemol-a nós mesmos.

A verdadeira felicidade consiste em saber viver.

Cada qual tem na vida uma parte maior ou menor de felicidade. E' preciso pois apreciá-la devidamente.

Ninguém a possui completa, por isso que ninguém se julga feliz. Somos todos incontentáveis. E no entanto, é um absurdo julgar alguém que pôde gozar de uma felicidade perfeita. E' uma fraqueza, e uma fraqueza commum, digamos mesmo geral.

O mundo não é um paraíso, muito ao contrario. E por isso mesmo a felicidade que nos couber, por pequena que seja, deve ser considerada sufficiente para contrabalançar as contrariedades. Devemos analysar as circumstancias em que ella se nos apresenta e saber aproveitá-la. Assim tambem, manter poderoso impetio sobre si mesmo a fim de affrontar com valor os revezes inevitáveis da jornada. A vontade deve sempre triumphar.

E' assim que eu comprehendo a felicidade. Saber guiar cada qual os seus passos nas diversas circumstancias da existencia. Proceder bem para a paz da consciencia, sem fraquejar nos momentos de adversidade, sobretudo tratando-se de nós, mulheres, que somos taxadas de fracas.

E, nos momentos de ventura, saber gozar-se sem egoismo.

— 0 —

— Amor. — Muitas pessoas resumem n'esta palavra o emblema da felicidade. Não ha duvida que possuir o amor de paes, irmãos, esposo, é uma grande ventura. Mas ha tantas outras emergencias nas lutas da vida, em que não nos basta amor para triumphar; em que nos é preciso recorrer a nós mesmas, — não ao nosso coração, mas ao nosso cerebro. Ha momentos mesmo em que nos sentimos na contingencia de dominar o coração pela razão. E é uma luta cruciante!

O amor animá, não ha duvida, encoraja o espirito para a luta. E' mais que agradável, é precioso para nós o sabermos que ha corações a pulsar por nós, pensamentos que nos são dedicados. Mas o eu de cada um de nós é o verdadeiro agente das nossas acções — espelho do nosso caracter.

A verdadeira felicidade consiste na paz da consciencia e no imperio de si mesmo. Uma pessoa que se não domina não pode ditar seus actos nem julgar as acções de quem quer que seja.

Em summa, é preciso saber viver, saber dirigir a barca, pois o mar é trahidor. Apreciar as bellezas que se lhe deparam, gosar, deliciar-se no encanto da paisagem, mas estar sempre prompto para enfrentar com todo os obstaculos que incontentavelmente hão de surgir.

Papillon noir.

\* \* \*

«Recordando...»

Alli, no angulo do seu gabinete de trabalho, na meia luz da tarde, cecidia por stars claras, Raphael se deixara fiar após o jantar, contemplando abortos as espiras da fumaça, que, do seu puro Havana, subiam para o tecto. Voltára, naquella dia, distrahido, e o illo alli, agora immenso em profundo chiarar.

Junto á sua cadeira sentára-se a pequenina Mary, que com o seu papagueir infantil enchia e apontoava de alegria, contando-lhe como Bobé, a sua boneca predilecta postara-se mal á hora do lunch, derramando chá pelo vestido negro. E fallava-lhe dos ganhos, do cósioabe felipudo, afinal, na sua liada ingenuidade, não percebia que o papai lhe não dava attenção alguma, parecendo seahar de olhos abertos.

E' que, com o olhar fixo nas cortinas da janella, parecia ver ainda a figurinha pallida e melancolica que depois de tantos annos o accesso lhe puzera á frente e elle via-se transportado a muitos annos atraz, muito jovem, cheio de esperanças a contemplar em doce enlavo um rostinho claro, illuminado por uns olhos verdes, de um verde de esmeraldas, que constituia, então, todo o seu encanto, a sua desejada felicidade. E perdia-se recordando aquella tempo que lhe parecia tão distante, do qual elle proprio parecia esquecido, e que se lhe desenhava agora tão nitido causando-lhe aquella abstracção e uma como que sensação angustiosa.

Não podia explicar como se passára tudo... e que lhe parecera uma ideal, desahzerá-se subitamente; e elle via-se de repente já casado com a prima, aquella prima por quem nunca lhe palpítava o coração. Procurava afixar na novidade do lar, tudo o que lhe opprimia a alma, e pensava ter conseguido olvidar aquella amór, aquella amór que havia sido o sonho rosado de sua mocidade.

Como se illudira... á simples vista daquella que fôra a imagem desse sonho trouzera-lhe á mente todo o seu passado. E via e revia

por onde quer que ellezse, aquelle rostinho pallido e melancolico, illuminado por uns olhos verdes... ah!... aquelle olhar... como elle se sentia bem gravado em si.

A misticinha de Misy, pousando-lhe os braços, chamou-o a realidade ao passo que aos seus ouvidos chegava-lhe a vozinha da creança que repetia quasi chorando: — Papai, Papai, responde á tua filhaes, que é que você tem, Papai?

A creança caçada do fallar e amedrontada pelas sombras da noite que invadindo o aposento, aproximára-se d'elle e vendo-o, assim immovel a olhar fixamente as cortinas da janella, chamára-o, e como elle não a ouvisse, sentiu vontade de chorar.

Então, Raphael, como que ao despertar de um sonho, sentindo-se livre de um grande pesadelo, tomou a filhaes'em seus braços, apertando-a muito, como a lhe pedir perdão daquella volta involuntaria ao passado...

Pirajuby, Novembro, 1919.

«Rocetrinha»

\* \* \*

Nair Veloz.

Sendo assignante d'esta preciosa revista, e com um immenso interesse, leio a secção que tem por titulo "Jardim Fechado". Noti que sois grande apreciadora de sonetos; li este, que muito me agradou, o qual fez-me lembrar de nós:

Bandolim

"Por uma noite enluarada e fria,  
N'um barco, onde 'eu, scismava olhando as aguas,  
De uma janella, que p'ra o mar se abria,  
Veio um som despertar as minhas maguas.

De um bandolim saudoso e dolorido,  
Certo, mão de mulher violava a corda;  
E então vivi um tempo já vivido,  
— Porque o passado esse instrumento accorda... —

Não vibres nunca o bandolim, senhora,  
Nunca o facais vibrar gemendo assim,  
Pois quando um bandolim palpita e chora,  
Alguem chora e palpita dentro em mim.

Elle nos força a amar o soffrimento  
E traz do céu todos os sons que encerra...  
Depois que appareceu esse instrumento,  
Foi que a saudade appareceu na terra.

Moreira Cardoso.

Violeta Regato.

Recife - Novembro - 1919.

\* \* \*

Nair Veloz.

Ha muito alimentava o desejo de enviar-lhe um soneto, mas hesitava por duas razoes: em primeiro lugar pela difficuldade devida ao numero illimitado de sonetos bellissimos de nossos brilhantes poetas; em segundo pelo receio de enviar-lhe algum que já figurasse em sua collecção que deve ser bastante numerosa.

Afinal escolhi "Esperança" de Vicente de Carvalho o grande Mestre. Aprecio, admiro este soneto, como a todas as poesias desse laureado poeta.

ESPERANÇA

Só a leve esperanças, em toda a vida  
Biafrax a pena de viver, mais nada;  
Nem é má's a existencia resumida  
Que uma grande esperanças mallograda.

O eterno sonho do alma desterrada,  
Sonho que tras ansiosa e embevecida,  
E' uma hora feliz, sempre adiaa  
E que não chega nunca em toda a vida.

Essa felicidade que supponnos,  
Arvore milagrosa que sonhamos,  
Toda arruada de dourados pomos,

Existe, sim; mas nós não a alcançamos.  
Porque está sempre apenas onde a pomos,  
E nunca a pomos onde nós estamos.

Papillon noir.

## Nova Selva

CONTOS - COMEDIAS - MONOLOGOS - RECITATIVOS

*Um livro interessante a  
aparecer—A Moral na Arte*

Está prestes a sahir das officinas do «Estado de S. Paulo», impresso em optimo papel "glacé" e rico de "clichés" admiraveis, um livro de contos que marcará uma epoca nas letras do paiz.

Seu titulo é «Nova Seiva». Diz bem o nome, que baptisa essa braçaa de novellas moraes e recreativas, a seiva da alegria que trará á alma da nossa mocidade.

Podemos afirmar, sem temor de engano nem medo de sermos immodestos, que a «Nova Seiva» é um livro unico no genero, tendo sómente como emulos esses bellos livros que se publicam na Hespanha e na Italia, e que jamais tiveram similares no paiz.

A litteratura infantil, sadia, moral, instructiva, resentia-se da falta de um trabalho bem feito, bem impresso, ricamente illustrado, que levasse á cultura da nossa mocidade, além dos ensinamentos de honra e de bondade, o gosto pela belleza e pela arte. Um preceito moral escripto em lingua defeituosa, se insinua a recitidão do caracter, perverte a arte da linguagem. E os brasileiros devem zelar contemporaneamente do seu espirito e do seu idioma.

A influencia que os contos têm 'produzido na formação do espirito da mocidade é tão grande que os governos têm cuidados, pelos seus pedagogos, da organização de livros da especie deste que hoje annunciamos; entre nós esse cuidado fahou e é por isso que, nos nossos lares, o que se lê são lamentaveis historias da "Carochinha", quando não são os "Testamentos dos Bichos" e outras leituras desse jaez.

Aleitada com taes trabalhos a infancia, perde ella o gosto pela belleza. Demais, as edições desses livros lamentaveis eram feitos em papel de embrulho, onde as gravuras, pessimamente executadas, mais pareciam garranchos e borrões.

«Nova Seiva» é um livro conscientemente escripto, enriquecido por gravuras magnificas, traçadas pelo pincel e pelo lapis dos maiores artistas do mundo. Os contos, cuidadosamente escriptos, são altamente moraes, tendo vinhetas magistralmente gravadas. A capa, desenhada por Pain, é uma esplendida trichromia, executada por mão de mestre.

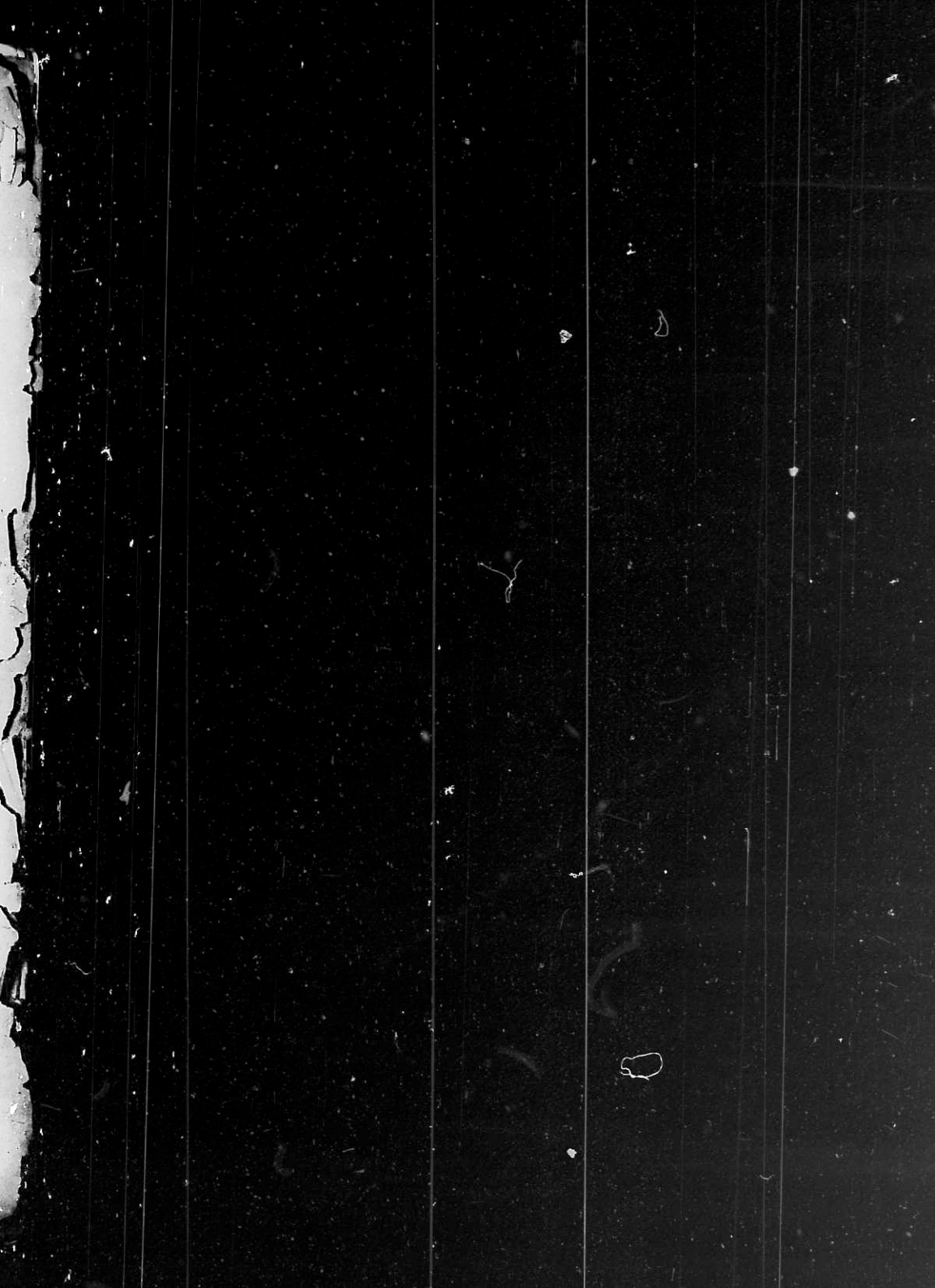
Além de contos e novellas, contem o livro monologos, pequenas comedias e recitativos proprios para serões. Imagine-se o prazer de uma mamãe amorosa, ao ver o seu tenro filhinho, ensaiado por seu carinho, recitar ao papá bellas historias com sua vózinha clara e ingenua; o bem que dahi resulta é enorme. Prepara na creança o dom da oratoria e da palestra, cultiva-lhe a memoria e a imaginação.

Se os contos da «Nova Seiva» são dedicados á mocidade brasileira, tão bem feitos são elles, tão artisticamente concebidos e escriptos, que a sua leitura é um regalo mesmo para os adultos.

O livro deve apparecer brevemente e desde já accetamos encomendas e pedidos. A edição é da «Revista Feminina», que se esmerou em apresentar ás suas leitoras um trabalho digno da attenção que sempre lhes têm merecido.

Preço: 5\$000 — correio, registado, mais 1\$000.

Peçam á «Revista Feminina» a «Nova Seiva». Ella, como a seiva nova para as plantas, ha de trazer alegria ao vosso lar.



Único depositário para o  
Brasil:  
**Empresa Feminina**  
**Brasileira**  
Praça Antonio Prado  
S. PAULO



(TRICALCICAS)

Antes do mais:

*As pastilhas Americanas Tricalcicas do Dr. Malcom não são uma panacéia. Trata-se de um producto químico definido cujos elementos principais assim se descompõem: (Ph. 2 02) Ca<sup>m</sup> (Ph. 04 2 Ca 3 adicionadas de seivas vegetaes, estimulantes da função histológica e que lhe fornecem em outro elemento (Fe 0,3 m 4 1/2 0) vegetal e facilmente assimilavel, constituindo o fôrma gástrica, além de princípios aromáticos e fibrosos cerri (Ph. 1/2 02) Ca<sup>m</sup> (Ph. 04) 2 Ca 3<sup>m</sup> (Fe 0,3 m 4 1/2 0).*

*É uma fôrma de calcificação intensa do organismo com absorção facilitada pela vehicleação das seivas vegetaes. Trata-se portanto de um medicamento de reais resultados em todos os vícios da nutrição.*

(Relatorio dos Drs. FOX e CHAMPBELL)

A cura tricalcica do Dr. Malcom deve durar pelo menos dois mezes, é por este motivo que as suas pastilhas são entregues ao publico em tubos de 50 ou 100, o que naturalmente lhes eleva um pouco o preço, mas em compensação faz-se a cura sem necessidade de estar repetido, os pedidos de medicamentos.

Ha outros preparados que custam aparentemente menos; são porém vendidos muito de industria em pequenos vidros, que obrigam o doente a repetir a despeza cada semana. Demais as Pastilhas Malcom não são um producto commercial no qual se sacrificam às vezes certas exigencias de technica, para diminuir o preço.

Trata-se de um producto medico, preparado com todo o esmero e que dá resultado.

Em todas as molestias da nutrição as nossas pastilhas devem ser empregadas: Rachitismo, má dentição de creanças, pernas tortas (das creanças) quasi sempre devido á fraqueza dos ossos, escrophulas, lymphatismo etc.

Para o desenvolvimento dos seios as PASTILHAS MALCOM são extraordinarias e temos em nosso poder centenas de attestados de senhoras que, ao cabo de dois mezes, de tratamento obtiveram resultado completo.

Muito uteis na convalescença das molestias debilitantes e para uso continuo das pessoas que se entregam a trabalhos cerebraes exaurientes e que necessitam de phosphoro, bem como, para a fraqueza de qualquer outro organo.

Durante o aleitamento as Pastilhas Malcom são indispensaveis. Fornecem ao leite materno todos os elementos calcicos necessarios á formação do esqueleto da creança.

Preço: Tubo de 100 pastilhas . . . 20\$000

**DOSE:**— PARA ADULTOS. Começar por duas pastilhas a cada refeição durante a primeira semana e augmentar, em seguida, para tres. Para casos simples taes como cansaço cerebral, fraqueza dos moços é bastante metade da dose acima.  
PARA CRENÇAS. Uma pastilha a cada refeição; augmentar para duas ao fim de uma semana. Para creança de menos de 4 annos começar por 1/2 pastilha e continuar por uma.

Pedidos á Revista Feminina

Praça Antonio Prado - S. Paulo

S. P. Mfg. Druggs Co.





Saude de ...

...

—